

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE**

ADRIANA GUARDIOLA LUNARDI

**É O MEIO QUE ME TRAMA: FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PARQUE
ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO**

FLORIANÓPOLIS

2023

ADRIANA GUARDIOLA LUNARDI

**É O MEIO QUE ME TRAMA: FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PARQUE
ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em educação da Universidade do estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em educação. Linha de pesquisa: Educação, comunicação e tecnologia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Hoepers Preve

FLORIANÓPOLIS

2023

Adriana Guardiola Lunardi

É O MEIO QUE ME TRAMA: FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO

Dissertação julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Educação junto ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

Florianópolis, 24 de fevereiro de 2023.

Banca Examinadora:

Presidente/a:

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Hoepers Preve
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membro:

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Nunes Chaves
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membro:

Prof.^a Dr.^a Amanda Maurício Pereira Leite
Universidade Federal do Tocantins – UFTO

Membro:

Prof.^a Dr.^a. Karina Rousseng Dal Pont (suplente)
Universidade Federal do Paraná – UFPR

Dedico esse trabalho aos meus pais e aos meus
filhos, com todo meu amor e minha força.

AGRADECIMENTOS

Ao Grande Espírito que habita o meu ser, inspirando-me nessa caminhada, onde encontrei pessoas especiais, algumas quem eu posso chamar de “estrelas guias” que por muitas vezes iluminaram minha travessia, nos trechos obscuros.

Aos Professores e colegas da UDESC, com quem aprendi sobre geografia e educação, ciência e vida, conhecimentos preciosos, que permitiram-me exercer minha liberdade, autonomia e ter o privilégio de poder continuar meus estudos.

Aos “anjos protetores” que cuidaram de mim durante esse percurso, e quando precisei, carregaram-me no colo nos momentos áridos dessa trajetória.

Ao corpo de educadores do PAEST, com quem tive a honra em aprender tanto no desenvolvimento do Programa de Educação Ambiental do Centro de Visitantes. Agradeço também aos colegas do magistério e estudantes das comunidades escolares onde lecionei e convivi, tecendo minha trama como professora de geografia.

À minha orientadora Ana Maria Preve, que me acompanhou e sustentou nesse trabalho de “ver” para realizar essa pesquisa.

Aos meus irmãos de caminhada que estiveram comigo nas realizações e conquistas dos maiores aprendizados dessa trajetória.

Por fim, à Sumaúma gigante da comunidade de Maguari da FLONA Tapajós, à dona Esmeralda, moradora da comunidade da vila Rayol no entorno do PARNÁ da Amazônia, aos guias condutores ambientais, Gilberto Nascimento e José Orlando Alves, pelas *aulas vivas* nas trilhas das comunidades ribeirinhas das regiões do médio e do baixo Tapajós.

RESUMO

O trabalho realizado nessa pesquisa percorreu caminhos feitos em uma “trilha de longo curso”, na maior unidade de conservação de Santa Catarina, o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. Uma cartografia sobre um processo formativo que ocorreu numa extensa trajetória de experiências e aprendizados no campo de ressonâncias entre o Parque, as comunidades escolares de seu entorno e a Universidade Estadual de Santa Catarina. Os escritos compõem uma série de relatos reflexivos que foram iniciados com a elaboração das questões de interesse dessa pesquisa. As linhas que se tramam nesse emaranhado de aprendizagens, revelaram-se nessa pesquisa por meio de um mapeamento afetivo de memórias, narrativas e reflexões sobre uma formação e uma prática pedagógica. A metodologia que foi sendo construída no desenrolar da pesquisa, sustentou-se no “trabalho de ver”, trazido pelo antropólogo Carlos Castaneda, como uma forma de cartografar sobre as diferentes realidades que atravessam os aprendizados pela experiência. Essa cartografia acompanhou processos que se deram simultaneamente entre histórias de vidas, formação docente e a construção coletiva de um programa de educação ambiental do Centro de Visitante do PAEST. Ao final da composição desse trabalho, as reflexões e concepções foram atravessadas pelas “aulas vivas” em uma imersão no bioma amazônico, na Floresta Nacional do Tapajós e no Parque Nacional da Amazônia, tonificando o aprendizado proporcionado por essa pesquisa em educação.

Palavras-chave: Formação; Educação ambiental; Aprendizado; Experiências.

RESUMEN

El trabajo realizado en esta investigación abarcó caminos realizados en un “sendero con distancia”, en la mayor unidad de conservación de Santa Catarina, el Parque Estadual Serra do Tabuleiro. Una cartografía sobre un proceso formativo que transcurrió en una larga trayectoria de experiencias y aprendizajes en el campo de resonancia entre el Parque, las comunidades escolares del entorno y la Universidad Estadual de Santa Catarina. Los escritos conforman una serie de relatos reflexivos que se iniciaron con la elaboración de las preguntas de interés para esta investigación. Las líneas que se tejen en esta maraña de aprendizajes fueron reveladas en esta investigación a través de un mapeo afectivo de memorias, narrativas y reflexiones sobre la formación y la práctica pedagógica. La metodología que se construyó en el transcurso de la investigación se basó en el “trabajo de ver”, planteado por el antropólogo Carlos Castaneda, como una forma de mapear las diferentes realidades que cruzan el aprendizaje a través de la experiencia. Esta cartografía acompañó procesos que se dieron simultáneamente entre las historias de vida, la formación docente y la construcción colectiva de un programa de educación ambiental del Centro de Visitación del PAEST. Al final de la composición de este trabajo, las reflexiones y concepciones fueron cruzadas por las “clases vivas” en una experiencia en la floresta amazónica, en la Floresta Nacional del Tapajós y en el Parque Nacional de la Amazonía, tonificando los aprendizajes proporcionados por esta investigación. en educación.

Palabras-llave: Formación; educación ambiental; Aprendizaje; Experiencias.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tesouro verde	24
Figura 2 - Caixa d'água da região	25
Figura 3 - O gigante (conjunto de imagens)	26
Figura 4 - Quintal da nossa casa	29
Figura 5 - Um Jardim Plantado em Santa Catarina	30
Figura 6 - Um mini pantanal	31
Figura 7 - Aula viva de geologia	32
Figura 8 - As escolas onde lecionei no entorno do PAEST	33
Figura 9 - Impressão digital do oceano	34
Figura 10 - Maciambu = abundância de água	35
Figura 11 - A biodiversidade mora aqui	36
Figura 12 - Bichos do Tabuleiro (conjunto de imagens)	37
Figura 13 - Ateliê Tabuleiro (conjunto de imagens)	42
Figura 14 - Banners do Parque Missão e Visão	44
Figura 15 - Jornal Espinheira-Santa (conjunto de imagens)	55
Figura 16 - SOS Pinheira	60
Figura 17 - Centro Cultural Casa Grande 1998	61
Figura 18 - Vivendo o Ambiente (conjunto de imagens)	61
Figura 19 - Tabuleiro em Cena (conjunto de imagens)	72
Figura 20 - Por uma educação mais ambiental	77
Figura 21 – Estudos (conjunto de imagens)	94
Figura 22 - Rios voadores em Belém do Pará/PA	123
Figura 23 - Encontro das águas em Santarém/PA	123
Figura 24 - PARNA Amazônia em Itaituba/PA	124
Figura 25 - Vila Rayol entorno do PARNA Amazônia em Itaituba/PA	124
Figura 26 - FLONA Tapajós, comunidade Maguari em Belterra/PA (conjunto de imagens)	125
Figura 27 - Sumaúma	126

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMA	Abílio Manuel de Abreu
CV	Centro de Visitantes
EEB	Escola de Educação Básica
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FAED	Centro de Ciências Humanas e da Educação
FLONA	Floresta Nacional
NEA	Núcleo de Estudos Ambientais
PAEST	Parque Estadual da Serra do Tabuleiro
PARNA	Parque Nacional
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROMOCEA	Programa de Educação Ambiental e Mobilização Comunitário
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UC	Unidade de Conservação
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina

PERCURSO

[0] O QUE ME MOVE?	14
[1] O PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO	20
[2] NAS TRILHAS DO VOLUNTARIADO	45
[2.1] O VOLUNTARIADO COMO ESCOLHA E COMO ESCOLA	48
[2.2] ENTRE OS “CAMINHOS DO CORAÇÃO”	49
[3] DO PAEST PARA A GEOGRAFIA NA UDESC	63
[3.1] DENTRO DO CURSO O MOVIMENTO EM DIREÇÃO A EXTENSÃO E A ESCOLHA PELA LICENCIATURA	67
[4] O MODO DE SE FAZER EDUCADORA, PROFESSORA E DE FAZER PESQUISA – NARRATIVAS METODOLÓGICAS	78
[4.1] TODA PESQUISA TEM SUA MANEIRA DE EXISTÊNCIA	78
[4.2] TODA PESQUISA CARREGA UMA BIBLIOGRAFIA E ALIADOS	79
[4.3] TODA PESQUISA POSSUI FERRAMENTAS PRÓPRIAS	83
[4.4] SOBRE PESQUISA E O PESQUISAR	86
[5] AULAS VIVAS: INTERCÂMBIO E IMERSÕES	97
AULA VIVA 1 – OS RIOS VOADORES	102
AULA VIVA 2 – MC KERERÉ	105
AULA VIVA 3 – ENCONTRO DAS ÁGUAS	108
AULA VIVA 4 – MULHERES E GARIMPO	110
AULA VIVA 5 – OURO, DIAMANTE E ESMERALDA	112
AULA VIVA 6 – O GUIA PASSARINHEIRO	114
AULA VIVA 7 – A ÁRVORE QUE FALA	118
AULA VIVA 8 – UMA REFLEXÃO	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	133



Para mim só existe o percorrer os caminhos que têm coração,
em qualquer caminho que possa ter coração.

Ali eu viajo e para mim o único desafio que vale a pena é percorrer toda sua extensão.
E ali viajo... olhando, olhando, arquejante.

(CASTANEDA, 2013).

[0] O QUE ME MOVE?

Refletir sobre o que me move nesse movimento continuado de um percurso formativo singularizado pelo meio e pela forma como acontece, me leva ao encontro de memórias e registros de uma história de vida que são como os fios de uma trama. Olhar para essa trama e ver o que me moveu há tempos, quando posso chamar de um início, me fez perceber que as coisas que me moveram até aqui: um devir da vontade de despertar sentidos, emoção, paixão, sentimento de pertença e identidades. A ideia de contribuir com uma educação que se conecta com o que faz sentir e com o que gera sonhos e desejos. Como se aprende a aprender? O que carrega o coração de um educador-pesquisador? São questões que movem um caminhar em educação. Paulo Freire (2021) nos inspira a pensar e a sentir: “educar-se é impregnar de sentido cada momento da vida, cada ato do cotidiano”.

O presente trabalho foi realizado com o intuito de refletir sobre um percurso singular que se dá entre espaços formais e não formais de educação ao longo de uma trajetória de vinte e dois anos desta pesquisadora. A pesquisa compreende uma trama de aprendizados desde experiências em trabalhos voluntários, até a formação em educação ambiental e licenciatura em geografia, envolvida com o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PAEST)¹, incluindo-se vivências de intercâmbios e imersões da pesquisadora em outras unidades de conservação. Um processo formativo que foi amadurecendo com as oportunidades que o trabalho comunitário e no PAEST propiciaram-me ao longo de tantas experimentações, e que me levaram a ingressar no curso de Geografia, habilitação em Licenciatura, e ao Programa de Pós-graduação em Educação, ambos na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Uma trajetória de formação como educadora ambiental e professora de geografia em um percurso sustentado no território que abrange o Parque e suas comunidades de entorno, transcendendo o ambiente acadêmico. Assim, nessa pesquisa em educação, percorro por linhas de uma cartografia imbricada em um processo de formação e autoformação em educação ambiental e geografia. Um caminhar em educação que teve início em trabalhos comunitários, e desenvolve-se na trajetória formativa de uma educadora, professora e pesquisadora. É essa trama, que passa a ser acompanhada e explorada nessa pesquisa cartográfica.

Por pesquisa cartográfica estou chamando toda pesquisa que se interessa pelos processos que geram as questões na pesquisadora. Ao mesmo tempo, este método se interessa pelo modo ao qual damos existência na escrita, e como essa existência, dá a ver um modo de fazer

¹ A maior unidade de conservação de proteção integral do estado de Santa Catarina.

educação, inclusive a educação ambiental. Cartografar é acompanhar processos (KASTRUP, 2015), assim a abordagem cartográfica propõe como um dos eixos principais o “seguir as pistas” como uma pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Nas linhas que se tramam formando essa teia de aprendizagens transdisciplinares, surgiram muitas ideias concebidas durante as oficinas de teatro, nos exercícios docentes e trabalhos comunitários realizados. Diferentes saberes entrelaçados em espaços formais e não-formais de educação, entre as comunidades escolares, o PAEST e a universidade. Um aprendizado que se dá em experiências coletivas nesse laboratório vivo que é o Parque, consolidando-se em meio às *aulas vivas* que se originam nesse processo. Com o propósito de significar e ressignificar os conteúdos das grades curriculares, encontrei inspiração no legado do botânico Padre Raulino Reitz (SANTA CATARINA, 1975), idealizador e criador do PAEST, que dedicou sua vida a pesquisas botânicas e à conservação da natureza. Nas *aulas vivas* que mencionou Raulino Reitz (SANTA CATARINA, 1975) quando diz do potencial educativo do PAEST, encontrei elementos substanciais do território, contribuindo na minha prática pedagógica e planos de aula. Nesse sentido, passei a inserir os temas do PAEST de forma transversal nos planos de ensino de geografia e em projetos de educação ambiental na comunidade escolar.

Nas linhas dessa cartografia a pesquisa acompanha um processo educativo sustentado pelas experimentações no Parque e nas escolas, dinamizado pela universidade, especialmente pelos programas de extensão que geraram recursos pedagógicos e contribuíram para propostas de integração entre o Parque e comunidades escolares do seu entorno. Muitos questionamentos acionaram essa pesquisa cartográfica, buscando perceber e entender quais são as linhas, os pontos, e em que meios, se sustenta essa trama. Dessa forma, essa pesquisa procurou encontrar os elementos fundamentais que demarcam essa trajetória, identificando as forças moventes que convergiram nessa trilha de aprendizados.

O compartilhamento das experiências coletivas que trago nesse trabalho, por meio de reflexões sobre à prática, revela processos de formação que fizeram parte de ações estratégicas da unidade de conservação (UC), na implementação do Programa de Ambiental do Centro de Visitantes do PAEST. Olhar para as experiências realizadas nesse laboratório vivo e para os caminhos percorridos junto a educadores e pesquisadores, nesse processo cartográfico, me fez ver, os elementos que sustentam e dão noções às práticas e às propostas pedagógicas da educação ambiental realizada no Parque. Como sementes lançadas em terrenos fecundos, florescem modos de ser e de estar e dispersam diferentes modos de fazer, amadurecidos pelos processos que os atravessaram.

A pesquisa deu acesso a uma parte desse currículo formativo que está fora da universidade e da docência. Nas páginas que seguem, apresento resultados de uma pesquisa que caminhou por trilhas em vias de consolidações de aprendizagens, e a sensação que me atravessa é que lidei e apresentei apenas o que me atravessou nesses tantos anos fazendo educação ambiental e aulas de geografia. A partir desse mapeamento inicial de experiências, sigo na busca de um ancoramento teórico-prático para explorar essa espécie de história da minha questão de trabalho. Procurando pelos fundamentos e referências presentes nessa formação e prática pedagógica, encontrei os autores principais que alicerçam essa trama.

Há um início marcado com Paulo Freire (2021) com seu livro a “Pedagogia da Autonomia”, o qual me aproximei em meados da década de 90, começando a entender a importância da ação/reflexão, do professor/pesquisador e a construção da coerência de uma prática pedagógica. Essas noções acompanharam minha trajetória e levaram-me ao encontro das ideias do professor José Pacheco (2014) com suas proposições de “comunidades de aprendizagem” e de processos educativos através de pesquisas colaborativas, e de exercícios de autonomia do educando e do educador. Em Marcos Reigota (2003), encontrei um alento para falar de forma mais livre sobre essa trama de aprendizados, validando minhas “narrativas fictícias” ao conhecer sua obra “Ecologistas”, e identificando melhor o papel democrático da educação ambiental. Carlos Castaneda (1971), que marcou minha adolescência ressurgiu com força nessa pesquisa, trazendo-me significados essenciais sobre a diferença entre o “olhar” e o “ver”, que serviu como um dispositivo importante no andar da pesquisa.

As oficinas de teatro-educação adaptadas às questões ambientais e às temáticas do PAEST, ainda que tenham sido iniciadas de forma autodidata, foi com Olga Reverbel (1993) e Augusto Boal (1997; 2004) que me sustentei nessa trilha lúdica para criar o projeto de extensão “Tabuleiro em Cena”, o qual selou um processo duplamente articulado entre o PAEST e a UDESC, narrado na terceira parte desse trabalho. Com a minha inserção no parque como monitora ambiental conheci e aprendi na prática o método de Joseph Cornell (1996), intitulado como “Aprendizado Sequencial da Natureza”, que valoriza a educação ao ar livre e em contato direto com a natureza, e me trouxe noções que foram importantes na construção das aulas de campo de geografia e nas trilhas interpretativas no Parque. Os aprendizados tiveram um peso maior nesse percurso através da experiência prática, e para realizar esse trabalho de pesquisa cartográfica me apoieia em novos conhecimentos trazidos pelo mestrado.

No caminhar da pesquisa surge uma questão reflexiva que exprime uma pergunta-síntese: como se dá a construção de uma noção de educação ambiental mais ligada a um saber,

que se faz e se aprende, no ato mesmo da realização de uma prática? Nessa cartografia, estão emaranhados processos que se deram em “uma trilha de longo curso”, e a ideia é mostrar pontos pungentes nessa trajetória (movida por interesses que me levaram ao encontro de). E o quanto esse meio que me trouxe, revela o potencial educativo que pode existir em uma UC, nesse caso, o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. A partir daqui o leitor irá entrar em contato com uma espécie de mapeamento mental, um levantamento memorial e reflexivo, acerca das linhas e marcos estruturantes dessa trama, organizado em cinco partes.

No primeiro bloco, apresento o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, o lugar onde se dá a pesquisa, que é o agenciador dos processos que formam essa trama. Neste trecho, discorro sobre a UC, utilizando como recurso didático lúdico (expressões), um repertório com vocábulos que foram sendo (re)produzidos entre os educadores, para facilitar a interpretação ambiental durante as apresentações, as trilhas e diálogos sobre o Parque. Nesse sentido, a pesquisa vai ao encontro do potencial educativo do Parque, para além da sua importância ecológica, ressaltando a sua relevância social, cultural e, especialmente educativa.

No segundo bloco, apresento o marco inicial dessa trajetória em educação ambiental, que começa com o voluntariado e envolvimento em trabalhos de base comunitária. “Nas trilhas do voluntariado”, o caminho percorrido que me levou até o Parque, entrando em um programa de educação ambiental para voluntários, desenvolvido na época da implantação do Projeto Microbacias II do Banco Mundial (1998), realizado pelo Instituto de Meio Ambiente de Santa Catarina (IMA/SC). As experiências e o engajamento com o Parque representaram para mim uma ponte para novos conhecimentos e desafios.

No terceiro bloco intitulado “Do PAEST para a Geografia”, conto sobre como fui movida em direção a universidade por acompanhar diversos processos de pesquisas no Parque, interessando-me por essa área do conhecimento e tornando-me professora de geografia. Tentei trazer à tona essa noção de o quanto o Parque funciona como um laboratório vivo de saberes distintos, e dado ao trabalho realizado por uma equipe transdisciplinar de educadores e pesquisadores, potencializa-se como um agenciador de múltiplas formações. Importante salientar aqui, que os referidos blocos seguem uma lógica processual, conforme as linhas foram sendo constituídas, e com a pesquisa cartográfica, como os fios que sustentam tal processo, foram aparecendo.

No quarto bloco, intitulado “O modo de se fazer educadora, professora e de fazer pesquisa – narrativas metodológicas”, trago percepções e reflexões acerca da metodologia, que talvez pudessem estar em primeiro lugar neste trabalho, porém, como estou cartografando sobre

um processo de fazer pesquisa, ele está situado na ordem onde se deu o ponto de encontro com os questionamentos, e até mesmo estranhamentos, com as seguintes questões: como é ser uma pesquisadora fora e dentro da universidade? Como pode se fazer uma pesquisa em educação? Nessa parte, tratei sobre as ferramentas que me auxiliaram na distinção entre as linhas de pensamentos, memórias sobre experiências, e organização das ideias acerca das questões problemas que surgiram no processo. Uma construção metodológica que vai tomando consistência e se sustentando à medida que a pesquisa acontece.

No quinto bloco, “*Aulas vivas, imersão e intercâmbio*”, faço uma narrativa sobre aprendizagens que se deram em torno das experiências em uma viagem de imersão, através de um intercâmbio entre unidades de conservação administradas pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO). Foi um rico aprendizado com as trocas de experiências entre comunitários, guias e brigadistas da Floresta Nacional do Tapajós e do Parque Nacional da Amazônia, no estado do Pará.

Com todo respeito e coragem, entrego aos leitores o resultado de um trabalho que se encontra em meio a uma trilha ainda em curso. Memórias, concepções e reflexões, em vias de consolidação, uma cartografia sobre “O meio que me trama: formação e educação ambiental no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro”.



Trilha da Restinga do Maciambu no Centro de Visitantes do PAEST (Imagen Zé Paiva)

[1] O PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO

Aqui apresento o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PAEST), experimentando nessa pesquisa, falar sobre esse território de aprendizagem, numa proposta educativa contendo alguns elementos lúdicos na linguagem utilizada. Um conjunto de ideias e conceitos construídos com “forças de expressões” que se repetem nas explanações e diálogos sobre o Parque, nos encontros entre os diferentes públicos que interagem com a UC.

O PAEST é a maior Unidade de Conservação de Proteção Integral de Santa Catarina, com uma área de aproximadamente 80.000 hectares, que corresponde a cerca de 1% do território catarinense. O Centro de Visitantes localiza-se no município de Palhoça/SC, na região conhecida como Baixada do Maciambú. Considerado como um patrimônio natural da humanidade, seu território protege importantes remanescentes da Mata Atlântica, um “tesouro verde” (fig.1), como o Parque é chamado na narrativa do primeiro vídeo institucional sobre a UC².

A UC comprehende os mananciais hídricos mais importantes da região, abastecendo com água potável, as populações dos municípios que compõem o Parque e de seu entorno. Ao observar imagens que ressaltam a sua importância hídrica, durante as apresentações, repetidas vezes na plateia o identificaram como “a caixa d’água da nossa região” (fig. 2).

Nove municípios contribuem com partes de seus territórios nas áreas protegidas pelo Parque, sendo eles: Palhoça, Florianópolis, Santo Amaro da Imperatriz, Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho, Imaruí, Garopaba e Paulo Lopes. Todo seu entorno é beneficiado pelas nascentes de água que brotam entre as cinco serras que compõem o Parque. São elas: Serra do Tabuleiro, Serra do Cambirela, Serra de Araçatuba, Serra do Capivari e Serra da Santa Albertina.

De vários pontos de vista da região, é possível de se observar (aprimorando a visão com a imaginação), o “Gigante Adormecido” (fig.3) na Serra do Cambirela. Ao se observar a paisagem do mirante do Centro de Visitantes, com esse exercício de despertar a imaginação para “ver”, trabalhamos em uma dimensão subjetiva da educação ambiental, que lida com os significados das experiências e com os valores culturais da natureza dentro de cada um.

Por moradores das comunidades do seu entorno o Parque já foi chamado muitas vezes como “o quintal das nossas casas” (fig. 4). Essas metáforas e poéticas que foram surgindo nas

² Vídeo disponível em: <https://youtu.be/mqEawQUs0to>

narrativas ao longo do tempo, tornaram-se dispositivos importantes no planejamento e desenvolvimento das atividades do Programa de Educação ambiental do Centro de Visitantes.

O Parque foi criado em 1975 pelo botânico Pe. Raulino Reitz (SANTA CATARINA, 1975), que dedicou sua vida à pesquisa e à conservação da natureza. Entre tantos outros feitos importantes em seu legado inspirador, Reitz em suas considerações no decreto de criação da UC escreveu trechos com encantamento sobre os atributos do Parque, referindo-se a esse território como “um jardim plantado em Santa Catarina” (SANTA CATARINA, 1975) (fig. 5).

O botânico referiu-se à Baixada do Maciambu como sendo “um mini pantanal” (SANTA CATARINA, 1975) (fig.6), fazendo uma comparação com o bioma pantaneiro, devido ao fato de essa planície costeira conter inúmeros banhados, com uma rica fauna aquática, terrestre e aérea que coabitam nesses ambientes. Esses banhados formam-se por corpos d’água que ficam represados entre os cordões arenosos semicirculares da restinga, esculpidos pelo recuo e avanço do nível do mar há milhares de anos, representando um monumento geológico de importância mundial, um patrimônio da humanidade. O pesquisador considerou a esse atributo do Parque como sendo uma verdadeira “*aula viva* de geologia” (fig. 7). Carreguei comigo o conceito de *aula viva*, que passou a ser importante na elaboração dos meus planos de ensino de geografia e planejamentos em projetos interdisciplinares nas escolas onde lecionei (fig. 8). As *aulas vivas* serviram também, como inspiração na elaboração das atividades de educação ambiental do Centro de Visitantes, nos roteiros interpretativos das trilhas e nas oficinas.

Em apresentações e conversas com crianças de grupos escolares, ou de famílias que visitam o Parque, ao mostrar em imagens e mapas sobre o monumento geológico que a Baixada do Maciambú representa, referiram-se a esse atributo como sendo “uma impressão digital do oceano” (fig. 9).

O nome Maciambú remete a “abundância de água e de vida” (fig.10), essa palavra tem origem dos povos indígenas Guarani, que habitam essa região, vivendo nesse território e fazendo parte da história viva desse lugar.

À medida que essas expressões foram surgindo e sendo incorporadas às narrativas, foram sendo propagadas entre as comunidades e turistas que visitam o Parque. Essas analogias, metáforas e elucubrações ajudam na construção conceitual e de valores culturais da natureza, enriquecendo a interpretação ambiental e processos educativos no Programa de Educação Ambiental do Centro de Visitantes e atividades de extensão.

“A biodiversidade mora aqui” (fig. 11), foi uma propaganda criada em uma campanha de educação ambiental realizada no PAEST pelo Programa de Educação Ambiental e

Mobilização Comunitária (PROMOCEA) em 2005. Naquela ocasião, essa frase foi escolhida em um concurso entre estudantes de escolas da rede pública dos nove municípios que fazem parte da UC. Na mesma campanha, o gato-do-mato-pequeno (*Leopardus guttulus*) foi escolhido por votação entre os estudantes, como a principal espécie-bandeira do Parque. A fauna e a flora do Parque abrigam espécies raras, ameaçadas de extinção e endêmicas, em um santuário com expressiva biodiversidade. Nesse território, um remanescente de mata atlântica com mais de 80.000 hectares ao redor de nove municípios, vivem muitos animais como felinos de pequeno a grande porte, diversos outros mamíferos, répteis, aves, insetos, anfíbios etc. A biodiversidade mora aqui entre, gatos do mato, jaguatiricas, pumas, antas³, queixadas, catetos, graxains, guaxinins, lontras, iraras, furões, capivaras, ratões do banhado, preás, tapitis, serelepes, tamanduás mirins, cutias, pacas, ouriços cacheiros, veados mateiros, tatus, macacos, gambás, cuícas, tartarugas, peixes, moluscos, aves, insetos e outros (fig. 12).

Essa rica fauna desperta interesses por pesquisas diversas como o monitoramento educativo desenvolvido também no Programa de Educação Ambiental do Centro de Visitantes⁴. As atividades com o público incluem simulacros como as das técnicas de pesquisa científica, de captura de imagens com as armadilhas fotográficas, recuperação de rastros com gesso, e observação de aves com dispositivos de *play back*. Um dos objetivos do projeto, além de monitorar e registrar os animais que vivem no Parque, visa despertar o interesse e cultivar o envolvimento das comunidades escolares no monitoramento comunitário, a partir de registros e relatos feitos pelos moradores do entorno da UC.

A vegetação que ocorre nas áreas protegidas pelo Parque, foi detalhadamente descrita e ilustrada na obra de Raulino Reitz (1965), intitulada “A Flora Ilustrada Catarinense”. A obra tem exemplares na biblioteca do Centro de Visitantes do PAEST. Uma encyclopédia com ilustrações botânicas e descrição detalhada das plantas que ocorrem nesse território que foram mapeadas pelo pesquisador.

A obra botânica de Reitz (1965) também inspirou a interpretação ambiental no Programa de Educação Ambiental do Centro de Visitantes, entrando na temática do projeto “Ateliê Tabuleiro”, desenvolvido por meio de oficinas de etnobotânica. O projeto Ateliê Tabuleiro foi iniciado em 2021, reunindo metodologias participativas, e objetivos de resgatar, valorizar e difundir o conhecimento etnobotânica das plantas medicinais e comestíveis da Mata Atlântica

³ O maior mamífero terrestre do Brasil

⁴ Link para assistir um vídeo do monitoramento de fauna do PAEST:
<https://www.youtube.com/watch?v=cALwm7o2YAc>

do PAEST. Visando promover o contato direto com a natureza e a manipulação das espécies da flora, através de oficinas realizadas na Casa Açoriana (localizada no complexo do CV) e das oficinas-percurso em trilhas do Parque, nas comunidades do entorno da UC. O projeto ganhou escala com o patrocínio de uma empresa privada e de incentivos de editais culturais, potencializando-se nas ações de extensão do Programa de Educação Ambiental do Centro de Visitantes (fig. 13).

O Centro de Visitantes do PAEST recebe um público bem diversificado entre as comunidades, escolas, universidades, voluntários, estudantes, educadores, pesquisadores, turistas, grupos organizados de escoteiros, brigadistas, idosos, igrejas, agências, empresas e outras entidades ou instituições sociais. Assim, o seu Programa de Educação Ambiental vem realizando um importante trabalho educativo e receptivo, que contribui de forma significativa no desenvolvimento regional, cultivando vínculos afetivos com o território, formando e fortalecendo redes de parceiros e comunidades de aprendizagem. Uma teia tramada por diversos atores, partes vitais de um todo, que sustenta processos educativos e percursos formativos, além de contribuir para a implementação da unidade de conservação.

Nesse bloco, quis apresentar o Parque com espírito mais educativo ou lúdico do que científico, no intento de aproximar à linguagem que vem sendo construída e usada nas narrativas e atividades do Programa de Educação Ambiental do Centro de Visitantes. Uma amostra de como o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro compõe um território de aprendizagem potente, sua importância transcende a relevância dos ecossistemas naturais protegidos por decretos de legislações específicas. Um verdadeiro laboratório vivo, onde emergem experiências singularizadas, possibilitadas por um trabalho continuado da equipe de educadores que atua no Parque desde o ano de 2002, contribuindo para o desenvolvimento de metodologias participativas (fig. 14).

Figura 1 - Tesouro verde



Fonte: arquivo do Centro de Visitantes (PAEST)

Figura 2 - Caixa d'água da região



Fonte: arquivo do Centro de Visitantes (PAEST)

Figura 3 - O gigante (conjunto de imagens)







Fonte: arquivos do Centro de Visitantes (PAEST)

Figura 4 - Quintal da nossa casa



Fonte: arquivo do Centro de Visitantes (PAEST)

Figura 5 - Um Jardim Plantado em Santa Catarina



Fonte: arquivo do Centro de Visitantes (PAEST)

Figura 6 - Um mini pantanal



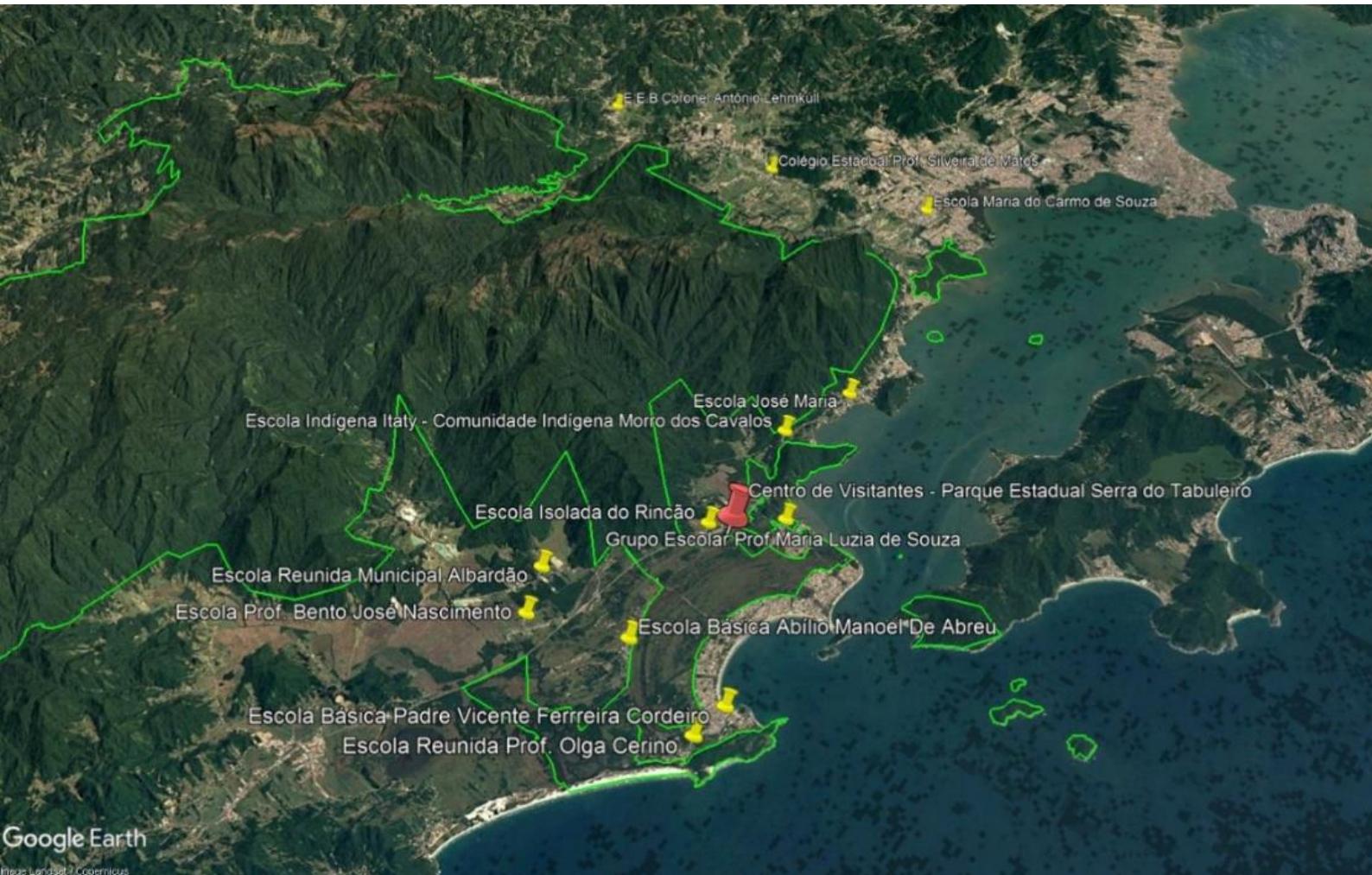
Fonte: arquivo do Centro de Visitantes (PAEST)

Figura 7 - Aula viva de geologia



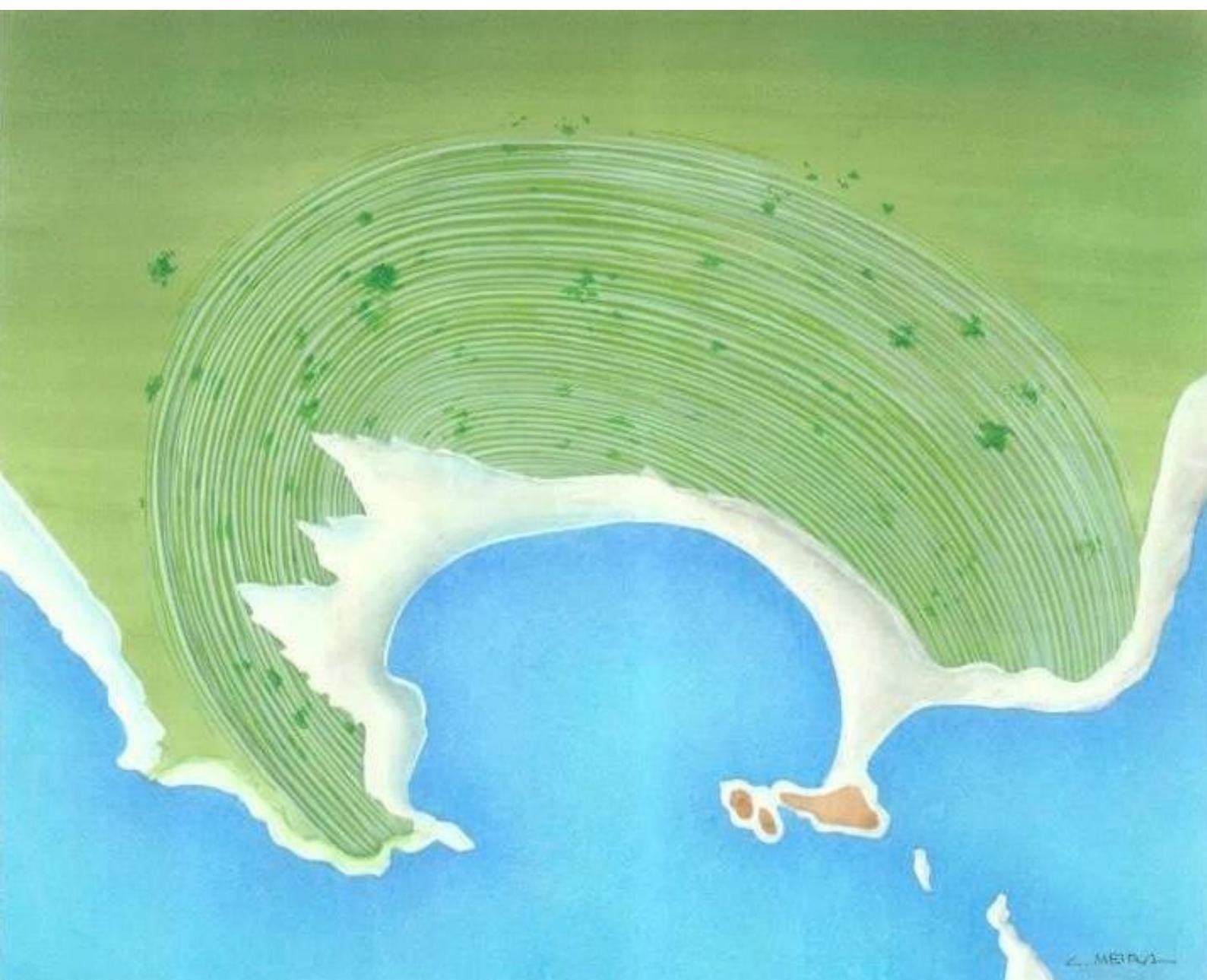
Fonte: arquivo do Centro de Visitantes (PAEST)

Figura 8 - As escolas onde lecionei no entorno do PAEST



Fonte: arquivo pessoal

Figura 9 - Impressão digital do oceano



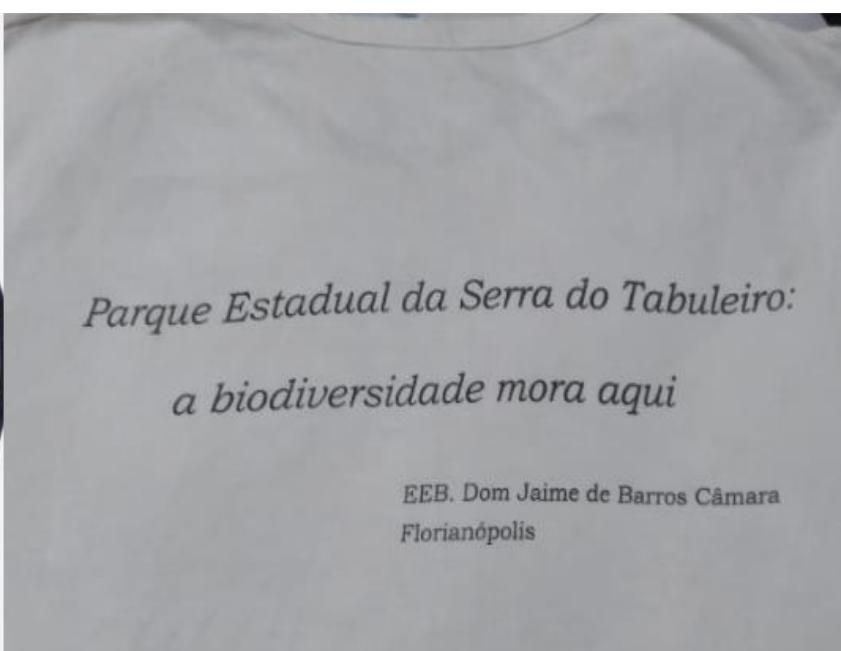
Fonte: arquivo do Centro de Visitantes (PAEST)

Figura 10 - Maciambu = abundância de água



Fonte: arquivo do Centro de Visitantes (PAEST)

Figura 11 - A biodiversidade mora aqui



Fonte: arquivo do Centro de Visitantes (PAEST)

Figura 12 - Bichos do Tabuleiro (conjunto de imagens)









60°F15°C

11-16-2022 00:57:02



59°F15°C

11-08-2022 00:21:39

Teiú (*Salvator merianae*)

84°F28°C

Marreca-caneleira (*Dendrocygna bicolor*)

87°F30°C

12-09-2022 09:07:49



70°F21°C

09-14-2022 15:07:39



60°F15°C

09-21-2022 23:15:34

Graha-azul (*Cyanocorax caeruleus*) comendo frutos de tucum (*Bactris setosa*)



1°F21°C

08-31-2022 11:25:22



58°F14°C

11-01-2022 11:11:30

Fonte: arquivos do Centro de Visitantes (PAEST)

Figura 13 - Ateliê Tabuleiro (conjunto de imagens)





Fonte: arquivos do Centro de Visitantes (PAEST)

Figura 14 - Banners do Parque Missão e Visão



Fonte: arquivos do Centro de Visitantes (PAEST)

[2] NAS TRILHAS DO VOLUNTARIADO

Tinha 18 anos de idade quando vim morar na Praia da Pinheira (Palhoça/SC) com minha família (mãe, pai e irmão) no final do ano de 1992. Com os sonhos de vida de uma jovem influenciada pelas ideologias da contracultura, herdadas da década de 70, queria viver em uma “sociedade alternativa”, “fora” da cidade, ou o mais longe possível do sistema urbano industrial, movida por utopias das tribos de jovens dos anos 80. Apaixonei-me por esse lugar com uma pequena vila de pescadores situada numa região de natureza exuberante em um extenso litoral rodeado por morros com floresta e rios. No magnetismo que senti nesse território, encontrei nos seus recantos, um profundo encantamento. Praias desertas quase o ano todo, com poucos moradores que viviam aqui na época, pescadores artesanais e alguns agricultores criadores de gado, descendentes dos colonizadores açorianos dessa região.

Entre morros com florestas e vales, trilhas, costões rochosos, a natureza me convidou a fazer parte. Quando me familiarizei com o lugar descobri que morávamos dentro ou no entorno de uma unidade de conservação (PAEST). Motivada pela força presença que o território exprimia, passei a frequentar reuniões de grupos comunitários que intencionavam se organizar em movimentos coletivos. Como moradora entrei no “espírito do lugar”, e como voluntária em trabalhos comunitários, participei da fundação e atividades do Jornal Comunitário Espinheira-Santa em 1994 (fig. 15), da Associação de Moradores e Amigos da Praia da Pinheira em 1995 (fig. 16), do Centro Cultural Casa Grande em 1998 (fig. 17) e da Rádio Comunitária Pinheira em 2001.

Entre os “ecos” dos movimentos ambientais que tomaram força na década de noventa, e envolvida com trabalhos comunitários, comecei a ministrar oficinas de teatro, aos finais de semana na escola, de forma voluntária. Na época em que tomava força a implantação da Agenda 21⁵, iniciamos um movimento político-educativo através do Projeto “Vivendo o Ambiente: educação ambiental e sustentabilidade”, em 2001 (fig. 18).

Os trabalhos voluntários se levantavam na força dos movimentos comunitários que se moviam por desafios do território e socioambientais impostos pela UC, como, questões de conflitos fundiários com as comunidades do entorno, gestão pública e ambiental precarizada

⁵ “A Agenda 21 é um dos reflexos da Conferência Eco-92 (Conferência das Nações Unidas para Meio Ambiente e o Desenvolvimento) que aconteceu em 1992, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. A finalidade de tal evento era discutir ações que pudesse aliar desenvolvimento socioeconômico e preservação”. Fonte: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/agenda-21.htm> nível estadual e local

por questões de ocupação desordenada, falta de saneamento básico, problemas com o lixo e outros.

Ministrava as oficinas de teatro com base em livros de Olga Reverbel (1993) que carregava comigo, e baseada nas experiências que tive nos grupos de teatro que participei na cidade de Cascavel/PR, onde eu morava antes de vir para o litoral catarinense. Devido as oficinas e atividades dos projetos que participava na comunidade, estava sempre rodeada por crianças e jovens. Além do teatro, fazíamos trilhas, íamos para o Vale da Utopia⁶, que ficava atrás do morro da praia da Pinheira, um lugar onde a sensação era de como se estar “fora do tempo”, uma paisagem natural sem nenhuma (ou quase sem) interferência da urbanização. Naquele espaço e tempo remoto, de forma espontânea, fazíamos contações de histórias, brincadeiras, conversas sobre a vida, a natureza e assuntos que surgiam. Nesse “vale encantado”, conheci o artista plástico Vilmar Godinho, conhecido na comunidade como um eremita, que vivia em uma caverna, chamada pelos pescadores de “Toca da Ripina”. Vilmar, tornou-se um “guardião do vale”, suas intervenções artísticas e ações de sensibilização, passaram a ocorrer em períodos de temporada de verão, em que muitos turistas acampam no local. Com Vilmar Godinho, tive a honra de participar da criação do Jornal Comunitário Espinheira-santa, ideia que ele trouxe consigo de Porto Alegre/RS, a cidade onde morava antes de ir para o Vale da Utopia, em busca de um refúgio na natureza. Esse passado parece que já precedia e dava pistas de um tempo presente, de colheitas de um plantio de sementes que foram lançadas ao vento, e em solo fértil de desejos e prospecções. Após décadas de parceria em projetos comunitários, atualmente tenho nova alegria de trabalhar junto com Vilmar, na realização do projeto Ateliê Tabuleiro, contemplado no Prêmio Elizabete Anderli de Estímulo à Cultura – Edição 2022. Um terreno irrigado pela persistência, e palco de estreia de uma nova versão do projeto Ateliê Tabuleiro, em uma proposta de ação de extensão do Programa de Educação Ambiental do CV, que teve muitos precedentes para chegar nessa etapa de consolidação.

O Centro Cultural Casa Grande foi criado em 1998, fruto de uma parceria entre professores, artistas locais e o pessoal que jogava capoeira na praia. Um rancho de barcos, grande e de madeira foi transformado em um espaço para uso público, cedido pelo proprietário, para treinos, ensaios e aulas para pessoas da comunidade. Naquele espaço cultural começaram a ser realizadas oficinas de teatro, dança, pintura e capoeira, por um coletivo de facilitadores, formado por moradores do lugar interessados em desenvolver atividades socioeducativas. Esse

⁶ Localizado no município de Palhoça/SC.

grupo, o qual eu fazia parte era composto pelos capoeiristas Telo e Trovão, a professora de educação física Anna Maria Escobar e o artista plástico Vilmar Godinho.

Pelo movimento comunitário de expressão que estava envolvida nesse território naquela época, e a participação em trabalhos voluntários, fui convidada em 1998, a participar de uma formação em educação ambiental realizada pela Fundação do Meio Ambiente de Santa Catariana (FATMA)⁷, que envolveu atores sociais dos nove municípios que compõem a UC, para a criação da Rede de Monitores Voluntários do Parque, a REMOPAR. Daí em diante passei a consolidar meu trabalho como educadora ambiental no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, das oficinas de teatro nasceram projetos educativos entre as trilhas, as peças e performances teatrais. Ao final do processo formativo para monitores ambientais voluntários do Parque, criamos a peça teatral “O Sentido do Céu e da Terra”, que envolveu os participantes do Centro Cultural Casa Grande, em torno de 40 integrantes⁸, reunindo um potente processo de mobilização comunitária. A peça foi apresentada na I Mostra de Teatro do PAEST em 2000. Para a realização do projeto de arte-educação “O Sentido do Céu e da Terra”, foram meses de montagem e ensaios da peça teatral até a apresentação.

Em 2001, ainda aquecidos pelo movimento teatral na causa socioambiental do PAEST, iniciamos na comunidade, mais um trabalho voluntário que originou o Projeto “Vivendo o Ambiente: educação ambiental para a sustentabilidade”. Em parceria com minha amiga ambientalista Elizabeth Albrecht, desenvolvemos oficinas de maquetes, de teatro, de máscaras e de móveis com papel machê, com a participação também de Vilmar Godinho. Nas oficinas do projeto “Vivendo o Ambiente”, montamos uma performance teatral que representava através de uma “maquete animada”, os ambientes naturais protegidos pelo Parque. Os personagens foram criados para interpretar os elementos naturais da paisagem como: o rio, o mar, as dunas, a fauna, a flora, e outros que contracenavam, com os personagens que representavam os impactos ambientais, como o lixo, a ocupação desordenada, a poluição, as queimadas etc. O elenco girava em torno de 30 integrantes (crianças e adolescentes da comunidade escolar, e músicos colaboradores moradores do lugar). A performance teatral “Vivendo o Ambiente” foi apresentada inúmeras vezes (cerca de 30 apresentações), em eventos sobre o meio ambiente em escolas, entidades e instituições na região metropolitana de Florianópolis. Este trabalho nos levou a conquista de dois prêmios regionais na I e II Feira Ambiental de Florianópolis consecutivamente em 2001 e 2002, o que acabou culminando nesse mesmo período, com a

⁷ Atualmente chamada de Instituto de Meio Ambiente de Santa Catarina (IMA/SC)

⁸ Grupo da capoeira, grupo do teatro, grupo da dança e grupo das idosas. Todos formados por moradores do lugar.

participação na produção de cinco Programas Ecologia do Canal Rural (RBS) sobre educação ambiental e conservação da natureza.

[2.1] O VOLUNTARIADO COMO ESCOLHA E COMO ESCOLA

Ao iniciar a pesquisa, comecei a acessar as forças moventes e as questões que impulsionaram esse percurso formativo singular, onde os primeiros passos se deram com o voluntariado especialmente na causa ambiental. Ao olhar para esse processo, começaram as reflexões sobre como se deu essa formação em educação ambiental, que teve início de forma voluntária, sustentando-se em espaços não formais de educação, para mais tarde conquistar uma vaga na universidade pública, tornando-me professora de geografia. As reflexões sobre essa trajetória revelam o quanto esses exercícios de liberdade, no âmbito do trabalho voluntário comunitário, podem se transformar em aprendizados significativos. Por isso tive muita motivação sempre em participar de planejamentos de ações do Programa de Educação Ambiental do Centro de Visitantes e desenvolver atividades que propiciem o envolvimento de voluntários, especialmente jovens que estejam em período inicial de uma formação.

Para mim, o voluntariado começou como uma escolha, que veio da vontade de contribuir em processos de formação de base comunitária. Experiências que agregavam nos aprendizados, o prazer e a satisfação de estar em uma causa coletiva incondicionalmente. Isso, me dava sensação de autogeração de energia e sustentação. Quando se é voluntário vai-se em direção ao lugar onde se almeja chegar. As coisas acontecem movidas por uma força própria, que vem de dentro, mas, também, vem de fora ao mesmo tempo, com a influência do meio social em que estamos inseridos. Atravessava-me algo que tocava o coração e a alma, elevando o espírito, e o senso de coletividade. Assim, uma ideia de voluntariado ganhava força. Que tem a ver com sonhos, sentimentos, desejo e prazer... uma experiência em que manifesta-se sintonia e afinidade com o que está se fazendo, pois não se faz um trabalho voluntário forçado, pelo menos assim acredito. Ao me voluntariar em um trabalho, movo-me pela força e o desejo de me integrar a algo, fazer parte de alguma coisa, de um lugar escolhido. Uma mobilização social em torno de problemas que afetavam o território, atravessando o senso coletivo e de cidadania. No voluntariado não se cumpre o trabalho para receber um pagamento em dinheiro, a vontade primeira não é ter recompensa imediata, embora tenha o investimento de energia e de tempo, e sim, uma intencionalidade junto. A meu ver e sentir, o voluntariado vem com uma força interna, de um vir a ser, junto com uma força externa que convida, que atrai, um magnetismo do

território que convoca ao pertencimento, como um chamado. O que se procura e se encontram aí, é algum tipo de transformação, um movimento social, mas também existencial.

Existe, também, a parte institucionalizada do voluntariado, programas de estágios obrigatórios que contribuem nesse movimento de autossustentação em redes, projetos, serviços que se mantém parcialmente e alguns até mesmo totalmente, com trabalho de voluntários. Na minha caminhada, aprendi que há uma dimensão formativa no voluntariado, um aprender a fazer fazendo, onde formam-se valores de vida, fortalecendo vínculos socioemocionais, e que se movem para um bem maior. No trabalho voluntário, existe um aprender junto com prazer, vivenciado de corpo e alma, na força de vontade e no poder de escolha. É (ou pode ser) um exercício de liberdade.

[2.2] ENTRE OS “CAMINHOS DO CORAÇÃO”

No começo um aprendizado na escola, movida por uma força que animava em participar de ações em prol do bem comum. Eram experiências empolgantes, entre participações em equipes escolares para cuidar da horta, promover e organizar festivais, atuar no grêmio estudantil. Na época da escola havia um programa chamado “Cruz vermelha”, com ações humanitárias, onde participavam os estudantes, escoteiros, um cultivo de valores que ecoavam dentro de mim desde a infância.

Aos 9 anos de idade formei um grupinho com as crianças da vizinhança menores do que eu, algumas com irmãos menores que ainda não iam para a escola e os ensinei a ler e escrever, aplicando o que eu aprendia na escola nas aulas de alfabetização, tomei como método de ensino as formas mais significativas em minha aprendizagem. Então, trabalhávamos com as letras e depois com as sílabas. Sem conhecer a técnica, eu apostava nos fonemas, adorava entoar os sons das letras e das sílabas para fazer as crianças perceberem uma musicalidade nas palavras, me encantavam, também, os desenhos das letras. Pedia para fazerem movimentos de letras com os dedos no ar, no chão e no quadro, sem giz ou com giz. Sobre as escritas já feitas no quadro mostrava sobre o traçado das vogais e das consoantes as direções e os diferentes sentidos que o movimento contínuo fazia para formar o desenho da letra. Tinha o cuidado de trabalhar com as letras de imprensa e manuscrita, maiúsculas e minúsculas correspondentes. Essa experiência foi bem marcante porque era uma brincadeira de crianças e levada muito a sério. Nessa brincadeira de aprendizados, eu queria aprender a ensinar e eles queriam aprender o que eu estava aprendendo na escola. Quando, hoje, relembo essa história de infância percebo que o espírito

das práticas coletivas também são coisas de criança. É com essas lembranças voluntárias que começo... e parece que nada do que se faz, mesmo nas brincadeiras, são em vão.

Um outro começo que posso considerar como primeiros passos na trilha do voluntariado foram os grupos de jovens das igrejas do bairro onde morava e dos centros espíritas que passei a frequentar na adolescência. Foram as minhas amizades que me levaram para esse lado das igrejas, porque na minha família de católicos não existia hábitos religiosos, nem conversas sobre o assunto, quando ocorriam eram motivo de discordância e de conflitos de ideias. Os encontros entre os grupos de jovens tanto das igrejas quanto dos centros espíritas dos bairros por onde eu transitava com amigos da juventude, eram muito instigantes e moviam a energia da adolescência que pulsava entre os jovens que exercitavam sua autonomia, e os considero muito importantes na base dessa formação. Nesses espaços aprendia a pensar em coletivo sobre assuntos que afetavam a vida dos jovens, das pessoas nas comunidades e na sociedade em geral, e questões familiares que atravessam o cotidiano de cada um. Nesses grupos comunitários, entre os adolescentes se formavam laços afetivos de amizade, de confiança e nesse elo de sustentação aprendi que a vida se produz nos meios que integramos, nossa identidade se produz entre pessoas e redes de apoio que encontramos no território onde habitamos.

Em meio aos círculos sociais que frequentava, ia tecendo-me e constituindo-me. Comecei a frequentar e participar de feiras ecológicas que aconteciam no final da década de oitenta e início dos anos noventa, assim entrei no movimento ambientalista em Cascavel/PR, na cidade onde morei dos cinco aos dezoito anos de idade.

Os amigos de infância do bairro cresceram juntos e fomos estudar nas escolas do centro da cidade, os vínculos afetivos se expandiram, começamos a tomar mais em nossas mãos a nossa própria vida e ganhar o mundo, seguíamos o nosso coração, e isso tornava-se uma questão existencial e, portanto, uma questão de vida.

Aos 16 anos, os amigos do centro da cidade, mais velhos do que eu, me convidaram para ser voluntária em um coletivo de artistas num trabalho que aproximava arteterapia e arte-educação. Esse coletivo fazia um trabalho no maior hospital psiquiátrico da região oeste do Paraná, o Hospital São Marcos. Lá aprendi que as forças humanas são inestimavelmente surpreendentes, que o estado de espírito de cada um é uma condição de vida do ser humano. Nesse meio aprendi que a loucura tem razões e que somos um para o outro fundamentais assim em grupo, que é no aprendizado mútuo que ganhamos a existência. Envolvida com aquele grupo de artistas voluntários no Hospital, conheci o “Movimento Antimanicomial”, o livro “O canto dos malditos” de Austregésilo Carrano Bueno (2004) e seu desdobramento, o filme “Bicho de

sete cabeças” (BUENO, 2004). Aquele aprendizado me fez olhar com mais atenção para as questões humanas, especialmente relativas à aprendizagem, e que são afetadas e forjadas pelo meio onde se vive. Aprendi a ver o quanto a fragilidade do ser humano relaciona-se com o ambiente externo, onde adapta-se mais ou menos, onde se distorcem concepções e criam-se emaranhados desconexos entre o eu interior e o eu fora. Conviver com os internados e seus comportamentos avariados, mostrou-me uma realidade distorcida, “uma estranha realidade”, que me levava por um caminho de busca por contato e conexão, observando que exercícios de liberdade curam e afrouxam as amarras psicossociais.

Começava a perceber naquelas experiências que eu tinha, dimensões e camadas do ser, a necessidade de conhecer processos educativos que abarcassem o corpo, a mente e a alma humana, onde se produzisse também um espaço de saúde. Ficava evidente para mim, o quanto o meio pode causar ou agravar doenças e desequilíbrios, e de como o cuidado com o que se sente e o que se cria através da arte, pode ser um meio de cura e caminhos de superação, transformação e crescimento. Naqueles trabalhos realizados com os arte-educadores no hospital, sinalizou-me um meio de possibilidades para o desenvolvimento humano, para uma educação que se conecta com o que gera sonhos e desejos pela vida. Naquela época eu andava com o pessoal das artes plásticas, cênicas, das bandas de rock, com os ecologistas, os naturalistas, e nessa rede eu amadurecia ideias e começava a sonhar com uma vida diferente, mais conectada com o meio, acreditando em um mundo melhor, vislumbrava ir morar em alguma “comunidade alternativa” das quais eu ouvia falar.

A aproximação com o pessoal do teatro levava-me para o aprendizado das oficinas onde eram criadas e montadas peças de teatro, esquetes, performances e interferências teatrais pelos espaços públicos da cidade. Com o teatro queria expressar as coisas numa linguagem corporal, usar a voz para dizer as coisas que julgava importantes a serem ditas, para um mundo que eu me sentia ajudando a construir. Foi assim que tomaram força as oficinas de teatro no meu fazer voluntário em educação.

Aos 21 anos de idade, com minha amiga Andrea Sulzbach, professora de teatro, demos início a uma oficina de teatro na casa onde eu morava. A casa era alugada de um senhor que era artista plástico e fazia trabalhos com lixo, era uma casa diferente cheia de artes de frente para a praia da Pinheira (Palhoça/SC). A oficina funcionava em um espaço na frente de casa, local onde tinha funcionado um restaurante e que na época estava desativado. A casa era um salão amplo, com chão de mosaico, paredes e tetos reproduziam a forma de um barco, as janelas na parte superior imitavam um convés. Tivemos sorte com aquele lugar poético, para realizar a

oficina de teatro. É como se aquela casa fosse o próprio palco e cenário da peça, fazendo parte das cenas e das ideias que ali estavam em curso. Montamos uma performance com crianças e adolescentes da comunidade da Praia da Pinheira, para dar início ao projeto fomos na escola convidar os estudantes. Apresentamos nossa peça no salão paroquial da comunidade em um evento da escola e após isso a oficina de teatro continuou acontecendo por alguns meses. A minha amiga foi morar em Curitiba/PR para estudar e eu dei continuidade as oficinas, passando a realizá-las na escola e no salão paroquial da comunidade.

As oficinas de teatro tomaram força e forma junto a artistas moradores do lugar e assim fundamos o Centro Cultural Casa Grande, um experimento coletivo de autogestão. Ali, eu estava fazendo parte de uma proposta coletiva e construindo uma visão mundo, aliás, de uma prática de mundo que eu acreditava.

Nessa mesma época fui convidada a fazer parte (e aceitei) do grupo comunitário de catequistas da igreja católica, mesmo sem ter passado pelas formalidades da primeira comunhão ou crisma. Mesmo sem essa formação religiosa para ser catequista, aceitei, porque o que eu queria mesmo era a oportunidade de experienciar esse processo de educação não formal, me sentir uma educadora era sempre empolgante. Levava a minha turminha de crianças catequistas nas trilhas do morro, situado entre as Praias da Pinheira e da Guarda do Embaú, e no exercício de ser uma catequista eu aprendia e conhecia cada vez melhor o território. Aos poucos, essas aulas de catequese viraram encontros para fazer contação de histórias, capoeira, teatro e as trilhas. Morando na praia (quase deserta), aonde eu ia e o que eu fazia, tinha sempre esse envolvimento com a natureza. Sentia que estar na natureza era o meu lugar.

Quando eu era criança gostava de ficar por horas brincando de perdidos na selva e, para isso, qualquer quintal, servia quando não estava em bosques ou praças em passeios. Brincar de estar perdida na selva foi uma das brincadeiras que mais me marcou da infância. Identifico nela o gosto pela natureza, por desbravar espaços desconhecidos e me conectar com os elementos da terra, do fogo, da água e do ar. Pois, a brincadeira girava em torno de fazer fogueiras imaginárias, buscar por água, cozinar e encontrar lugar para dormir, expedições que exploravam o mundo da imaginação, mas também no mundo físico brincava de sobrevivência.

Morar nas proximidades do Parque do Tabuleiro, onde tudo começou a fazer mais sentido, aliás, onde essa “história” que estou cartografando começou, foi uma escolha que marca um divisor de águas, fez-me sentir dentro de um território de aprendizagem, numa experiência de maior conexão com a natureza e com o lugar. Do trabalho voluntário, o vínculo afetivo com o território, até a entrada formal na equipe de educadores do Centro de Visitantes do PAEST.

Os caminhos percorridos no Parque levaram-me ao encontro do legado deixado por Raulino Reitz (1975), que com sua pesquisa abriu no passado uma trilha de aprendizados, onde, no presente seguimos nos formando e nos transformando individual e coletivamente. Nesse trabalho realizado por uma equipe de educadores e pesquisadores que seguem aprendendo com as *aulas vivas* no Parque. Sigo participando de trabalhos voluntários em grupos de estudos e reflexões na comunidade escolar, na construção coletiva de propostas pedagógicas e de uma matriz axiológica, nutrindo o sonho da criação do “Centro de Formação Raulino Reitz”, um espaço transdisciplinar de educação.

Esse voluntariado que atravessou vários caminhos, diferentes tempos, territórios e trabalhos que compuseram o início da formação de uma educadora, revela-se nessa cartografia como uma fonte de experiências, de aprendizados e de pesquisa, constituindo uma teia de relações, uma trama que se sustenta naquilo que se experimenta e se conquista.

Um processo de aprendizado mútuo, experimentações e vivências que foram únicas e imprescindíveis em minha formação. Vivências e experiências no voluntariado que me iniciaram no caminho da educação ambiental e nessa conexão com o Parque, se abrindo uma via formal e institucional para atuar como monitora ambiental em 2002 quando entrei no Centro de Visitantes. Dois anos depois, em 2004, ingressei no curso de Licenciatura em Geografia da UDESC, e atuando como bolsista de extensão no Núcleo de Estudos Ambientais (NEA), pude dar continuidade às práticas educativas que já vinha realizando de forma voluntária na comunidade escolar, em consonância com as atividades do Centro de Visitantes. Levando para a graduação em geografia o que já estava de alguma forma acontecendo no Parque, um embrião de perspectiva de educação ambiental.

Como bolsista de extensão do NEA comecei a trabalhar com a educação ambiental entre as escolas e o Parque, dando uma escala maior ao que já vinha fazendo. Com a graduação em geografia, a formação e atuação docente, ampliou-se ainda mais o meu raio de ação, permanecendo o espírito do voluntariado em trabalhos para viabilizar os projetos integrados ao Parque.

Nesse meio, entre a educação formal e não formal, complemento minha formação docente, acadêmica e de vida. Sigo participando de intercâmbios em programas de voluntariado em outras unidades de conservação. Dessa maneira também, muitas portas já foram abertas para entrada de outros voluntários que ajudaram a compor a equipe de monitores e muito contribuíram com o Programa de Educação Ambiental do Centro de Visitantes do PAEST.

Nessa cartografia intensiva, no decorrer da pesquisa, aparecem bem demarcados esses caminhos, as trilhas da vida, que eu percorria encontrando pessoas que transitavam entre as artes, a ecologia, a educação, a psicologia e a espiritualidade, era o que me tramava. Eu andava nesses meios e esses meios me tramavam. Sem saber, com tanta certeza de que esses meios me constituiriam como educadora, pois, só sabemos da importância das trilhas, dessas trilhas depois que as fazemos e que o tempo passa.

Figura 15 - Jornal Espinheira-Santa (conjunto de imagens)



Espinheira

DESTRUÇÃO NA PRAIA DO SONHO

Vilmar Godinho

A construção da Via Expressa Sul pelo Governo do Estado, irá ligar o Aeroporto Hercílio Luz ao Centro da Ilha, passando pelo bairro de Pinheirópolis. Com encontro de 15 quilômetros, sobre areia de areia retirada da Baía Sul, cujos trabalhos já foram iniciados pela draga da empresa holandesa Hollands Aannemming Maatschappij (HAM), contratada pela Companhia Brasileira de Projetos e Obras (CBPO), responsável pela transformação da Praia do Sonho num inconveniente canteiro de obras, e pior: no domingo, 4 de agosto, provocaram o desaparecimento de parte da praia, dunas e vegetação.

Por volta das 7 horas, em consequência do forte vento noroeste, a ação da maré tragou 200 metros de praia. Em três horas, a maré avançou mais 500 metros, devorando 20 mil metros cúbicos de areia. Duas casas foram danificadas e a empresa perde duas baias e uma retroescavadeira de esteira, retiradas no dia seguinte.

A CBPO já foi atuada pela Fundação do Meio Ambiente, Fatma, que lhe deu prazo de 10 dias para apresentar projeto de recuperação da praia. Para isso a empresa mandou vir da Holanda técnicos para a elaboração do projeto.

A licença concedida pela Fatma, Ibama, Marinha e Prefeitura de Palhoça (sem nenhum fiscalização da obra), previa a utilização de 1.500 metros da faixa de areia, o que não foi cumprido com a instalação de três plataformas flutuantes para desembarcar materiais pesados (como tratores), que segundo técnicos da empresa, acabaram por provocar alteração nas correntes, ocasionando a invasão do mar. Nesses termos a CBPO assumiu inteiramente a culpa e pro-



Foto: Osvaldo Noceti/AN Capital (06/07/96)

Crônicas da Vida

Fonte: Guia Rural
PLANTAS QUE CURAM
CAPIM LIMÃO

meteu recuperar a área, além de pagar os prejuízos aos moradores do local. Porém, os moradores afirmam que o dano causado é irreversível e que a comunidade não tem condições de sustentação das estruturas da obra.

De entendão já sabemos que prevalecerá a versão da empresa pois, a Fatma, através do seu diretor de controle de poluição, Francisco Costa, já declarou que não investigará a denúncia feita pelos moradores, atribuindo a investigação à própria empresa denunciada.

Enquanto isso, o Centro de Promotorias da Coletividade estuda a possibilidade de abrir uma ação civil pública contra as empresas envolvidas pelos danos ambientais causados na área. O acidente geográfico na Praia do Sonho, com o inicio da dragagem, mostra que não foram realizados com segurança os procedimentos de impacto ambiental, levantamentos ambientais, sem consulta à comunidade local.

A conclusão da obra prevista para março de 1998 indica que ainda há muito com que nos preocupar.

Espinheira

Nº 3 OUTUBRO/1994

PRAIA DA PINHEIRA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

QUEM SÃO OS DONOS DA TERRA?

Editorial

A ocorreu no dia 15 de outubro, no auditório da sede da Prefeitura de São José do Rio Preto, reunião entre o Sindicato dos Metalúrgicos de São José do Rio Preto, grupo de Professores da Pinheira e o informativo Espinheira, que contou com a participação de representantes da PRIMAR e a comunidade. Sabe-se que para juntar mais ver em 10 anos passados o tombamento dessa área, essa área que é um dos poucos remanescentes de mata atlântica que permanece na comunidade abrigada pelo Parque, para obter dados sobre os fatos e situações desse tombamento, os representantes da PRIMAR e a comunidade apresentaram a proposta de elaborar um relatório sobre a situação da Pinheira. De várias questões levantadas, verifica-se que a proposta tem respostas objetivas, saudáveis e inclusivas a intenção de se preservar a mata atlântica e a manutenção de parques e de suas famílias.

Foi clara que a intenção do Estado é desapropriar todos os moradores do Parque por um valor menor, ou seja, um valor menor que o que o desvanece das dívidas que existem no relatório de pessoas que falam que o Parque roubou muito antes da sua implementação.

Brangueado pelo Parque foram interessados... Agora nele existem vários casos de pessoas que pagam impostos municipais e estaduais referentes as suas propriedades, que vivem lá, que contribuem, e o Estado quererá tirar deles.

Em áreas desreservadas como Estudo para urbaniza-

Não existe entendimento entre o Municipio e o Estado. Um órgão da prefeitura queria que o Parque fosse por sua vez, entregar e muita... Achamos uma grande vantagem para essa comunidade ser considerada.

Parque é só um nome, mas não é só administrado. As pessoas que habitam esse território sempre tratadas como se fossem bandidos, sempre com práticas horribles, herdeiros ou complices gráficas no maior dos seus traumas.

São as pessoas que de fato geram a economia da comunidade, da qual o Parque é a porta de entrada.

Espinheira é muito linda... Ah sim, muito linda.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver, evitando poluir o mar e os ecossistemas. Em todas as cidades grandes não se vêem mais estufas. Aqui, a gente pode viver bem, pode perceber a beleza da natureza.

É a vida que é vida, se é vida é a vida de cada um de nós. Assim é que é.

Avançar que o Parque deve crescer e desenvolver

Espinheira 128 Novembro 2007



Centro de Visitantes do Parque

Fone 3286-2624

Aberto de 4^a a domingo, das 9 às 16h



Centro de Visitantes leva teatro às escolas

A segunda maior unidade de conservação de proteção integral do sul do país, o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, comemorou 32 anos em 1º de novembro. Neste dia, a equipe do Centro de Visitantes apresentou a conclusão do Projeto Tabuleiro em Cena 2007, para as escolas isoladas municipais do Rincão, Albardão, Três Barras, Araçatuba, para a Escola Municipal Morretes II, para o grupo de meio ambiente Mensageiros da Esperança, de jovens da Pinheira, e para o Coral Indígena Itapemirim, dos M'byá Gu-

rani do Morro dos Cavalos, que também atuaram na peça e para convidados. O evento teve o objetivo de integrar os grupos e realizar a valorização da história local, resgatada nas cenas da peça, que este ano teve como tema o Caminho do Peabiru, baseado no livro *A saga de Aleixo Garcia: o descobridor do Império Inca*, de Rosana Bond. Agradecimentos à Paulotur, ao supermercado Santos da Praia da Pinheira e a todos que colaboraram para finalização de mais esta etapa do Projeto Tabuleiro em Cena.



Vilmar Godinho

Werá Tupã fala para crianças indígenas e não-indígenas no Centro de Visitantes do Parque do Tabuleiro.

O Peabiru na memória Guarani

O Centro de Visitantes do Parque do Tabuleiro recebeu dia 5 de outubro a visita do professor Werá Tupã, do Morro dos Cavalos, que veio falar sobre cultura Guarani a uma platéia de cerca de 60 crianças das escolas do Morro dos Cavalos e do Rincão. O encontro faz parte das atividades do Projeto Tabuleiro em Cena, que integra o programa ambiental do Centro de Visitantes, em parceria com a Udesc.

O projeto, segundo a coordenadora Adriana Lopardi, tem por objetivo a valorização da Baixada do Maciambu como patrimônio natural e cultural da humanidade e propõe uma maior integração da comunidade com os índios Guarani. A atividade principal será elaborar uma peça teatral sobre o caminho do Peabiru, contada segundo a memória Guarani. O projeto conta com orientação da professora Lúcia Ayala.

Peabiru, de acordo com Werá Tupã, é um caminho muito antigo, utilizado por vários povos indígenas como se fosse as rodovias de hoje. Era usado para visitar parentes, buscar remédios. Werá Tupã conta que o caminho também possibilitava aos Guarani um contato maior com o povo Inca, com quem faziam muitas trocas, na maioria das vezes de sementes. Segundo o professor, os Guarani ainda pre-

servam a memória de um encontro com um grupo de naufragos de pele branca na foz do Rio Maciambu, de quem cuidaram e com os quais passaram a conviver. Isso teria acontecido em 1516 e um dos naufragos, o português Aleixo Garcia, acompanharia alguns anos depois os índios pelo caminho do Peabiru, até os Andes, onde teria havido o primeiro contato entre um europeu e o Império Inca.

Espinheira-Santa

Baixada do Maciambu • Palhoça • SC • N° 130 • Ano 21 • Fevereiro de 2016 • Distribuição gratuita

Piêno Bordin / Baixada do Maciambu



Recategorização pode ser julgada inconstitucional.
Pág. 4

Fatma reabre Centro de Visitantes do Parque do Tabuleiro.
Pág. 5

Ricardo dos Santos, uma saudade que não passa.
Pág. 13

Tabuleiro
SUPERMERCADO
• Açaíque • Padaria • Frutas • Verduras
• Variedades • Carnes! •
CORREDOR - CASARIO - CICLO BISPELHAIS
(48) 3283-1444
Rod. Evidito Paulo Broering (SC 433) km 31 - Praia da Penha

PET SHOP
Bichos & Caprichos
BANHO E TOSA / RAÇÕES / ATEND. VETERINÁRIO
www.petbichosecaprichos.com.br

Espinheira-Santa • 130 • Fevereiro de 2016

Parque do Tabuleiro

5

Centro de Visitantes do Parque do Tabuleiro reabre ao público

Piêno Bordin

Centro de Visitantes do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro - PAEST, localizado na Baixada do Maciambu em Palhoça, é o espaço público mais legítimo para tratar dos assuntos do próprio parque e, como tal, deve permanecer aberto às comunidades do seu entorno de modo a convidar as pessoas a participarem da história da natureza de Santa Catarina. A reabertura do Centro de Visitantes do Paest, a quarta desde sua inauguração em 2002, permite mais do que a realização de atividades de educação ambiental com grupos distintos, a possibilidade de empoderamento das comunidades do entorno do Parque por meio da interação com seu contexto, seu planejamento e implantação, principalmente com a previsão de elaboração do seu Plano de Manejo prevista para 2016.

A elaboração do plano de manejo é uma grande oportunidade de novamente nos debruçarmos sobre o Parque e reconhecê-lo, ele e suas populações, seus ecossistemas, seus potenciais e seus desafios. Será também a ocasião para identificar os atores sociais que poderão compor o conselho consultivo e contribuir com a gestão dos territórios alcançados por esta unidade de conservação.

Além disso, a nova equipe do Centro de Visitantes é fruto da parceria entre Fatma e Instituto Carakura, cujo objetivo é a coetanéidade da Educação Ambiental no Parque. A abrangência, o sucesso e a continuidade desta e de outras ações previstas para o Parque a partir de 2016, assim como a perpetuidade dos bons resultados, dependerão diretamente da gestão da Fatma, da existência de recursos fi-

nanceiros e do acompanhamento e protagonismo da sociedade civil organizada. Creio que as iniciativas positivas relacionadas ao Paest terão como resultado o aumento da visibilidade do Parque, bem como da percepção de seus benefícios e possibilidades.

Diante do cenário atual, de crimes ambientais cada vez mais graves e de mudanças climáticas, a proteção do ambiente natural deve ser prioridade da sociedade (incluindo todos os governantes e grandes empresários), para que possamos garantir qualidade de vida às populações e conservação da biodiversidade e dos recursos naturais. Ainda que a gestão do PAEST caiba ao governo estadual, a não proteção dos seus ecossistemas e recursos naturais poderá ser sentida por toda sociedade, como todos as-

sistemas, recentemente, no caso do crime ambiental ocorrido em Marimata-MG, cuja bacia do Rio Doce foi destruída por rejeitos de mineração tingindo populações interras e ainda o Oceano Atlântico. Desastres como esse sensibilizam e nos fazem questionar nossos padrões de consumo, nossa relação com a natureza e a necessidade de instalação de grandes empreendimentos em áreas de preservação. Sendo assim, à sociedade cabe a responsabilidade de ocupar os espaços públicos de decisão para fazer com que os governos e empresas assumam suas obrigações e cumpram as leis de proteção à natureza, como forma de garantir a existência da atual e das futuras gerações.

Morgan Elitz Henrich
chefe do Parque
Estadual da Serra do Tabuleiro



Figura 16 - SOS Pinheira



Fonte: arquivos próprios

Figura 17 - Centro Cultural Casa Grande 1998



Fonte: arquivos próprios

Figura 18 - Vivendo o Ambiente (conjunto de imagens)





Troféu conquistado na I Feira Ambiental de Florianópolis, junto às máscaras e acessórios cênicos.



Máscara do Lixo



Máscara da Duna Móvel



Máscara da Queimada



Performance
Vivendo o Ambiente



cena 1
Sistema Solar



Oficina de Teatro e Vivência Ambiental



Fauna de Santa Catarina



cena 4
Maré Alta

Fonte: arquivos próprios

[3] DO PAEST PARA A GEOGRAFIA NA UDESC

Movida pela força de ser e estar na missão de conhecer e cuidar do Parque e apresentar o que eu aprendia para as comunidades, assim fui cada vez mais envolvendo-me nesse legado. Abracei o propósito, não somente profissionalmente, mas vinculada afetivamente com esse território. Coloquei-me no papel de ajudar a produzir e difundir conhecimentos sobre conservação da natureza e qualidade de vida especialmente para as populações que vivem no entorno do Parque. Desenvolvendo trabalhos de sensibilização socioambiental, ajudando a construir pontes e redes de parcerias.

Desta maneira, começava a tecer uma trama de diferentes aprendizados e autoformação em um programa de educação ambiental, que se consolidava à medida que as experiências iam se tramando. Encontrava-me em um laboratório vivo, onde foram deflagradas inúmeras e significativas experiências que nortearam meu percurso formativo.

Comecei a desenvolver o projeto “Tabuleiro em Cena” (fig. 19), que virou um laboratório teatral, realizando as oficinas de teatro-educação e ao mesmo tempo, ativando ações de extensão do Programa de Educação Ambiental do Centro de Visitantes nas comunidades escolares do entorno da UC. Nesse laboratório, educadores e pesquisadores interagem em um mesmo território de aprendizagem, onde, ali pesquisam, refletem, tomam decisões e fazem escolhas, sempre buscando maneiras de realizar e dar continuidade à educação ambiental na UC. Fazendo parte da equipe de monitores ambientais do Parque, convivia com os pesquisadores que ali desenvolviam seus trabalhos, em diferentes áreas do conhecimento.

Aproximando-me cada vez mais do universo da conservação da natureza, percebi que a área da geografia era interessante por abranger as relações entre o ser humano e a natureza. Todo aprendizado que acontecia naquele laboratório coletivo, me dava indicativos da importância de uma formação que se dá pela via da informalidade, mas, também, começava a me dar claros sinais de que ela por si só não se basta. Começava a sentir a necessidade de avançar e entrar numa graduação. A permanência no Parque aproximou-me do trabalho do geógrafo Dr. Luiz Henrique Fragoas Pimenta (2016), coordenador do Centro de Visitantes do PAEST, desde a sua abertura em 2002. Essa permanência permitia-me acompanhar seu envolvimento com as pesquisas realizadas no Parque, e que transitavam pela geografia. Aos poucos passei a interessar-me por esta área do conhecimento como possibilidade de uma formação acadêmica. Motivada pelos conhecimentos sobre o território envolvido pelo Parque, sobre as relações do ser humano com a natureza, passei a me interessar pela graduação na área da geografia. Sabia

que seria uma formação tardia, levando em conta que a maioria dos estudantes das universidades brasileiras, inicia sua formação acadêmica por volta dos dezoito anos de idade e eu estava com trinta. Uma tomada de decisão importante, buscar uma formação universitária com essa idade, após um longo intervalo fora da escola. Em 2004 prestei vestibular e fui aprovada na Universidade do Estado de Santa Catarina. A escolha pela geografia foi motivada, também, pela existência de um vestibular vocacionado que essa universidade oferecia, e naquele ano foi a última edição daquela modalidade. Neste modo, o estudante optava pelo curso de seu interesse e fazia uma única prova que continha questões apenas de áreas afins com a do curso. Como optei pela geografia, as questões giraram em torno de geografia e história e o núcleo comum era português e um idioma (inglês ou espanhol), optei por espanhol.

Estava há quase quinze anos longe da escola após ter concluído o Ensino Médio, e sem cursinho pré-vestibular, não me sentia apta para prestar uma prova onde entrassem as ciências exatas, matemática, física e química. Isso intimidava-me e na verdade fora motivo da desistência de vestibulares anteriores. Matemática sempre foi um dos meus pontos fracos na escola. Sempre gostei de estudar e interessava-me entender sobre as relações entre ser humano e natureza. Na escola gostava de biologia e tinha muita afinidade com as ciências humanas, mas minha concepção de geografia naquela época era outra, diferente daquela nova geografia que eu conheci no Parque. O vestibular vocacionado me dava coragem de tentar, pois mergulhada na geografia do Parque, aprendi muito sobre o território catarinense, clima, vegetação, relevo, hidrografia, história, botânica e por isso me sentia confortável em fazer aquele tipo de prova. Entrei na universidade através do último vestibular vocacionado, uma prova com apenas uma fase de exame. A partir de 2005 já mudaram as regras e o vestibular passou a ter duas fases, uma prova geral aplicada antes com as disciplinas convencionais e outra prova na segunda fase, direcionada para a área do curso escolhido.

Entrar na universidade no curso de Geografia, significava para mim um verdadeiro “portal” para adentrar mais fundo naquele mundo que acreditava que poderia ajudar a construir tendo uma formação no ensino superior. Sim, eu via na geografia a possibilidade de se pensar e de se fazer um mundo melhor. Eu não conhecia o universo acadêmico, não tinha muita clareza do processo educativo em que estava entrando, até então, não estava acostumada a racionalizar as ações nas quais estava envolvida. Até chegar naquele espaço formal, tinha trilhado um caminho informal na educação, movida pela vontade de fazer, pela paixão de conhecer e atuar na causa ambiental, e agora, me empolgava com a ideia de percorrer por novas vias. Estava sendo um marco na trajetória que havia iniciado de forma voluntária e autodidata, e que ia a

cada novo passo tomando mais consistência para mim. Começavam a fazer parte de um passado, aqueles tempos em que eu caminhava por onde eu sentia e desejava, movida por exercícios de liberdade. Naquele tempo em que eu não me importava tanto em ver o caminho, nem os resultados importavam tanto, era mais o que eu sentia no momento presente que importava, ia realizando uma ação após a outra de forma mais intuitiva do que movida pela razão. Hoje, ao olhar para trás e revisitar lugares passados, para escrever sobre minha trama de formação, vejo um movimento que era claramente na direção da educação.

Percorrendo “caminhos que tinham coração”, iniciando-me na educação ambiental, a partir daquele momento eu estava indo ao encontro da geografia, desta vez, no ensino superior. O Parque acolhia os meus interesses, aliás isso parece ser uma marca do Parque esse tipo de acolhimento. Seguia dentro das escolas e da universidade, movendo-me pelas trilhas que o Parque e o voluntariado me possibilitavam. Esse laboratório vivo, esse lugar de formação transdisciplinar, proporcionou-me um modo de trabalho singular e crescimento, tanto pessoal quanto profissional. Com a pesquisa, cá estou, a pesquisar e a percorrer novamente esses tantos caminhos por onde andei, numa jornada de vida e da educação ambiental como um legado, uma trilha de longo curso.

Entrava tardeamente na universidade, mas com uma bagagem de experiências que permitiram-me direcionar o aprendizado do curso de geografia para esse caminho onde eu já estava trilhando um percurso formativo, no território que o Parque abrange. Encontrava-me em um curso superior, em uma formação para a docência, e entre as veias das escolas onde já trabalhava de maneira informal, tanto nos trabalhos voluntários comunitários, quanto nas atividades de extensão do Programa de Educação Ambiental do Centro de Visitantes.

Constituía-me professora no curso ao mesmo tempo que já era uma professora em curso. Essa trajetória prévia em educação, fazia diferença na minha formação, sobretudo na etapa da licenciatura. Lecionar e ao mesmo tempo participar dos programas de extensão universitária enquanto estava cursando a graduação, faz muita diferença em uma formação acadêmica.

Todas as disciplinas do curso que permitiram-me aplicar nas tarefas e trabalhos, às temáticas do Parque: políticas ambientais, educação ambiental, biogeografia, geologia, na geomorfologia etc., assim o fiz. Logo comecei a me conectar com as pessoas que estavam em consonância com a minha busca, nessa caminhada “eco política” na área da educação. Na graduação tive essa oportunidade singular de estudar geografia trabalhando no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e de lecionar nas escolas de comunidades de seu entorno.

Retomava a vida de estudante aos trinta anos de idade depois de uma longa pausa desde a adolescência quando tinha concluído o ensino médio. Aos 21 anos me tornei mãe, esposa, dona de casa, o tempo passou, e se foram mais de dez anos sem ter contato com estudos dentro do sistema formal de ensino. O que me preparou para o processo seletivo vestibular foram os aprendizados que conquistei por estar trabalhando no Parque. A experiência de ser monitora ambiental no Centro de Visitantes, estar em contato com conhecimentos diversos sobre o território, vivenciar a proximidade com os pesquisadores e turmas do ensino superior que visitavam o Parque, reavivaram em mim o sonho de uma graduação. Coragem, superação, dedicação e muito crescimento.

Uma oportunidade única: estudar geografia, trabalhar no Parque, ser bolsista de extensão universitária, desenvolvendo o meu próprio projeto de teatro-educação e contribuindo nas ações de extensão do Parque. No curso de geografia encontrei-me no universo das múltiplas possibilidades, conheci a perspectiva da formação socioespacial, os domínios da natureza, os geossistemas, as bacias hidrográficas, a biogeografia, a geologia, a geomorfologia etc. Poéticas da natureza e da sociedade, no tempo e no espaço, a cada novo conhecimento, uma nova linha da trama que me formava nesse meio, entre as experiências e os aprendizados. Assim fui tecendo a trama da educadora ambiental e da professora de geografia, sustentando um percurso formativo, entre histórias de vida e aprendizados no Parque.

[3.1] DENTRO DO CURSO O MOVIMENTO EM DIREÇÃO A EXTENSÃO E A ESCOLHA PELA LICENCIATURA

A experiência como bolsista do Programa de Extensão Universitária na UDESC proporcionou-me um amplo aprendizado, interagindo entre os meios: acadêmico, o Parque e as suas comunidades escolares de entorno. Uma trajetória que se deu entre espaços formais e não formais de educação, em suas múltiplas dimensões, intensificando-se o processo de aprendizagem. Essa rede de comunidades de aprendizagens entre escolas, universidades e outras entidades e instituições, dava sentido e direção para o desenvolvimento e a implementação do Programa de Educação Ambiental do Centro de Visitantes do PAEST. Ressaltando-se o papel social, cultural e educativo do Parque, que agencia e dá significado para as formações e processos de aprendizagem, tanto na educação básica, quanto no ensino superior.

Tive na graduação a oportunidade de conhecer a Profa. Dra. Lúcia Ayala, na disciplina de geologia, esse encontro significou um ramal substancioso na rede de aprendizagem em que eu estava envolvida. Em nossas conversas contei-lhe sobre minha trajetória nas trilhas do voluntariado, sobre as oficinas de teatro na comunidade onde morava e o trabalho que estava realizando no Parque. A professora Lúcia coordenava o Laboratório de Geologia e manifestou seu interesse em adotar o meu projeto e, integrá-lo no programa de extensão universitária. Fizemos as burocracias necessárias para inserir o projeto “Tabuleiro em Cena: teatro-educação e interpretação ambiental” na extensão universitária na UDESC. A partir disso, o projeto passou a ter a coordenação da professora Ayala, e continuei executando meu trabalho com a autonomia que tinha, porém, agora como bolsista de extensão.

Como bolsista de extensão universitária pude dar continuidade ao projeto “Tabuleiro em Cena”, amplificando-se, como uma ação de extensão do Programa de Educação Ambiental do Centro de Visitantes nas escolas do entorno do PAEST, numa dupla articulação com o programa de extensão da UDESC. Realmente foi muito significativo e gratificante ter a oportunidade de ser bolsista de extensão universitária em um projeto que vinha sendo construído de forma voluntária e autodidata até então. Nessa nova posição, o “Tabuleiro em Cena” passou a ser realizado numa tríade (universidade-parque-comunidade escolar), com o suporte da universidade e da equipe de monitores do Parque, somando grandemente com o que vinha sendo desenvolvido antes.

O projeto foi redimensionado, passou a ser sistematizado com planejamentos e relatórios, cresceu a sua abrangência e foram produzidas várias edições, atendendo

comunidades escolares do entorno do Parque⁹. Apresentamos resultados do projeto de extensão em congressos universitários, publicamos e socializamos experiências, marcando uma fase muito preciosa de minha trajetória e formação docente. Esse direcionamento encaminhou-me para escolher a Licenciatura em Geografia¹⁰, pois a docência me chamava para um caminho de ida sem volta.

Passei a lecionar geografia na educação básica na rede pública de ensino como professora substituta, em contratos temporários ainda durante a graduação, em 2009. Porém, antes disso, minha entrada formal na docência, não foi como professora de geografia. Ingressei na Escola de Educação Básica (EEB) José Maria Cardoso da Veiga (situada no entorno do Parque), em 2008, como educadora ambiental no projeto “Educação Ambiental e Alimentar” (AMBIAL), desenvolvido, naquela época, na rede estadual de educação básica de Santa Catarina. (entorno do PAEST). Nessa ocasião, desenvolvi atividades criadas para a disciplina qual estava ministrando no projeto AMBIAL, intitulada como “Iniciação à Pesquisa”, onde desenvolvi o projeto “Jovem Pesquisador”. Foi um “prato cheio” para uma professora principiante, uma oportunidade de exercer uma certa autonomia na docência de forma transversal, atendendo à temática ambiental do projeto, por meio de oficinas.

No exercício docente, no Projeto AMBIAL, pude experimentar propostas pedagógicas com muitas aulas ao ar livre, deflagrando pesquisas com os estudantes que atravessavam as temáticas que tinham a ver com o Parque. A EEB José Maria Cardoso da Veiga, fica localizada no entorno imediato do Parque, próxima a Serra do Cambirela, com cachoeiras que abastecem a população local em um sistema de gestão comunitária da água, e com uma praia formada por uma enseada, onde cultivam-se marisco e ostras. Naquele momento, entrava em uma nova etapa da trajetória como educadora e de meu percurso formativo, fazendo novas conexões entre o Parque, as escolas e a universidade. Atuava simultaneamente como monitora ambiental do Parque, bolsista de extensão da UDESC, e pela primeira vez atuando como professora da rede pública na educação básica. Com essas aulas formais, iniciei uma fundamentação um pouco mais consistente para a minha prática educativa, buscando adequar à educação ambiental as oficinas de teatro, experimentando um novo processo de aprendizagem, dentro da escola.

⁹ Algumas edições foram: “Mãe Natureza”, “A festa na floresta”; “Lindo Lago do Amor”, “A Floresta Encantada”, “O Caminho do Peabiru”, “Teatro do Gato-do-mato na trilha”, “Ouçam o Coração da Mãe Terra” e “Diálogo Animal”.

¹⁰ Na antiga matriz curricular do curso de geografia da UDESC, a opção pela licenciatura ou bacharelado vinha na quinta fase.

Na UDESC, conheci o Núcleo de Estudos Ambientais (NEA) e passei a interessar-me pelo movimento do núcleo, e das atividades práticas que envolviam os estudantes. Um dos trabalhos do NEA (2004) era o projeto de extensão intitulado “Bicho Geográfico: a extensão como dinamizadora da pesquisa e do ensino”¹¹. Em um de seus eventos destinado aos estudantes de geografia e demais interessados, foi exibido no Auditório do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED/UDESC) o filme: “O Capitão Imaginário”¹² (O CAPITÃO... 2000) nesse dia da sua exibição contou com a presença de seu diretor Chico Faganello. O filme tinha como argumento a territorialidade em dimensões interespaciais, temporais e atemporais. O filme documentário abriu para mim um universo de possibilidades de trabalhar no ensino de geografia e na educação ambiental, abordando aspectos geográficos, históricos, etnográficos, regionais, na conjuntura da colonização e da contemporaneidade ao mesmo tempo. Foi um material potente que levei para a minha prática pedagógica dentro das aulas de geografia nas escolas, inserindo-o de forma transversal para conectar aos estudos do currículo da educação básica, contendo conteúdos sobre a Mata Atlântica, biomas brasileiros e impactos ambientais, colonização, urbanização, e cenas que contemplam o território. A trama do “Capitão Imaginário” presenteou-me com a temática de meu relatório de conclusão de curso¹³, na Escola Abílio Manuel de Abreu (AMA), intitulado: “Por uma educação mais ambiental” (LUNARDI, 2011) (fig. 20). A temática de meu trabalho de conclusão, explorou uma trilha interpretativa localizada em frente à escola, que levava até a “Pedra da Vicentina”, um mirante natural em uma pedra rodeada por dunas conectadas aos cordões arenosos da Baixada do Maciambu (Palhoça/SC). A temática inspirada pelo Parque e pelo filme, permitiu-me inserir no plano de aula do estágio de conclusão do curso, conteúdos sobre a Mata Atlântica como dentro do Tema Transversal Meio Ambiente, atendendo o currículo escolar, e o ressignificando, com elementos concretos do território. A mostra do filme “O Capitão Imaginário” (O CAPITÃO... 2000) foi apresentada também como uma proposta de atividade de extensão do PAEST e da UDESC, dentro da temática do estágio, produzindo uma ponte entre saberes. Dessa forma, compus o meu plano de ensino, para uma turma de 7º ano do ensino fundamental com os conteúdos de Geografia do Brasil, inserindo nesse contexto o Parque e o filme. Assim, nessa dupla articulação, realizei meu estágio na Escola AMA em Palhoça/SC, no entorno do PAEST. A escola possui em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) um Termo de Ajustamento de Conduta

¹¹ Sob coordenação da Profa. Dra. Ana Maria H. Preve ano de 2008.

¹² Link para assistir ao filme: <https://www.youtube.com/watch?v=wvvi60dsbNU>

¹³ Requisito para obter o grau de Licenciado em Geografia.

por estar em área sobreposta aos limites do Parque, corroborando com plano de ensino, que teve o Parque como eixo e tema transversal ao conteúdo curricular. Ainda nessa escola, além de ter sido um dos meios onde tecí fios importantes em minha trama de formação como professora de geografia, tive a oportunidade de lecionar por contratos temporários, as disciplinas de ciências e história, no ensino fundamental e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ainda na escola AMA, meu aprendizado foi potencializado por ações de extensão do Programa de Educação Ambiental do Centro de Visitantes, na realização do “I Curso de Educação Ambiental para Professores” e da “I Mostra Raulino Reitz”. Uma experiência significativa de articulação entre espaços de educação formal e não formal, alimentando o início de trabalhos em rede no entorno da UC.

Vivenciar a prática pedagógica dessa forma articulada entre a universidade e o Parque, com a comunidade escolar por meio das ações de extensão e dos estágios, marcou um fio condutor importante nessa trama de formação. Vincular-me aos programas de extensão, abria espaço e ampliava o mundo que circula fora da universidade, unindo conhecimento científico e saberes construídos coletivamente. De outro lado, um contraste na realidade de o quanto com o passar do tempo a formação universitária tende a se afastar disso. Como as disciplinas nas suas particularidades vão se fechando nelas mesmas e como as extensões abrem o círculo desse fechamento, fazendo o que se aprendia ali circular lá fora e o lá fora circular naquele espaço.

A convergência entre as múltiplas possibilidades de realizar educação ambiental no Parque em sintonia a comunidade escolar e a universidade, me abriu um caminho fecundo, um meio de aprender com o meio, de maneira singular. O Parque é um terreno fértil para o professor pesquisador, é mesmo um laboratório vivo. Aqui, encontro ressonância nas palavras de Paulo Freire (2021, p. 30):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino, esses quefazeres estão um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo eduko e me eduko. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Para lecionar Geografia sempre levava comigo contextos do parque para dentro das escolas e da mesma forma, levava as escolas comigo para dentro do Parque, assim seguia, percorrendo as trilhas do Parque, produzindo roteiros educativos. Lecionar nas escolas das comunidades locais, levando sempre comigo o legado do Parque na prática pedagógica, marcou um modo de fazer aulas de geografia: desenvolvendo planos de ensino com projetos transversais sobre as temáticas do território abarcado pelo parque, ao mesmo tempo, fugia da estagnação e

do engessamento das grades curriculares e conteúdos por vezes mórbidos. Sempre buscando dar vida aos conteúdos, levando minhas turmas para fora da escola, e para dentro do Parque, ao mesmo tempo levava o Parque para dentro da escola e da sala de aula. Nesse movimento de aprendizagem e pesquisa, buscava trabalhar com os conteúdos de geografia tentando produzir *aulas vivas*.

Nesse processo laboratorial e campo de múltiplas possibilidades, tive muitas experiências de construção e aplicação de sequências didáticas diversificadas. Com muitos envolvimentos positivos dos estudantes em criações, montagens e apresentações teatrais, em diversos roteiros educativos, nas trilhas interpretativas, construções coletivas e mostras culturais.

Uma rede de aprendizagem se formava entre o Parque e as escolas, movida por planejamentos coletivos transdisciplinares, abastecidos por trocas de ideias e compartilhar de experiências. Processos que se sustentaram em um “esperançar” por uma educação mais conectada com a natureza e com o ser humano. Acreditando que o caminho seja por meio dos coletivos da comunidade escolar, seguia apostando nas práticas integradas entre espaços e ações educacionais formais e não formais, e no contato direto com a natureza.

Caminhos percorridos refletindo e encontrando alento em perspectivas que me levaram ao encontro de uma aprendizagem mais significativa, preenchendo lacunas do ensino formal, que muitas vezes nos são insuficientes. Ainda que se proponha a uma formação integral do ser humano, considerando suas múltiplas dimensões, os espaços formais de educação parecem não dar conta dessa proposição sozinhos.

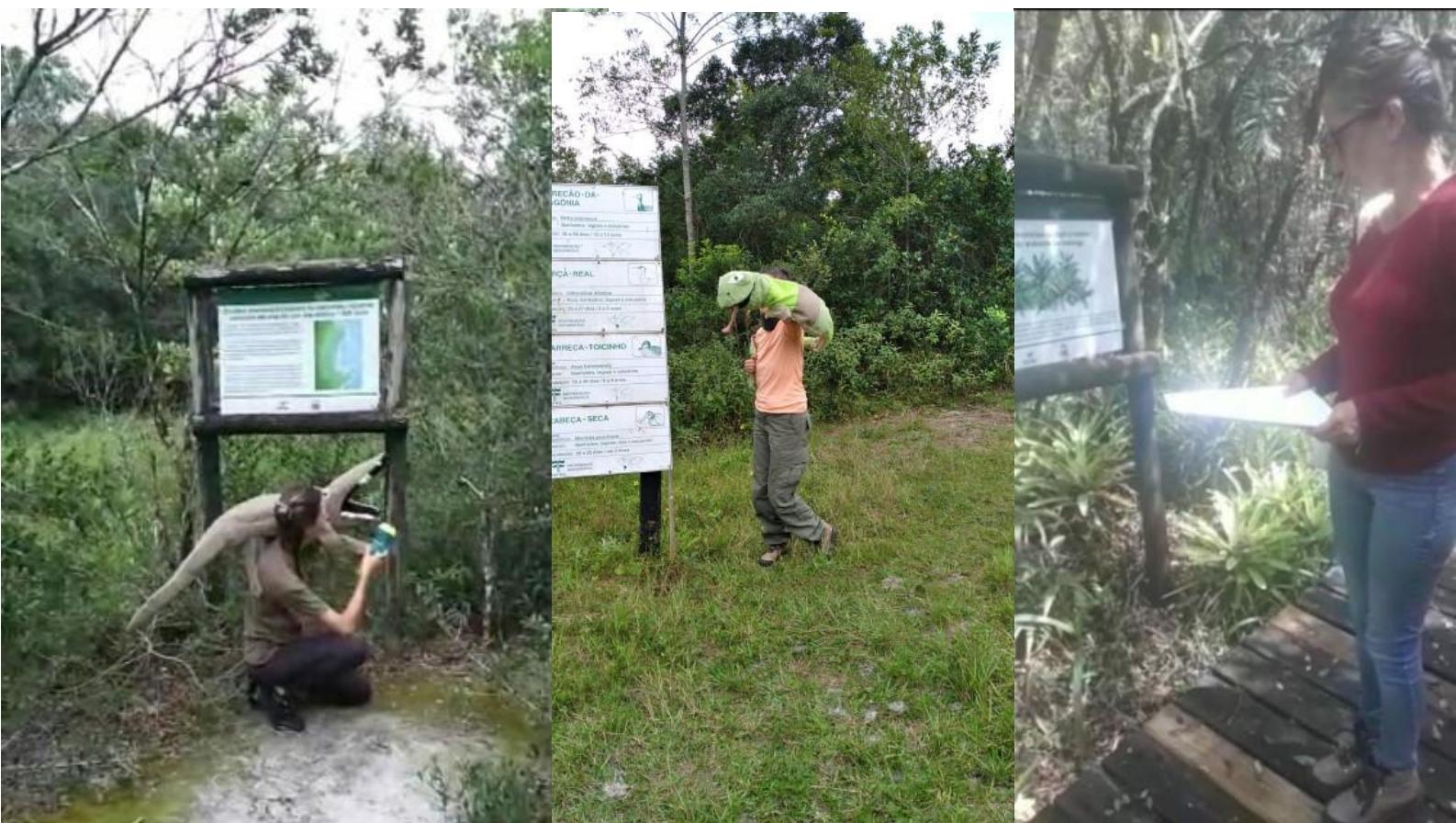
Figura 19 - Tabuleiro em Cena (conjunto de imagens)











Fonte: arquivos próprios

Figura 20 - Por uma educação mais ambiental



Fonte: arquivos próprios

[4] O MODO DE SE FAZER EDUCADORA, PROFESSORA E DE FAZER PESQUISA – NARRATIVAS METODOLÓGICAS

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar. (FREIRE, 1997, p.79).

[4.1] TODA PESQUISA TEM SUA MANEIRA DE EXISTÊNCIA

Na caminhada, trago memórias, saudades, tentativas, fugas, aprendizados, erros, desejos, realizações, sonhos e esperança. Em um percurso formativo a prática transforma-se junto com a transformação do praticante. Nesse processo nada é estático, as coisas mudam o tempo todo de forma e de função. Nessa jornada de trabalho existe uma manutenção constante, cuidados e retoques para permanecer, persistir, manter-se em movimento e sustentar-se no eixo que a pesquisa me proporciona.

Estar em campo, entrar no campo e sair dele, e voltar quantas vezes for preciso para conectar-se com o essencial, o significativo, o que dá sentido para a pesquisa, para nela captar o que importa para que o campo ganhe força, forma, corpo, função, sentido. Nessa travessia entre modos de ser, sentir, estar, fazer e aprender, a pesquisa exige uma atenção plenificada, um estado de presença para perceber o que acontece na trama. Trabalhar no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, ser professora de geografia na escola pública, fazer pesquisa de mestrado e, ao mesmo tempo, viver nesse território, uma vez que meu fazer se passa quase todo ele nessa UC e seu entorno.

Envolvida nesse campo multidimensional, ligada ao mesmo tempo ao Parque, a universidade, a escola, as comunidades, minha morada (casa, familiares e meu próprio corpo). Nesse campo de multiplicidades, a pesquisa atravessa diferentes dimensões (condições de saúde, estados de ser), e encontra as possibilidades para explorar/compreender essa trama, produzindo uma cartografia sobre vida e um percurso formativo. Escolher questões para cartografar nesse emaranhado é um desafio de percepção e de capturas das diferentes cenas, memórias, reflexões, e das linhas que se configuram nessa rede de aprendizagem. Cartografar aqui tem esse sentido de percorrer as linhas que formam uma educadora ambiental e professora de geografia, em contato com os meios frequentados e onde decidiu se fixar para que tais ideias de educação ambiental germinassem, cumprindo seu papel de crescer, florescer e espalhar sementes.

Cartografar como um revelar das linhas que se constituíram ao problematizar a questão da pesquisa. Linhas que se sobrepõem umas às outras formando uma educadora, uma professora e uma pesquisa. Linhas que permanecem nesse campo de ressonâncias de experiências e aprendizagens. Com a formulação da questão de pesquisa é que passou a ser necessário destrinchar tais linhas: sua natureza, sua composição, seu lugar de surgimento, seus encontros, seus recuos, avanços, e (re)arranjos.

A reflexão sobre a prática é uma constante nesse trabalho, permanecendo nas ações individuais e coletivas desse processo. Investigar a memória, valorizar cada uma das relações, interpretar passado e presente e fazer planejamentos sobre o futuro das possibilidades de continuamento. Esse lugar de observação, ação e reflexão me levou a ver a composição dessa trajetória e atravessar esse território de aprendizagem que é o Parque, onde acontecem os processos que moveram essa pesquisa. Nessa multidimensionalidade é, onde dão-se as tramas dessa rede de relações, e onde acontecem as transformações na proposta de educação ambiental no Parque, na educadora, e na prática pedagógica, sempre ao mesmo tempo.

[4.2] TODA PESQUISA CARREGA UMA BIBLIOGRAFIA E ALIADOS

Um dos pontos de apoio que sustenta essa trama tem um meio de entrada marcado com as oficinas de teatro. Isso remete a um espaço-tempo de mais de vinte anos desse percurso que estou cartografando nesse trabalho. Nesse elo entre tempos e espaços, carreguei dois livros comigo, as obras “Jogos teatrais” e “Oficinas de teatro na escola” de Olga Reverbel (1993). O meio por onde apropriei-me de um material sistematizado e fundamentado teoricamente sobre uma prática de arte-educação, para realizar as oficinas de iniciação teatral. Primeiro em espaços alternativos, depois nas escolas e no Parque.

Com essa entrada marcada pelas oficinas de teatro na educação ambiental, entrei no Parque e, dali, entrando na graduação em geografia, tornei-me professora. Essa é a primeira referência bibliográfica que aparece nessa pesquisa, quando revisitados os marcos temporais. Com a finalidade de cartografar sobre essa trajetória de formação e transformação, nos meios circundantes de um território de aprendizagem. Por vias até então desconhecidas, caminho por essa nova forma de fazer pesquisa, dessa vez, vinculada a um programa de pós-graduação.

Uma primeira dobra de muitos desdobramentos: a oficina de teatro como iniciação na área da educação, com a parceria da professora de teatro e atriz Andrea Sulzbach, assim fui ao encontro de Augusto Boal (1997). Com sua obra, “200 exercícios para atores e não atores”

(BOAL, 1997), as oficinas foram iniciadas embasadas numa concepção pedagógica libertária. A ideia era propiciar um ambiente psicossocial nas oficinas, onde os participantes (estudantes-atores), experimentassem os jogos teatrais trazendo suas concepções e seus saberes. Com as propostas dos jogos teatrais produziam-se conhecimentos em uma construção coletiva criando das cenas e personagens. À medida que a educação ambiental foi entrando na temática das oficinas de teatro-educação, foram (re)surgindo um repertório de atividades que compuseram a oficina de teatro-educação “Tabuleiro em Cena”. Essa oficina tornou-se uma atividade regular no atendimento às escolas e públicos interessados, sendo desenvolvida e aplicada no Centro de Visitantes com diferentes turmas escolares e diversos grupos organizados que visitaram o Parque.

Em um segundo desdobramento: na monitoria da oficina de teatro realizada no Programa de Educação Ambiental do Centro de Visitantes, também, faz-se pesquisa e em busca de referenciais teóricos e práticos. Assim, participei de atividades quando estive no Fórum Social Mundial de 2005, e em uma roda de arte-educação, conheci a atriz e arte-educadora Kátia Reinich. Desenvolvemos juntas oficinas de teatro no Centro de Visitantes, onde compomos um repertório diversificado com a adaptação de jogos teatrais à educação ambiental. No desenvolvimento de conteúdos e temas relativos ao Parque e suas comunidades de entorno, adaptados aos jogos teatrais, o trabalho realizado em parceria com Katia, culminou com a produção de uma oficina para educadores ambientais de outras unidades de conservação, entidades e instituições sociais. As edições das oficinas de teatro com jogos teatrais adaptados a educação ambiental e às temáticas do parque, foram realizadas dentro do Projeto Tabuleiro em Cena.

Em 2008, uma nova edição do projeto contemplou estudantes do ensino fundamental da Escola Isolada do Rincão e Escola Indígena Itati¹⁴, com integrantes da Aldeia Guarani do Morro dos Cavalos. As oficinas realizadas e a integração entre os participantes deram-nos muitas pistas importantes para seguir nesse caminho de educação ambiental com as oficinas de teatro adaptadas às temáticas do Parque. Durante as oficinas realizadas com a integração das turmas de estudantes das escolas envolvidas no projeto, montamos uma peça teatral com uma adaptação da história do “Caminho do Peabiru” (BOND, 1999). O processo de construção coletiva se deu no decorrer do ano letivo, com encontros alternados no Centro de Visitantes, integrados a planos de ensino das duas escolas. No processo de montagem da peça, além das oficinas, foram realizadas trilhas com roteiros interpretativos em áreas protegidas pelo Parque, como a trilha

¹⁴ Ambas as escolas no Município de Palhoça/SC.

histórica da Ponta de Naufragados, no Sul da Ilha de Santa Catarina, onde houve o naufrágio contado na trama que estávamos interpretando no teatro. A ideia foi levar os estudantes-atores no lugar onde se passou o naufrágio de Aleixo Garcia na expedição de colonizadores europeus em 1516¹⁵, que era o tema da peça teatral em construção. Essas experiências práticas foram publicitadas em congressos de extensão universitária, durante o período em que o projeto esteve sendo desenvolvido vinculado a UDESC, ressaltando a importância dos meios que se sustentam nas atividades de extensão.

A pesquisa seguiu nessa busca dos referenciais teóricos de uma formação que se dá através de experiências práticas, que predominam e permanecem nesse processo de forma intensiva, desdobrando-se em atividades de um programa de educação ambiental de uma UC. Desde o início dessa trama de formação, aparece a noção trazida por Paulo Freire (2021) em “Pedagogia da Autonomia”. Esse livro guiou-me desde o início nessa trilha que me despertou cada vez mais o interesse pela educação, transbordando a proposta educativa das oficinas de teatro no Parque. Ao interessar-me mais pelos processos de aprendizagem dos participantes, esse, também era o meu movimento de autoformação. Aproximando-me cada vez mais da educação ambiental, percorrendo as trilhas do Parque e fazendo as oficinas, que depois se transformaram em aulas de geografia atravessadas pelas ideias de conservação da natureza.

Com Paulo Freire (2021) conheci o conceito de professor pesquisador, e fui incorporando a importância da reflexão sobre a prática pedagógica, permanecendo nesse caminho a interessar-me cada vez mais pela área da educação.

A tese de doutoramento de minha professora orientadora Ana Maria Preve (2010) intitulada “Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação”, que conheci ao entrar nesse mestrado, significou para mim uma ponte a ligar duas ilhas: um acesso a um outro mundo possível. Auxiliando-me nessa travessia para acessar o meu outro mundo possível, (de uma pesquisa vinculada ao programa de pós-graduação), propiciando-me instrumentos e ferramentas para esse novo modo de fazer e aprender com a pesquisa.

Outra referência teórica, que a pesquisa foi ao encontro nessa cartografia, e aparece também como um fio de sustentação importante nessa trama, foi a obra “Aprender em comunidade”, de José Pacheco (2014). Com a participação em uma formação da rede Ecohabitare, conheci um pouco mais sobre os trabalhos que vem sendo desenvolvidos com a tutoria do professor Pacheco, e uma constelação de educadores que fazem trocas de saberes e

¹⁵ Experiências continuadas do “Tabuleiro em Cena”, de 2004 a 2009, estão descritas nos relatórios e publicações feitos para o programa de extensão da FAED/UDESC.

se fortalecem dentro do movimento pedagógico libertário das comunidades de aprendizagem. Vivenciar uma comunidade de aprendizagem na prática, foi uma questão que moveu interesses da equipe de educadores do Parque e deflagrou planejamentos coletivos intensivos, com a comunidade escolar. Nesse sentido, a perspectiva dessa pesquisa foi em direção a estudos e reflexões sobre o paradigma da aprendizagem.

Uma busca constante por elementos consistentes para sustentar as concepções pedagógica das atividades realizadas no Projeto Integrado Escola-Parque, o qual submeti para concorrer ao mestrado. O Projeto Integrado Escola-Parque foi resultante da integração do Parque com as escolas do seu entorno, em mais de quinze anos de realização de atividades de extensão no Programa de Educação Ambiental do Centro de Visitantes. Envolvendo as comunidades escolares do entorno do Parque, através da elaboração de planos de ensino, que buscavam ressignificar os conteúdos curriculares, trazendo contextos do território. Esse movimento/ processo, culminou com a inserção de temáticas do Parque no PPP das escolas envolvidas no Programa de Educação Ambiental do Centro de Visitantes. Assim, projetos transdisciplinares com temas transversais relativos ao território, passaram a ser planejados de forma cada vez mais integrados entre as escolas e o Parque.

Nos emaranhados dessa trama convergiram linhas entre memória, experiência e aprendizado. Quando comecei essa cartografia sobre as memórias e percepções sobre os modos de fazer que me acompanham como educadora, professora e pesquisadora, vieram à tona noções sobre (auto)conhecimento que aprendi com a trama de Carlos Castaneda (2009; 2013). Reavivaram-se memórias de duas de suas obras: “Erva do Diabo” (2013) e “Uma Estranha Realidade” (2009), que marcaram minha adolescência e que se acenderam nessa pesquisa. Nessa ressurgência de ideias e consolidações sobre o processo de um aprender, vou ao encontro de uma noção de uma educação mais conectada com o que é essencial para a vida, na singularidade/subjetividade de cada um, ao mesmo tempo que na coletividade. Castaneda (2009; 2013) levou-me para uma leitura e visão de mundo que abriu espaço para perceber diferentes mundos, modos de ser e de fazer, um aprender a ver, pensar, e sentir o que está sendo pesquisado e vivenciado. O que se passa num processo de aprendizagem? Como se chega a aprender? São questões postas em jogo de maneira muito evidente entre o mestre Dom Juan e seu aprendiz Castaneda (2013), desde seus primeiros encontros. O pesquisador Frederico Lemos (2019) em um estudo aprofundado na perspectiva da obra de Deleuze e Guatarri (1995), a partir de várias menções da obra de Castaneda (2013) e aos ensinamentos do xamã Dom Juan. Dessa forma. Aproximei-me dessa ideia de aprendizado e experiência que dão corpo para as

questões desse trabalho e acionam mais fios condutores importantes nessa trama. Nessa cartografia sobre uma trajetória de professora de geografia e educadora ambiental, a pesquisa é sempre atravessada pela questão da aprendizagem.

[4.3] TODA PESQUISA POSSUI FERRAMENTAS PRÓPRIAS

Na mochila o cartógrafo carrega, além dos livros guias, os instrumentos e as ferramentas que precisa para realizar os registros das capturas de dados no campo, durante os ciclos de sua pesquisa. Em apenas um aparelho celular carregam-se uma câmera fotográfica, uma máquina de escrever portátil, um gravador de voz, um bloco de anotações, que funcionam também como caderno de campo e fichário. Na caminhada dessa pesquisa, em diferentes momentos foram explorados diferentes instrumentos e ferramentas, registros que foram feitos por áudios, por escritas rascunhos digitalizadas e feitas à mão, a depender das condições e recursos de que dispunham o pesquisador. Nessa cartografia, caminhar também é método de pesquisa, para tanto, se faz necessário manter a saúde física e mental, assim como levar água para uma trilha, é uma questão de sobrevivência para manter o corpo em atividade. A pesquisa é feita com o corpo que a possibilita acontecer, um corpo que se movimenta no que o sustenta, um caminhar que gera prazer, mas também gera dor e faz cansar esse corpo. Nesse caso um cajado para trilhar pelo caminho torna-se imprescindível, diante das dores enfrentadas pelo corpo, com o tempo, o caminhante pesquisador descobre que sem essa ferramenta não pode ir adiante. O cajado que leva para as trilhas, é uma ferramenta importante que ajuda na sustentação, equilíbrio do corpo e da mente, por trechos longos e terrenos mais íngremes. Ajudando fisicamente, mas também psicologicamente, ter onde se apoiar, encontrar os pontos que dão o impulso na caminhada, e um ancoramento quando a vulnerabilidade se manifesta. Um problema estrutural no corpo (uma coluna lesionada), pode fazer o corpo parar e abater por algum tempo, maior ou menor, porém ao encontrar as ferramentas auxiliares, a metodologia permite que a pesquisa siga até mesmo por condições adversas.

Assim, nessa trilha de aprendizados, foram exploradas metodologias alternativas e inventivas, como os áudios, que permitiram o desenvolvimento da pesquisa em períodos de abstenção da habilidade de escrever. Em busca de condições que permitissem materializar a pesquisa quando não houve condições de saúde para tanto, devido a dores crônicas de uma cervicalgia causada por lesões corporais, agravadas por uma tendinite que afetaram a pesquisadora e pesquisa, sendo necessário a prorrogação do prazo para a conclusão desse trabalho.

O aparelho celular com múltiplas funções permitiu, registrar momentos, acompanhar processos, gravando e ouvindo meus próprios áudios e conversas com os participantes da pesquisa. Falar comigo mesma e gravar minha própria voz, para ouvir depois e transcrever, mostrou-se como uma ferramenta de aprendizagem potente nesse processo. Uma maneira que ajudou a elucidar o que era preciso ser dito, favorecendo-me nos momentos do corpo parado ou em trânsito (entre o trabalho e rotinas da casa) ou quando sentia apenas que devia falar sobre a pesquisa. Por isso gravar áudios foi fundamental neste trabalho. Um modo de fazer que foi explicitando-se na pesquisa enquanto pesquisava. Ouvir músicas instrumentais, assistir materiais audiovisuais afins e o acesso a podcasts diversos e afins com a questão da pesquisa, ajudaram-me a tecer e elaborar o que de importante deveria aparecer nesse trabalho. O processo de aprender a falar sobre algo que transita entre o tangível e o intangível, resgatar coisas que estão no campo da memória, fazer consolidações a partir dessas lembranças, marcaram a metodologia dessa pesquisa. Aprender a ouvir-me, escrever a partir desse exercício de auto escuta, gravar minha leitura em voz alta, fazendo das diferentes entonações uma recitação, dando ênfase aos significados do que precisava dizer, desse modo que inventei para mim uma maneira de realizar essa cartografia.

Nesse método processual, fui percebendo pontos onde era preciso destrinchar mais para compreender e pontuar o que importava dizer e onde precisava melhorar a escrita, depois de ouvir a minha leitura mais de uma vez. Um modo de fazer com os recursos que se teve em mãos. O computador, como uma máquina de escrever potente e ferramenta multimídia para buscas por materiais digitais diversos, é mais um recurso tecnológico que possibilita diversas formas e subsídios para realizar a pesquisa. Funcionando como uma espécie de “máquina do tempo”, por meio da internet com encontros em tempo real e com acesso posterior das gravações, foi uma forma de superar o distanciamento e isolamento impostos pela pandemia, além de ser uma biblioteca virtual com vasto acervo para consulta e ainda como armazenador de arquivos diversificados. Rascunhos manuscritos do caderno, do bloco de notas e das folhas de papel A3 do fichário, também, compuseram essa metodologia. O bloco de anotações em mãos, no bolso ou na bolsa, na mochila, para quando se estiver em lugares distantes ou em trânsito para anotar *insights*, aquelas ideias que vem como um relâmpago e do campo das memórias. Lampejos que chegam como uma rajada de luz, sendo preciso anotar naquele momento para não as perder de vista e esquecer. Assim também o recurso gravador do celular foi utilizado no campo, para registrar ideias de consolidações, capturar momentos para que não se perdessem no vácuo dos acontecimentos. Um processo subjetivo de mapeamento e conexão de ideias que chegam as

vezes em momentos aleatórios, e nas caminhadas reflexivas, registradas principalmente em forma de tópicos e palavras-chaves, que funciona para mim como uma ferramenta de aprendizagem. Meu caderno de rascunhos com relatos, anotação de memórias, onde descrevo processos, registros curtos ou extensos, permitindo-me um aprofundamento com a liberdade de escrever à mão como rascunho. Possibilidade que perdi em um período importante desse trabalho, devido a uma tendinite agravada na mão esquerda, a qual escrevo.

Nessa bagagem levada para campo para realizar a pesquisa, não poderia faltar minha mateira, fiel companheira para os momentos de fuga, imersões, de solitude (a pesquisa atravessa terrenos de solidão e introspecção), reflexões e de conexão comigo mesma. Em campo, a mateira leva-me para uma dimensão de acolhimento, fora de casa (como espécie de fugas), do ambiente domiciliar ou de outros lugares tumultuados, como os meus próprios pensamentos, quando estão agitados.

O gosto de caminhar e ficar em contato com a natureza, levando o mate quente e companheiro, fazendo disso meu próprio alento, por onde eu for e puder andar e parar para contemplar paisagens, na praia, nas trilhas do Parque ou em qualquer lugar. Tanto para entrar quanto para as vezes que sinto necessidade de sair das rotas tracejadas na pesquisa. Ao levar a mateira para matear, distraio-me dos trechos de turbulências dos deslocamentos e munida dessa companhia que acessei também, *insights* desse processo.

Como o corpo do pesquisador é um condicionante na pesquisa, uma bola de pilates torna-se uma ferramenta do cartógrafo para compor e recompor sua saúde em intervalos fora do campo. Essa ferramenta propicia-me um cuidado com o corpo e ajuda-me a manter a saúde física e mental, com ela compenso os momentos que permaneci sentada por muito tempo, escrevendo e lendo, e assim as dores e as pausas também compõem os textos.

Não tenho como fazer uma ordem hierárquica de importância dessas ferramentas, encadeando aos livros e materiais outros que nesse momento são fundamentais para que eu mantenha o foco da pesquisa. Escolhê-las e saber das interrelações com a minha prática foi um exercício de captura do essencial, do básico, do que importou para esta pesquisa. Esse movimento de ancoramento das coisas utilizadas no campo de pesquisa, esse levantamento de materiais e livros que configuraram as referências e os métodos do trabalho realizado, ajudou-me a delinear ideias que vagueiam no plano dos acontecimentos. Sendo essa, uma atividade de refinamento, de simplificação, de colocar os pés rente ao chão, dando-me as condições de permanecer nesse movimento de aproximação com a minha questão de pesquisa.

Em meio a um processo de uma ressignificação constante em vários sentidos do que é ser pesquisadora, o que é pesquisar e o que é a pesquisa. Ao mesmo tempo um resgate existencial, olhando para tudo que está impresso em mim, em minha trajetória. Antes de entrar na pós-graduação, enquanto professora de geografia sempre tive claro interesse em como se aprende, como se ensina, o processo de aprendizagem, mas era algo que estava perseguindo e que servia diretamente na prática ao meu trabalho docente. A aplicação da pesquisa ficava no meu próprio raio de ação, na minha prática educativa. Quando entrei no mestrado me senti perdida, tentando entender como seria essa outra forma de pesquisar, diferente do professor pesquisador que eu conhecia. O processo de escrita a partir desse novo olhar, para “ver” essa trama, sobre as coisas que eu aprendi ao longo das minhas experiências, colocou-me em um lugar novo, uma nova visão, percepção e forma de comunicar e tentar fazer-me entender. Aprende-se o tempo todo ao fazer pesquisa.

[4.4] SOBRE PESQUISA E O PESQUISAR

Quando entrei no mestrado entre tantos sentimentos e sensações que me atravessaram, desde o início, o sentir-se pesquisadora dentro de um Programa de Pós-graduação, colocou-me num lugar desconhecido, onde passam diferentes estados emocionais e psicofisiológicos. Entre pensamentos impregnados por conceitos adversos e buscas por predefinições metodológicas, objetos, questões, criam-se obstáculos imaginários e reais, densidades de tensões impostas pelas incertezas e obscuridades de algo que parece ser intangível.

Senti-me como se estivesse no começo de uma trilha nova que acabara de escolher para percorrer, tomada de corpo inteiro nas minhas múltiplas dimensões, pelo desafio do desconhecido e pela aventura do conhecer. Desbravada pela primeira vez para mim, ainda que numa trilha guiada, bem demarcada na floresta, um caminho trilhado por muitas gerações, onde as picadas foram abertas pelos que fizeram o trajeto muitas vezes antes. No ato de guiar ocorrem trechos com pontos focais de atenção, paradas para interpretar e despertar os sentidos, com a orientação do mateiro que vai na frente com seu facão, olhar minucioso e escuta atenta, aguçando a percepção ambiental, mostra coisas da floresta, fala sobre os saberes dos povos da terra, o conhecimento do território.

Para mim, a caminhante guiada, amplia-se o nível de consciência, é como se estivesse abrindo uma picada pela primeira vez, uma expansão na percepção, ganhando espaço, aprendendo a olhar de outra forma, ver coisas desconhecidas, que eu não sabia que existiam.

Adentrando a mata para encontrar a *vovó sumauáma*, uma árvore milenar da Floresta Nacional do Tapajós em Belterra/PA. Árvore sagrada na cosmologia dos povos originários da América Latina, uma espécie gigante da Amazônia, conhecida como a “árvore da vida”, “a mãe da floresta e escadaria para o céu”, que liga a terra ao mundo celestial. As sumauás são espécies que em idade adulta se destacam no dossel, na mata densa, abrem clareiras onde os povos nativos faziam suas roças próximas aos seus abrigos nas *sapopemas*¹⁶, que são raízes gigantes que se desenvolvem na sua base para sustentar a árvore majestosa. As *sapopemas* formam sistemas hídricos numa rede de abastecimento subterrâneo e externo por ser acumuladora de água. São usadas como canais de comunicação entre os povos habitantes da floresta, por meio de um tipo de código com batidas fortes nas *sapopemas* em diferentes ritmos para passar as mensagens¹⁵.

Entrava pela primeira vez naquela trilha e tive uma estranha sensação de que teria que voltar lá novamente, um chamado forte para algo nunca vivenciado, um encontro com o novo, em direção ao que estava predestinado pelo guia da trilha. Conhecer a *vovó sumauáma* é um encontro com a ancestralidade, com antecedentes milenares, nossos antepassados. É preciso dizer que ir em direção a um destino não significa nem garante que é lá que vamos chegar, mas quando caminha-se por um caminho desconhecido chegasse a um lugar em nós que era antes inexistente.

Quando estava caminhando pela trilha e me preparando para o encontro, ia imaginando coisas para falar para a árvore gigante. Caminhava numa atitude de contemplação e devoção, tomada pelo sentimento de gratidão por ali estar. Movida pelo desejo e pelo prazer, de ter a honra de estar naquela trilha em meio a Floresta Amazônica, indo conhecer a *vovó sumauáma*. Muitas imagens passavam em minha mente e a imaginação pulsava em ritmo cardíaco, eu queria tocar nela e sentir a conexão com a natureza, ia pensando em fazer uma oração aos pés daquela majestosa, invocar as minhas mais profundas intenções e sonhos naquele encontro e momento sublime.

Ao encontrá-la, no final da trilha, me prostrei diante da gigantesca força de um ser vivo tão imponente. Me silenciaram os pensamentos, as falas elaboradas não vieram mais, a sua voz ecoou em mim, ouvi o seu majestoso sim, ela me falou: *Sim, você chegou até aqui!* E continuou falando comigo, como se estivesse me despertando sonhos. Eu não disse nada, com o pensamento mobilizado e um sentimento de gratidão à flor da pele, eu transformei-me em escuta

¹⁶ As *sapopemas* é um tipo de raiz chata, grande que se desenvolve junto com o tronco de várias árvores da floresta pluvial, formando divisões achatadas em torno dele.

¹⁵ Mais informações: <https://www.icmbio.gov.br/flonatapajos>

e todas as dimensões do meu corpo se tornaram escuta, os meus canais sensoriais se abriram, eu senti a conexão profunda com a floresta, com a *vovó sumáuma* e comigo, naquele momento senti-me pronta para voltar para dentro de mim. Não poderia contar de forma superficial a transformação que aconteceu comigo naquele encontro com a ancestralidade da floresta e comigo mesma. Naquele contato houve uma ressonância que culminou com essa pesquisa, pois o sonho plantado naquele encontro colossal com a sumaúma na floresta, foi de tomar o caminho de volta para casa e iniciar um projeto de mestrado.

Na pesquisa proposta no projeto submetido para ingressar na Pós-Graduação, coloquei que faria uma pesquisa-ação, ainda que eu não conhecesse bem como era esse modo de fazer pesquisa em Educação. Escolhi na ocasião essa metodologia e categoria de análise, tendo como base de referência experiências com educação ambiental no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e o envolvimento com as comunidades escolares do seu entorno, como educadora ambiental e professora de geografia. Um trabalho que começou a ser realizado em 1998, expandindo-se pelo território-parque e escolas localizadas em áreas adjacentes a Unidade de Conservação. O projeto inicial era uma proposta de pesquisar sobre os processos de aprendizagem com as minhas turmas de geografia do ensino fundamental de duas escolas de educação básica da rede pública situadas no entorno do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, contempladas nos respectivos planejamentos do ano letivo de 2020, com os planos de ensino integrados ao Projeto Escola-Parque, em parceria com as ações de extensão do Programa de Educação Ambiental do CV.

As pesquisas e os projetos requerem sempre mudanças e adequações, assim como os planos de aula modificam-se no decorrer dos processos de aprendizagem. Porém, em 2020 uma mudança abrupta de estratégia atravessada por todas as esferas da vida e da existência, exige uma adaptação rápida à realidade pandêmica, os planejamentos são substancialmente rearranjados, alterações de rotas são implantadas para o ensino remoto, invenções e reinvenções, impostas por condições adversas pela pandemia COVID -19.

O cartógrafo move-se entre ondulações, calmarias e inconstâncias de pulsos mais e menos intensos de energia. Em campo está sujeito as tempestades, cataclismas, porque é um navegante do espaço e do tempo, as transformações fazem parte desse itinerário mesmo. Na obra “Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia” de Deleuze e Guattari (1995), ajudam-me a pensar por imagens consistentes o fluxo entre substâncias, formas e funções da estrutura dura que se forma e deforma nas esferas sociais. É assim que o pesquisador cartógrafo movimenta-se, aprendendo a lidar com as descontinuidades. Ele navega entre as estruturas rígidas e

maleáveis da sociedade, agita-se nas correntes de convecções entre estratos atravessados por interrupções. Jogar a âncora, içar velas, ter coragem, imersões, emergências, dentre as previsões e imprevistos.

O meu plano letivo alterado modificou as linhas da pesquisa e abriu espaço para compor com outras ideias, vieses e questões para pesquisar. O foco passou a ser um olhar para o processo formativo e as consistências que se constituem numa prática educativa composta por especificidades do território de aprendizagem, numa pedagogia transversal em experiencias com educação ambiental. Em um Programa de Pós-graduação, a pesquisa é institucionaliza, o modo de fazer pesquisa passa por adequações, exigências de prazos e protocolos, normas técnicas e cientificismo. As forças que tensionam o processo geram transformações e metamorfismos no modo de fazer pesquisa.

Quando busco memórias para pensar sobre as imagens que tenho e faço de o que é uma pesquisa e o que é ser pesquisador, volto pra infância e lembro de ser uma criança na escola que adorava ir para a biblioteca pública da Faculdade de Ciências e Letras de Cascavel/PR. Ali, fazer pesquisa no silêncio daquele espaço, procurar os livros sobre os assuntos dados pelos professores, esbarrar em outros livros, conhecer o mundo pelos livros e na vivência daquele encontro entre estudantes que experimentavam um momento de aprendizado fora da escola. Para realizar aquelas pesquisas era preciso sair da escola, entrar na biblioteca, fazer perguntas. Abria-se um outro mundo, um mundo escrito à mão, pesquisado, pensado e expresso em ideias, apresentado ao leitor. Para fazer a pesquisa escolar havia um esforço diferente, um deslocamento pelo território de aprendizagem. O corpo movia-se na pesquisa, escrever à mão, naquela ocasião eram cópias extensas dos livros, a dor passa a compor o processo, ficar sentada por tanto tempo, alerta no intimidado silêncio exigido na biblioteca, um processo de aprisionamento e captura, no movimento de investigar, da comunicação aos bibliotecários, a procura pelas obras literárias, pelos textos, a escolha dos trechos, a composição das partes com os títulos e subtítulos, a técnica metodológica daquelas pesquisas que eu fazia e reproduzia não me estimulavam a liberdade de escrever nem criar algo diferente do que estava enunciado no trabalho escolar. São construções de modos de fazer, impostos pelo meio que o formam, deformam e transformam, ao longo do tempo em um percurso formativo.

Ao entrar na pós-graduação, voltei a sensação de criança que entra na biblioteca e não pode fazer barulho para pesquisar naquele emaranhado de estranhamentos, entre encantamento, silêncios institucionalizados e cópias literais. Na posição e papel institucionalizado de pesquisar deparo-me com um imaginário onde vem narrativas de imagens de um pesquisador situado

longe do meu cotidiano, mas presente nas minhas ideias onde vagam imagens sobre o que é fazer pesquisa. Nesse imaginário está aquele pesquisador que se embrenha no campo de pesquisa e dedica-se a descobrir coisas não conhecidas pela ciência que sejam importantes para a sociedade.

Ser professora de geografia e educadora ambiental no Parque, me conduziu por uma trilha a pesquisar modos de fazer educação ambiental, sobre fazer *aulas vivas*, ao ar livre, expedições geográficas, incursões no território, o ensino de geografia, o envolvimento da comunidade escolar e entre espaços não formais de educação.

As imagens que compõe as coisas que imaginamos vem das vivências que tivemos, das nossas experiências de vida, assim como de coisas introjetadas em nossas mentes ao longo de nossa história, também ideias concebidas por imagens dadas, concepções formuladas no processo de escolarização que passamos. Assim como Doreen Massey (2017) desdobra o imaginário da mente geográfica, e o afirma como carregado de imagens alimentadas por conceitos, “grande parte da nossa geografia está na mente - nas imagens mentais que levamos carregamos do e sobre o mundo” (MASSEY, 2017, p. 40).

Minha trajetória na educação ambiental levou-me até à docência em geografia e iniciou-me no campo da pesquisa que emerge na minha própria prática pedagógica. Como Freire (2021) muito bem ancorou a ideia do professor pesquisador que reflete sobre sua prática, interessado em transformar a ação docente por meio das questões que envolvem o educador e a aprendizagem. O educador professor pesquisador investiga as diferentes formas e processos de aprendizagem, imerso no campo de trabalho e movimenta-se entre os territórios de aprendizagens. Um processo pedagógico requer olhar, escuta, transformação, tentativas, erros, acertos, reflexão, mudança, para que haja aprendizagem e intervenha na realidade. Nessa trajetória, uma professora de Geografia que pesquisa modos de fazer *aulas vivas*, num dado território, em um laboratório vivo que se constitui numa rede de aprendizagem entre a unidade de conservação e seu entorno de comunidades escolares.

Essa pesquisa se movimentou entre prática pedagógica e processos educativos em meio a espaços não formais de educação, atravessando conteúdos curriculares e compondo uma teia de saberes afetivos, conhecimentos, significados, sentimentos, e metodologias participativas, que emergem nas atividades dos projetos integrados, nos planos de aulas transversais, nos planejamentos coletivos e transdisciplinares. A transversalidade, as *aulas vivas*, articulações curriculares entre instituições e comunidades de aprendizagem, ao longo de uma trajetória de

pouco mais de duas décadas de experiências com educação ambiental, foram os elementos de questões de reflexão sustentados nessa pesquisa de mestrado.

No contato com a natureza, na territorialidade entre as comunidades escolares, encontro no Parque uma outra Geografia diferente daquela conhecida e apreendida na escola. Com as aulas nas disciplinas do mestrado, minha visão geográfica amplia-se, e também minha concepção acerca das geografias se abre ainda mais. Uma ressignificação das convenções cartográficas e geográficas, das imagens e conteúdos muitas vezes apresentados de forma engessada, nas matrizes curriculares e nos livros didáticos.

Voltando para a imagem de uma boca de trilha: a perspectiva, a visão de apenas um trecho do caminho e, à medida que se adentra a trilha, no caminhar vai acontecendo uma mudança no corpo, na expectativa e estado de espírito. Ao caminhar pela trilha aprendo a ver, vendo que, quanto mais adentro o caminho, mais me embrenho na floresta, é assim me sinto e me vejo nos emaranhados da pesquisa.

O campo, o bosque, o Parque, o jardim, o território, a natureza estão presentes nessa trama e, são dispositivos de investigação dentro, fora, entre, com o corpo, a mente e a alma, em imersões presenciais, imaginárias ou memoriais.

No meio desse caminho se processa algo de pertencimento, de familiaridade, as instabilidades vão dando ritmo para a caminhada, e leve consistência, do que está sendo construído e transformado na pesquisadora e conquistado na pesquisa.

Na trilha, a imersão do cartógrafo no campo de pesquisa, na mochila carrega suas ferramentas e sua mateira, um alento ao acompanhar o processo, para estar em estado de atenção e contemplação, nesse “trabalho de ver”. Na metade do trajeto já dá para soltar as coisas que vem carregando, tomar fôlego, parar para olhar ao redor e poder ver o distanciamento que tomou do começo e a aproximação do destino que almeja chegar.

A cartografia nos convida a um pertencimento, a um fazer parte, uma intervenção ao entrar no campo de pesquisa e ser atravessado pelos objetos que, tocam ou afetam de alguma forma o corpo, a equilibrar-se no malabarismo entre manter a impessoalidade, ser imparcial e estar presente. Como olhar e perceber as pistas, sem colocar de antemão uma definição, antes mesmo de reconhecer ou nomear as forças que se manifestam no campo da pesquisa? A cartografia como abordagem e método de pesquisa também me proporcionou um aprendizado pela experiência, na prática, um modo de fazer, que contribuiu na trama de formação da pesquisadora.

E nesse meio quando busco um refúgio para meu corpo e minha mente, fora do barulho das rotinas e das dores rotineiras, no encontro com a natureza deixo os pensamentos vagarem, divagarem nos vazios das paisagens, e encontro algo que acalma e ao mesmo tempo desperta, concentra, conecta comigo mesma. Minha atenção vaza em meio aos acontecimentos, e me confundem, quando a dor não me deixa ver, sentir, pensar e escrever. Nessa fuga, busco por um lugar que tranquilize, uma paisagem que anestesie a dor, um acolhimento nesse contato entre corpo, natureza, espaço, vida selvagem, arte e meditação. O pesquisador deseja captar, capturar no campo, algo que lhe chame a atenção, o que faz sentido e faz sentir, e o que lhe importa, lhe interessa para sua questão de pesquisa. Ficar enquanto a dor permitir, sair quando a dor não mais deixar pensar, ser tolerada até certo grau, quando fisicamente não se a suportar, enquanto houver prazer maior que a dor. As vezes que a dor quer roubar o prazer, então é hora de parar, entre pulsos, ondas, que se manifestam e impõe ritmo próprio à pesquisa, entre pausas, dores e silêncios.

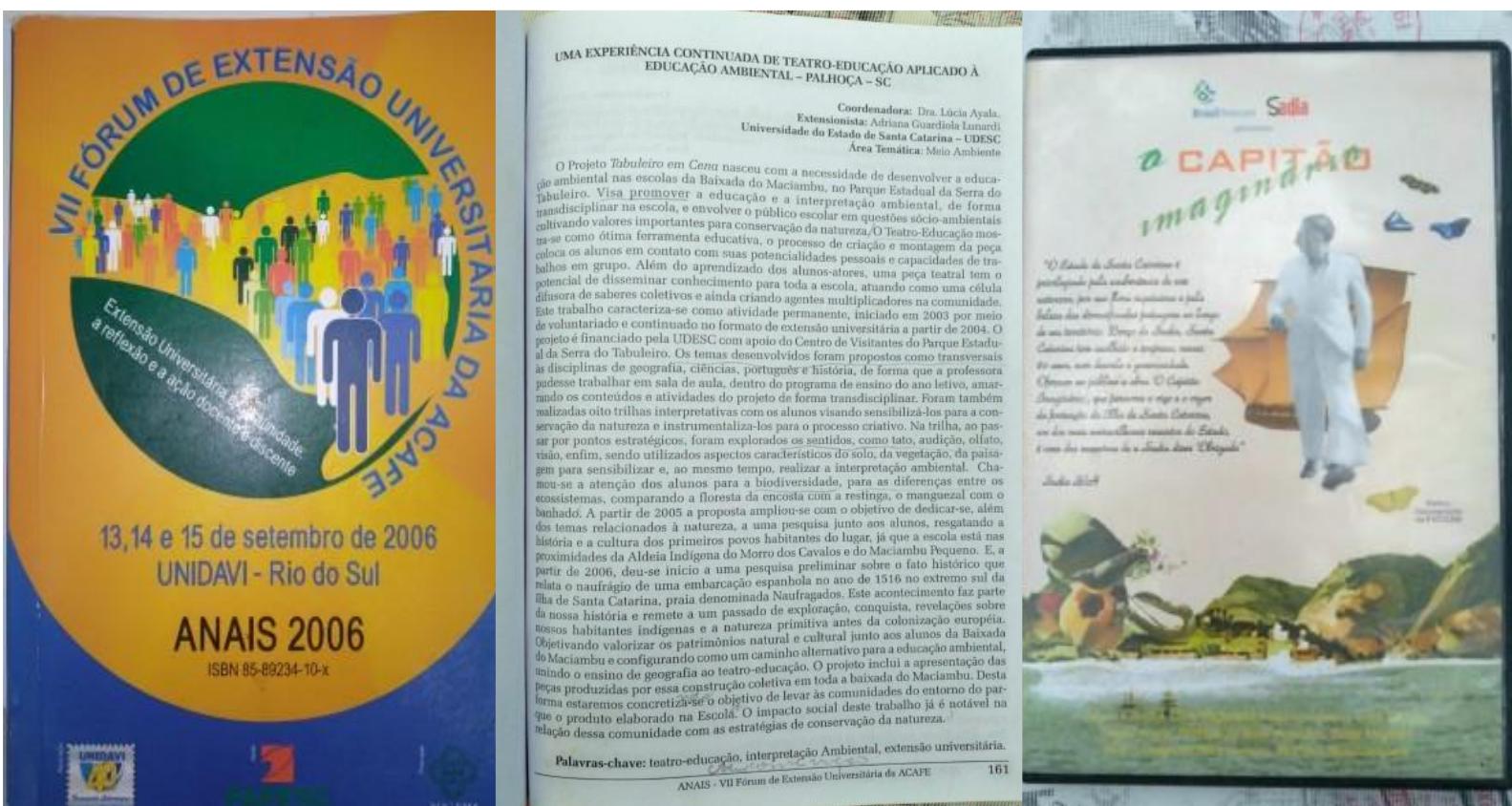
Aprender a ler e escrever através das imagens como entrada em uma produção textual, foi um ótimo exercício proposto no curso de mestrado que me proporcionou um aprendizado novo, inventivo, uma tentativa de exprimir uma comunicação diferente do que eu já havia experimentado. Foi uma tentativa de lidar com as imagens para comunicar intenções, além do que a imagem trás de imediato, algo dado como conhecido, o que pode ser reconhecido, que já sabemos o nome antes de pensar. A tarefa que foi dada pela professora orientadora: escolher imagens para representar momentos do processo de pesquisa, e fazendo uma reflexão de como o pesquisador se sente ao entrar no curso, com outra imagem para dizer como se sente no meio da caminhada, e outra imagem para dizer onde pretende-se chegar ao final da pesquisa.

Mapear memórias é uma viagem entre imagens de cenas reais e imaginárias, misturadas com sensações, emoções, e nesse encontro com o presente, com uma intencionalidade investigativa do que importa naquilo que aconteceu e acontece, transformadas em narrativas fictícias nessa cartografia.

Numa trilha, sentimentos como medo, coragem, curiosidade, descoberta, conquista, desafio, movimento, são acionados e atravessam o percurso. A imagem na boca da trilha da Sumaúma gigante da FLONA Tapajós, leva-me a pensar de que forma o corpo entrega-se e integra-se com a natureza na experiência do aprendizado. Assim, me proponho a trazer imagens e memórias que compuseram uma trajetória individual e coletiva, uma rede de saberes e modos de fazer que trago nessa dissertação.

Por fim, uma imagem para representar a entrada no mestrado, pode ser a de uma boca de trilha, que me leva a pensar em adentrar em um percurso desconhecido, ou por invocar a ideia de estar trilhando em um caminho, e sendo tramada por ele ao mesmo tempo. Ao entrar em trilhas desconhecidas e desafiadoras como essa, de travessia de uma pesquisa, nunca mais somos os mesmos, cada ponto de parada conta, cada passo adianta um pouco, a cada afastamento cria-se espaço para olhar pra trás, aumentar a perspectiva e ampliar a visão.

Figura 21 – Estudos (conjunto de imagens)





UMA EXPERIÊNCIA CONTINUADA DE TEATRO-EDUCAÇÃO APLICADO À EDUCAÇÃO AMBIENTAL, PALHOÇA, SC.

Área Temática: Meio Ambiente



Introdução:
O projeto de extensão *Tabuleiro em Cena* é desenvolvido na Baixada do Maciambu, no município de Palhoça em Santa Catarina.

Tabuleiro em Cena é um projeto permanente do Programa de Extensão Universitária da UDESC, e está inserido no Programa de Educação Ambiental do Centro de Visitantes do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, administrado pela FATMA, em parceria técnica com a CAIOPRA.

Suas atividades promovem a sensibilização e a disseminação de informações sobre a biodiversidade da Mata Atlântica, o histórico da relação do homem com a natureza e a importância das unidades de conservação para a manutenção dos patrimônios natural e cultural da sociedade catarinense e da humanidade.



Objetivos:
Promoção da educação e da interpretação ambiental na escola; de forma transdisciplinar, envolvendo o público escolar em questões sócio-ambientais e cultivando valores importantes para conservação da natureza;

Adequação da oficina de teatro à temática em questão, desenvolvendo jogos direcionados à educação ambiental;

Montagem de peças teatrais que representem a biodiversidade, o resgate histórico-cultural, a realidade sócio-ambiental da comunidade;

Aproximação do ensino de Geografia e Arte-Educação aos processos de Educação e Interpretação Ambiental em Unidades de Conservação;

Conscientização da população local das características específicas e delicadas do meio ambiente que a cerca;

Valorização do patrimônio natural e cultural que a Baixada do Maciambu representa para Santa Catarina;

Intercâmbio de alunos da EEB Padre Vicente Ferreira Cordeiro, da Praia da Pinheira e da Escola Isolida do Rincão no Maciambu com os alunos da Escola Indígena da aldeia Guaraní do Morro dos Cavalos;



Bibliografia:

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não atores*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 368p.

CIMARD, Ana Verônica. *Mamíferos de Santa Catarina*. Florianópolis: FATMA, 1996. 302 p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 21 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. 152p.

FUKAHORI, Shigeko Terezinha Ishii. *Trilha da restinga do Maciambu*. 2003. 135p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação de Engenharia Ambiental. Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

REVERBEL, Olga. *Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressão*. São Paulo: Scipione. Coleção Pensamento e Ação no Magistério. 1993. 159p.

RIEDERER, Márcia. *Animais da nossa terra*. Curta Fresca, 2003. 43 p.

ROSARIO, Lenir A. *As aves em Santa Catarina*. Florianópolis: FATMA, 1996. 326p.

SANTA CATARINA. *Proposta curricular – Educação infantil, ensino fundamental e ensino médio*. Florianópolis, 1998.

Atividades Desenvolvidas:

Atividades semanais na Escola com professores e alunos. Saídas de campo para o reconhecimento dos ecossistemas locais, os tipos de degradação que ocorrem.

Visitas ao Centro de Visitantes para o desenvolvimento de atividades lúdicas, interpretação ambiental, e o acompanhamento a pesquisas realizadas no parque.

Trilhas interpretativas na Baixada do Maciambu.

Oficinas de teatro para a montagem da peça: construção de personagens; criação de textos dramáticos; criação do roteiro teatral; produção de cenários e acessórios cênicos.

Grupos de estudos com equipe do Centro de Visitantes e integrantes do NEA para embasamento sobre os temas abordados.

Apresentação da peça teatral na comunidade escolar em eventos afins.

Resultados Alcançados:

A experiência e os desafios que o acadêmico extensionista vivencia na comunidade torna-o conhecedor de práticas e teorias que, no futuro, lhe darão propriedade ao abordar questões pertinentes à área de trabalho que escolheu.

O desenvolvimento deste trabalho permitiu perceber que a Educação Ambiental se reforça entendendo que os alunos que vêm nessa experiência devem ser considerado imprescindível, quando se pretende a assimilação de conceitos e valores, visando uma mudança de atitude diante da realidade ambiental que se vive.

O Teatro-Educação apresenta-se como uma poderosa ferramenta educativa, sendo um atrativo para os alunos que vêm nessa experiência e uma oportunidade de sair da sala de aula para a aula do mundo, para a realidade. Ao vivenciar os conteúdos de maneira extrovertida com o teatro, os alunos experimentam um processo de aprendizagem diferenciado, entrando em contato com suas potencialidades pessoais e capacidades de trabalhos em grupo.

No processo de montagem da peça teatral, os alunos aprendem com a prática, a criatividade, a interpretação, o planejamento, a realização, a avaliação, a criação coletiva, o planejamento e a avaliação dos resultados. Além do aprendizado dos alunos-atores, uma peça teatral tem o potencial de disseminar o conhecimento para toda a comunidade escolar, atuando como uma célula difusora de saberes coletivos.

Hoje, considerando as comunidades locais na Baixada do Maciambu, existe uma demanda crescente no número de alunos interessados em participar das oficinas de teatro e atuar como agente ambiental multiplicador na comunidade, sendo de extrema importância o suporte que a universidade dá à continuidade das atividades.

Os temas desenvolvidos foram propostos como transversais às disciplinas de geografia, ciências, educação física, educação artística, português e história, de forma que a professora pudesse trabalhar em sala de aula, dentro do programa de ensino do ano letivo, amarrando os conteúdos e atividades do projeto de forma transdisciplinar.

Essa etapa do trabalho embasou os alunos para a interpretação ambiental e a criação coletiva de uma peça teatral; evento esse que socializa com a comunidade escolar o conhecimento construído ao longo do processo.



Projeto de Extensão Bolsista: **Adriana Guardiola Lunardi**

Orientadora: **Profa. Dra. Lúcia Ayala**

Financiador: UDESC

Contato: adrilunar@hotmail.com;

lucia_ayala@udesc.br.

Parceiros:



Fonte: arquivos próprios

[5] AULAS VIVAS: INTERCÂMBIO E IMERSÕES

Aqui a pesquisa passou por um processo de distanciamento da sua casa-parque, saindo do campo de origem e partindo para uma experiência, de trânsitos por trilhas em outro território. Em busca de uma ampliação da visão e de concepções acerca da educação ambiental. Essa experiência enriqueceu a pesquisa e o processo, articulando-se com a formação da educadora, que é objeto da pesquisa em curso. O meio que me trama é expandido com os movimentos e possibilidades que existem de intercâmbios entre as unidades de conservação. “Desterritorializo-me” (DELEUZE; GUATARRI, 1995) saindo da casa onde constituiu-se a base desse processo formativo, para ter novas experiências no campo de imanências da educação ambiental. Assim (nesses movimentos de sair de casa) me “reterritorializo” (DELEUZE; GUATARRI, 1995) em um processo contínuo de aprendizagem, formação e de pesquisa ao mesmo tempo. Através das saídas de minha base/casa, ao retornar, reconfiguro as coisas que faço ali, reconfigurando-se essa casa. Sigo contribuindo na construção e desenvolvimento do Programa de Educação Ambiental do Centro de Visitantes do PAEST, com experiências práticas, em busca do aperfeiçoando das metodologias e gerando conhecimento. O parque é a base/casa dessa formação que é marcada por uma intensidade de experiências nesse laboratório-vivo. Uma formação transversal que se complementa com a pesquisa e com o pesquisar, caracterizando-se pelo tempo e continuidade de trabalhos, que acontecem há cerca de 20 anos nesse território de aprendizagem, e que marca um início e uma trajetória em educação/educação ambiental. Dessa forma, sair dessa casa e ir em direção a outros lugares é um exercício de desterritorialização, gerador de experiências e aprendizados. Assim, essa pesquisa cartográfica também funcionou como um dispositivo de sustentação para uma prática educativa e uma formação que ganha força nas experiências de “desterritorialização” (DELEUZE; GUATARRI, 1995) e “reterritorialização” (DELEUZE; GUATARRI, 1995).

Ao longo de meu percurso formativo realizei trabalhos voluntários interagindo entre unidades de conservação, e outros espaços educativos (não formais) como sítios agroecológicos, conselhos e centros culturais comunitários. Posso dizer, que esse movimento já se constituía como pesquisa, porém, de uma forma mais solta, por acontecer de forma independente, autodidata e informal. Como pesquisadora vinculada a um programa acadêmico de pós-graduação, essas experiências passam a se constituir de forma diferenciada, e então, a moverem-se mais ligadas às questões da pesquisa em curso. Passo a considerar, dada a abertura da pesquisa que tenho empreendido nessa vinculação com a universidade, todas as saídas como movimentos de formação consideradas na pesquisa em pauta. Ir a campo com objetivos

cartográficos para vivenciar novos processos em outros territórios, dessa vez no bioma amazônico, foi mais um movimento em direção a uma “aprendizagem inventiva”, por meio de experiências práticas. Nessas trilhas de aprendizados, no desejo de ver diferenças, encontrar semelhanças, singularidades e significados nos caminhos percorridos, produzi novas tecituras na minha trama de formação. Caminhar em trilhas fora do território ao qual estou vinculada, vivenciar diferentes contextos educativos, percorrendo paisagens de outro bioma e lugares desconhecidos, me proporcionou novos alinhamentos e delineamentos nas questões da pesquisa.

O movimento de olhar para o que está “fora” e tornar a olhar para “dentro”, me provocou novas reflexões sobre educação ambiental, especialmente às práticas que acontecem no PAEST e contribuiu para a conclusão desse trabalho. As imersões fora do território onde atuo como educadora há mais de vinte anos de trabalho, funcionaram também como uma imersão para dentro, fazendo uma ponte entre novos aprendizados e a pesquisa. E, as questões que impulsionam essa pesquisa, ao acompanhar um processo formativo que se trama entre espaços formais e não formais de educação, andam juntos da pesquisadora em seus trânsitos também compondo muitas linhas dessa cartografia. Através do contato direto do corpo com o(s) meio(s), nas experiências empíricas, tramam-se as tecituras dessa formação em educação/educação ambiental.

Nesse meio, pesquisa e pesquisadora vão se constituindo através de uma trajetória transversal, que também sustenta uma prática educativa, a formação da educadora que colabora com um programa de educação ambiental em uma UC. Em um movimento retroalimentado dentro de um programa de educação ambiental que, ao mesmo tempo, vai sendo construído a partir de experiências, aprendizados e reflexões sobre as práticas, transformando-os. As linhas que compõem esse texto dissertativo fazem parte de relatos reflexivos sobre diferentes experiências e visões de uma educadora ambiental que atua em uma unidade de conservação há vinte anos, professora de geografia que trabalha na rede pública de ensino há treze anos e, agora, dessa pesquisadora mestrandona em educação.

Nesse sentido, vou ao encontro de uma espécie de um “trabalho de ver”, aprendendo com o “mestre Dom Juan” (CASTANEDA, 2013), da forma desafiadora como ensinava o antropólogo Carlos Castaneda (2013) em sua trama de aprendizados, descrita em seu livro “Uma estranha realidade” (CASTANEDA, 2013). No exercício desse “trabalho de ver”, o ancião indígena guiava o seu aprendiz em experiências para ampliar sua visão sobre as coisas para poder assim, tornar-se um homem de conhecimento. Um ancião, um mestre, com sua sabedoria e poder de guia mais apurado que seu aprendiz, ajuda-o a ver, o que ele por si só não

alcançaria tamanha profundidade. No aprendizado com o propósito de ver algo diferente do que estava dado, com o cuidado de extrair dessa experiência algo mais essencial e substancial do que apenas repetir métodos e um catálogo de atividades pré-estabelecidos. Nesse “trabalho de ver”, seguem pesquisadora, orientadora e aliados, na produção de uma cartografia em apareçam pistas de uma educação ambiental conquistada pela experimentação prática e não apenas por métodos pré-concebidos.

A interpretação ambiental vivenciada através das atividades multissensoriais propostas pelos guias das trilhas na Floresta Nacional do Tapajós e no Parque Nacional da Amazônia, além de despertar a percepção, imaginação e os sentidos, ampliaram minha visão sobre processos que ocorrem na educação ambiental dentro de uma unidade de conservação. Passar por outros contextos, estando dentro dessa perspectiva do “trabalho de ver”, funcionou para mim como uma “lupa” que foca num detalhe, e ao mesmo tempo como uma “luneta” que olha para fora e acessa uma visão de longo alcance para dentro do cosmos. O exercício de ampliar a visão por meio de “experiências fora”, me ajudou a “ver dentro”, com mais clareza, acerca das práticas de educação ambiental que vêm sendo realizadas no centro de visitantes do PAEST. Por isso o “método Dom Juan” (CASTANEDA, 2013), nesse esforço de ver o que está além do visto em primeiro plano, extraíndo o diferente, me ajudou a compreender melhor o que move e como funciona a prática educativa que habita nessa minha casa/parque. Transitar por diferentes territórios de aprendizagem e por realidades distintas, como em um movimento nômade, me faz caminhar ao mesmo tempo no percurso da pesquisa e no percurso formativo, numa dupla articulação e tecendo novos fios nessa trama de aprendizagens.

O método de pesquisa por meio de intercâmbio com imersões em outros territórios de aprendizagem, foi um exercício importante para aumentar o meu campo de visão, mudando o ponto de vista habitual de olhar para as mesmas coisas, procurando ver coisas diferentes. Estar mergulhada em um certo meio e sedimentada pelo tempo, gerou essa necessidade de sair para “ver de fora pra dentro” e, assim, poder movimentar outras possibilidades de refletir sobre uma prática educativa e de fazer pesquisa. É como disse José Saramago: “sair da ilha, para ver a ilha”.

Nas expedições cartográficas entre comunidades ribeirinhas e UCs da Amazônia, me aproximei mais de temáticas como a sobrevivência e a sustentabilidade, entretanto, dentro de uma realidade bem diferente do que eu conhecia e imaginava. Lá, não consegui de imediato aplicar na prática o mesmo entendimento de sustentabilidade que estava acostumada como professora, a aplicar numa de aula de geografia ou em uma abordagem em educação ambiental. Percebi que havia uma forma genérica de interpretar o significado dessa palavra, e que, não se

aplicava naquele contexto. Para aquelas comunidades isoladas, percebi que esse conceito era afetado por especificidades que dizem de modos de vida, que fazem parte de uma outra realidade, que não a que eu conhecia, que parecia ser algo mais próximo de uma vida urbana. Naquele novo contexto para mim, sustentabilidade estava diretamente ligada a uma relação de subsistência, sobrevivência, um modo de vida totalmente influenciado por períodos de cheia e vazante do rio. Ainda poderia exemplificar essas diferenças contrastantes, em relação a refrigeradores, máquinas de lavar roupa, ou chuveiro elétrico, coisas que não existiam nas comunidades por onde passei. Na verdade, energia elétrica e água encanada e potável eram coisas precarizadas em muitas comunidades. Até mesmo no hotel no centro da cidade de Santarém, um dos mais movimentados, não possui chuveiro elétrico, pois a temperatura geralmente não baixa de 20°C. Percebi também um costume bem peculiar em comunidades isoladas, o uso do *girau*, uma espécie de bancada onde é feito toda a função doméstica como limpeza de peixes e caças, preparação de alimentos, lavagem de louças e roupas utilizando-se de bacias e mangueiras. A impressão de que fiquei é que o conceito usual de sustentabilidade, da forma como aparece dentro do currículo escolar precisa ser complementada, para alcançar tamanha riqueza cultural e noção de desenvolvimento a que se propõe.

Através das *aulas vivas* dadas pelos guias nas trilhas e demais comunitários, entrei em contato com etnoconhecimentos relativos aos diferentes modos de viver regionais, dos povos indígenas, e da natureza dos territórios por onde passei. Foram vinte e quatro dias circulando entre comunidades ribeirinhas nas regiões do médio e do baixo Tapajós, por trilhas do Parna Amazônia e da Flona Tapajós, e em cidades-portos: Itaituba e orla de Santarém, onde as águas dos rios Amazonas e Tapajós se encontram.

Fui para a Amazônia com a intensão de ver modos de funcionamento de como a educação ambiental acontece em duas unidades de conservação, daquele bioma florestal e em suas comunidades ribeirinhas. Entretanto, pensava que iria conseguir me desviar das zonas de conflito que envolvem o garimpo, o desmatamento, a discriminação com os povos indígenas, porém, essas realidades me afetaram e afetam o cotidiano das comunidades, não tive como fugir disso, e essas questões estiveram presentes o tempo todo nas experiências. Adiante descrevo mais dessas percepções em uma sequência de *aulas vivas*, dessa imersão.

Imersa nessa trajetória de acontecimentos, emergiram pistas importantes dos processos educativos cotidianos, que foram se configurando em meio as *aulas vivas* e a pesquisa. A cada passo dessa nova trilha de experiências e aprendizados, fui aprendendo uma maneira de observar, sentir, ouvir e me mover, entre perguntas que funcionavam como dispositivos para que eu fosse percebendo as especificidades e as diferentes realidades que envolvem aqueles

territórios. Especialmente, procurando capturar o quê de educação ambiental eu poderia encontrar e vivenciar nesses encontros.

Desde a primeira vez que vi o termo *aula viva*, passei a buscar em minha prática educativa, perceber e conceber o que poderia ser uma aula, ou uma interpretação ambiental mais significativa e envolvente, mais “viva” dentro de mim. Assim, a seguir, apresento uma sequência de *aulas vivas*, trazendo um pouco dos aprendizados amazônicos, dessa imersão que ajudou-me a ampliar minha visão sobre processos educativos que acontecem nos contextos de uma UC.

AULA VIVA 1 – OS RIOS VOADORES

Estava encantada com a massa de ar úmido que cobria aquele emaranhado de rios, ao sobrevoar a região na chegada em Belém do Pará (fig. 22). Ao desembarcar no aeroporto, ao reativar os dados móveis da internet passei a receber várias mensagens no WhatsApp. Uma das mensagens que recebo é do professor de geografia, que havia pegado a vaga que eu ocupava antes de começar a receber a bolsa de pesquisa e sair para esse intercâmbio, ele me indagava ansioso sobre sugestões de como poderia entrar nas aulas seguindo meu plano de ensino, de onde eu tinha parado com a matéria. A primeira ideia que me veio, na distância territorial que estava, foi de compartilhar minha experiência prática daquele momento presente com os estudantes, sugerindo que o professor conversasse como os alunos sobre o lugar que a professora deles estava nesse momento. Estava pousando e já estava imersa fisicamente no bioma que estávamos estudando nas aulas de geografia do Brasil e que eu acabava de chegar em Belém, capital do estado do Pará, uma região da Amazônia. Aterrirei no aeroporto de Belém tomada pela emoção de ter sobrevoado a Floresta Amazônica em meio aos “rios voadores” no céu, e o conteúdo que eu estava trabalhando com os estudantes era exatamente esse: “rios voadores”.

Mandei algumas fotos, filmagens e narrativas que acabava de fazer motivada pela emoção de atravessar o céu do bioma amazônico, onde eu vivenciava na prática os conteúdos curriculares em questão na nossa conversa. Sim, eu estava imersa entre os “rios voadores” e havia logo menos explorado com a turma do 3º ano do ensino médio esse fenômeno natural que ocorre na região norte e influencia quase todo o território brasileiro. Enviei fotografias e vídeos que tinha acabado de fazer no avião e escrevi pequenos textos para incluir na apresentação de slides que o professor estava montando e havia pedido minha contribuição. Achei muito boa a intenção do professor em fazer um gancho com os conteúdos que vinham sendo trabalhados de onde eu parei, e incrível a sincronicidade em poder compartilhar a minha experiência prática dando mais sentido e significado para a matéria que eles estudavam em classe. Eu não podia fugir da ideia de *aula viva*. Acabava de chegar naquele campo de ressonâncias como pesquisadora e logo acessando na prática conhecimentos que se tornariam logo mais uma série de *aulas viva* que já começavam a emergir dessa pesquisa cartográfica.

O professor, que me substituía, apresentou-se como sendo recém-formado e com pouca prática em sala de aula. Ficou entusiasmado pela proposta de fazer a conexão entre as imagens e narrativas que eu lhe enviava, e se empolgou com a ideia das *aulas vivas*, baseadas nas experiências de campo daquela professora pesquisadora. Assim, conversamos por horas a fio sobre como é uma prática que almeja pela coerência, por significar conteúdos ancorados no

território e ser mais envolvente do que apenas abordar as unidades temáticas estabelecidas pela BNCC no livro didático de forma estática, e até mesmo posso dizer, morbidamente. Desse modo, reforçava minhas concepções de que as imersões funcionam também como um laboratório vivo, e os aprendizados conquistados nas experiências em contato direto com o(s) meio(s), tornam-se verdadeiras *aulas vivas*.

AULA VIVA 2 – MC KERERÉ



Através da receptividade, do encantamento e da guiança de Kereré (como foi apelidada em uma aldeia Caiapó), a funcionária da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

que conheci no mercado público de Santarém, me levou até Jorge Waiwai, o indígena que fazia os colares que eu estava procurando. Uma das principais características do artesanato Waiwai são os artefatos com sementes de *Morototó*, uma árvore da Floresta Amazônica. A produção artesanal é feita majoritariamente pelas mulheres da aldeia que cozinham as minúsculas sementes para que possam ser furadas e fazem os tingimentos de preto e vermelho. As aldeias dos povos Waiwai se concentram na calha norte do Brasil, na divisa com a Venezuela, formadas pela integração de várias etnias que foram agrupadas, em busca de uma sustentação para resistir as ameaças de serem extintas com o crescimento das cidades e das ocupações e usos predatórios e irregulares do território amazônico.

Jorge Waiwai é graduado em Biologia pela UFOPA. Kereré ao me contar uma parte de sua história de vida, me fez “ver” uma realidade que eu não conhecia: questões que envolvem essa forma de inclusão social de estudantes indígenas que frequentam a universidade pública. Posteriormente, nessa viagem, conheci outras pessoas que também me colocaram fatos dessa dura realidade que envolve tanto o convívio no campus universitário, quanto as dificuldades para conclusão dos cursos, o reconhecimento e a inserção social depois de graduados. A brigadista que me relatou situações de discriminação que ocorrem frequentemente em sala de aula, onde estudantes não indígenas se recusam a sentar-se em grupos misturados com estudantes indígenas. Kereré tem uma boa relação com muitos povos indígenas das regiões do baixo e do médio Tapajós. Acabamos ficando amigas e tivemos vários encontros, sempre recheados de saberes da causa indigenista a qual ela é atuante.

Em Alter do Chão, lugar conhecido turisticamente como “caribe amazônico” por suas belíssimas praias de areia branca em contraste com as águas esverdeadas do rio Tapajós, Kereré me apresentou para as *Suraras*. Essas mulheres indígenas artistas e ativas no movimento de resistência dos Borari, desenvolvem trabalhos com grafismo indígena, música, cerâmicas, artesanato, moda e educação indígena em escolas da região de Santarém, no baixo Tapajós. As *Suraras* são parentes e descendentes da etnia Borari que viviam isolados nessa região, até a década de 70. Me contou com orgulho uma das integrantes da *Suraras*, que naquela época ocorreu o primeiro receptivo ao turismo de Alter do Chão na Ilha do Amor: “Minha avó fez o primeiro peixe assado, sendo assim a primeira “Piracaia” (fogueira na beira do rio a noite, tipo uma festa na praia com peixe assado) na Ilha do Amor para turistas”.

A ilha do Amor é um banco de areia que aparece no baixo Tapajós no período de vazante e fica próxima ao grande encontro das águas do rio Tapajós com o rio Amazonas. A moda e a arte das *Suraras*, atravessou o oceano atlântico, circulando nas redes culturais em países europeus, com clipes, manifestos de resistência de povos originários, roupas com grafismo indígena e cerâmica Borari. Todo esse contato com as etnias na Amazonia pelos lugares que passei, me fizeram ver com mais claridade a importância do trabalho que começamos a fazer no PAEST de integração com os Guaranis das aldeias das TIs que estão sobrepostas com áreas do Parque.

AULA VIVA 3 – ENCONTRO DAS ÁGUAS



Da orla de Santarém, pode-se avistar o encontro das águas dos rios Tapajós e Amazonas. Essa cena foi muito emocionante, e gerou um profundo encantamento para mim e minha parceira de viagem. Desde a visão superior na aterrissagem e na decolagem do avião, quando avistamos da janela do hotel e ao caminhar na orla da cidade (fig. 23), nos encontramos, eu, minha amiga Anna Maria Gavião Escobar e as águas daqueles rios imponentes, em um grande encontro. Eu a pesquisar sobre educação ambiental e Anna sobre as plantas medicinais e aromáticas da floresta Amazônica, nos encontrávamos imersas naquelas dimensões colossais e abissais, de diferentes modos de vida, diversidade de saberes e realidades contraditórias. Esse volume todo de águas que se encontram e se represam ao mesmo tempo com suas diferentes cores contrastantes, também se mistura até que o gigante Tapajós de águas esverdeadas desapareça nas águas amarronzadas do imponente Rio Amazonas. O encontro de águas, assim como o período de vazante e de cheia dos rios, determina os modos de vida na região. As chuvas comandam toda a dinâmica social e econômica das cidades e comunidades ribeirinhas. Infelizmente presenciamos uma tragédia anunciada, que nos foi contada e premeditada pelas mulheres brigadistas que conhecemos na região do médio Tapajós. Em tom de desabafo, colocaram a realidade degradante de vidas e dos ambientes afetados pelo garimpo irregular que, segundo elas, com uma percepção bem apurada, expressaram sua preocupação pela maneira desenfreada que se alastram as dragagens ilegais no rio. Foi alarmante na entrada do inverno amazônico em janeiro de 2022, no período de cheia do rio, a turbidez que tomou conta e alterou a sua cor esverdeada no baixo Tapajós, revelando as consequências da intensidade da atividade garimpeira no médio curso do rio. Uma *aula viva*, reafirmando que as consequências ocorrem, embora nem sempre sejam vistas numa escala macro como nessa região de gigantes rios caudalosos, na maior bacia aurífera do Brasil, onde os rios também correm no céu. O encontro das águas do Tapajós com o Amazonas, me levaram ao encontro da educadora pesquisadora que encontrando-se fora da sua casa de formação, aprende, apreende e depreende-se com o que para ela é novo, diferente e marcante. Ir ao encontro das águas desses gigantes me colocou em um fluxo de aprendizagem em que pude ver melhor e reforçar essa ideia de o quanto as águas de um lugar determinam os caminhos a serem percorridos pelas sociedades. Cursos e marcas d'água gigantes ou menores como as bacias hidrográficas do PAEST são uma força presença da natureza que pede passagem e impõe modelos de desenvolvimento e de planejamento territorial.

AULA VIVA 4 – MULHERES E GARIMPO



Eu não estava procurando por assuntos polêmicos, como as zonas de conflitos, porém esses assuntos vieram em minha direção diversas vezes, como um desabafo das pessoas que ia conhecendo durante a minha estadia nas comunidades. Acho que isso que chega na direção do pesquisador mostra o quanto ele está aberto a tais assuntos. Assim, conheci três mulheres brigadistas que me expandiram a consciência sobre a realidade socioambiental do garimpo e a forma de “ver” esse território.

Elas me contaram ressentidas e ao mesmo tempo com orgulho de serem protagonistas daquela chocante história de degradação humana e ambiental. Nessa conversa aprendi termos utilizados em garimpos, fiquei sabendo de coisas que nunca havia parado para pensar ou imaginar sobre a vida das mulheres do garimpo: desde prostituição; trabalhos domésticos nas dragagens; jovens mulheres que fogem de sua família para tentar uma vida nova na cidade; a vida nas “cidades ilegais” (nícleos urbanos que se formam em função do atendimento com serviços e comércios para os garimpeiros); a dinâmica de alastramento e de fugas das dragagens; o trabalho manual nos barrancos do rio; o apoio em ações de fiscalização; a cumplicidade contraditória na luta por sobrevivência; e a falta de esperança em um futuro melhor. Nessa realidade a palavra sustentabilidade não encontra um encaixe e nessa conversa com elas o termo educação ambiental soa quase como um desafogo.

AULA VIVA 5 – OURO, DIAMANTE E ESMERALDA

Em minha trajetória imersiva circulando nessa região que é classificada como maior bacia aurífera do mundo, a província mineral do Tapajós, fui encontrando muitas forças-presenças pelo caminho. Em um vilarejo ribeiro, encontrei uma “pedra preciosa e rara”, a Dona Esmeralda, chamada pela vizinhança das comunidades adjacentes de “a matriarca daquela vila”. Essa senhora tem algo a ver mesmo com um “diamante” pela sua resistência e brilho. Foi a professora fundadora da escola de sua comunidade ribeirinha isolada na região do médio Tapajós. Dedicou sua vida à educação das crianças, jovens e adultos de sua comunidade, que leva o seu sobrenome em sua denominação, situada no entorno do PARNA Amazônia. Em nossas conversas ela foi me contando partes de sua história de vida, como a triste lembrança de que teve sua casa levada inteirinha por uma cheia do rio na década de 70, quando era apenas uma jovem menina, de sua “fuga” para a cidade para poder estudar, até a fundação da primeira e única escola que existe na sua comunidade até hoje.

AULA VIVA 6 – O GUIA PASSARINHEIRO



Gilberto, o guia apelidado ‘passarinheiro’, é o mais antigo do parque, foi ele o mateiro que abriu e mapeou as principais trilhas para o uso público do PARNÁ Amazônia, há mais de 20 anos. Dedica sua vida desde jovem a esse trabalho e me contou que “sonha” com um modelo de educação ambiental onde todos se reconheçam como pertencentes a natureza. As coisas que ele falava durante as conversas nossas na trilha, era uma interpretação ambiental cheia de significados e contações de histórias de vida, parecia um almanaque de sobrevivência na floresta. Gilberto é um grande conhecedor das trilhas, demarcou esses caminhos no período de implantação das trilhas oficiais do parque, e conta emocionado do episódio em que se perdeu e sobreviveu por dias utilizando os seus conhecimentos sobre os recursos da natureza selvagem. Possuidor de um vasto conhecimento étnico sobre as plantas medicinais e comestíveis da floresta. Trilhar no parque com a sua guia foi uma experiência multissensorial incrível, ao propor as vivências e fazer as abordagens, associava os diversos usos das plantas e dos lugares à formação socioespacial da região. Durante a trilha passamos por muitas sensibilizações, como degustação, olfato e audição, ou seja, uma *aula viva* (fig. 23) dada pelo guia com muito conhecimento prático como ele mesmo gosta de dizer, aula essa, composta por saberes e fazeres de povos que viveram e vivem na e dá floresta.

O guia passarinheiro se dedica há mais de duas décadas a esse trabalho, aprendeu inglês atendendo os pesquisadores estrangeiros, principalmente os ornitólogos, e se tornou um grande fotógrafo de aves, com registros únicos de espécies de difícil avistamento. Ele é um acervo vivo do parque! Por ser o mais experiente, ele é o mais requisitado para as guiadas, porém, ele segue seu legado com sérios problemas de saúde, oriundos de uma vida com trabalho pesado desde sua infância, que afetou sua coluna em vários pontos. Amante da natureza, do parque e especialmente das ararajubas, ele comenta que não quer parar de guiar, é movido pela sua paixão em estar contribuindo para a sensibilização e o envolvimento das pessoas com o que ele chama de bem comum mais precioso, a natureza. Nas trilhas do Parque Nacional da Amazônia, na abordagem feita pelo guia, a temática gira em torno dos conhecimentos sobre os animais e suas interações, as plantas medicinais e comestíveis, os hábitos dos povos originários, e de como sobreviver na floresta. Falas que trazia carregadas de emoção, ao expressar suas lembranças de ter se perdido na mata, onde ficou por dias sobrevivendo graças àqueles conhecimentos que se esforçava para nos passar durante a trilha.

Nesse contexto a cada dia vivido por lá me questionava sobre que tipo de educação ambiental acontecia ali. O que estava vendo e aprendendo de novo sobre essa forma de educação ambiental que acontecia naquela trilha? Em um certo momento eu pergunto para ele se o parque recebia turmas escolares. O que eu ansiava por saber era de que forma as crianças,

os jovens e os educadores usufruem do potencial daquelas preciosas *aulas vivas*. A resposta veio com um ar carregado de tristeza quando ele responde que há mais de quatro anos o parque não recebe mais visitas de escolas, após um trágico acidente com afogamento e morte de uma criança durante uma excursão na UC e que naquela ocasião traumática ele havia sido o guia. Ocorre que a UC é localizada às margens do rio Tapajós, em uma zona de muita correnteza e de profundidade que apresenta riscos, e os banhos eram permitidos apenas em um pequeno trecho, porém o estudante se desviou do local permitido e do raio de atenção da professora e do guia. Esse fato da realidade expõe uma problemática muito presente em torno de visitas a ambientes naturais.

Volto a lembrar do PAEST e temos inúmeras cachoeiras nas áreas de serras protegidas pela UC, onde também já houve situações de afogamentos e morte. Por esse motivo recorrente em áreas naturais e parques onde existem cursos d'água, há uma portaria na secretaria de educação do estado de Santa Catarina que adverte a visitação de turmas escolares em locais onde há corpos de água, sendo expressamente proibido o banho nesses locais, durante as excursões. Fatos e acontecimentos que requerem nossa atenção, compreensão e ações resolutivas para essa face da realidade que se opõe a proposta de levar as pessoas para a natureza para aprender com ela. Perigos, riscos e limites que balizam a visitação e pedem por programas educativos onde a “conduta consciente” em áreas naturais é uma importante diretriz que orienta essa modalidade de uso público da UC.

Entendo que conhecimento e autoconhecimento são interfaces presentes na proposta de aprender no contato com a natureza e que a experiência positiva deve ser uma premissa nos processos de educação ambiental. Estar na natureza pode ser uma experiência agradável para uns e desagradável para outros. As memórias dessas experiências deixam marcas na formação e educação que tem como sala de aula ambientes ao ar livre. Na trilha da Gameleira no Parna Amazônia tivemos um enorme desafio ao ter que atravessar correndo locais de formigas corredeiras enormes, quase um “aprender a flutuar” na ponta dos pés sobre a fila larga desses animais que não deixaram de morder onde conseguiram em nossas canelas e tornozelos. Apenas formigas, porém um perigo eminente na trilha.

O cuidado e o silêncio também nos colocam em estado de vigília para a possibilidade de cruzar com uma onça ou com manadas de porcos selvagens, que pelo visto eram os mais temidos por serem bandos numerosos de animais agressivos. Há orientações nas placas para deixar os trilheiros atentos a alguns dos riscos que existem ao adentrar uma floresta densa. Aqui, cabe uma reflexão importante na noção que temos acerca da educação ambiental: como se lida com um medo que permeia esse meio onde queremos vivenciar e se sentir parte? Que medo é

esse que enfrentamos ao adentrar um lugar desconhecido ou ao qual não pertencemos mais? Muitas perguntas me ocuparam naqueles dias, ao longo das trilhas, e nas escutas dos guias: o que se aprende ali? Qual educação ambiental atingimos ao percorrer uma trilha numa mata imponente como a Floresta Amazônica? O que posso trazer para minha “casa -parque” de significativo a partir dessas imersões? O que estava sendo modificado em mim nessa imersão? Eram perguntas que me acompanhavam junto aos encantamentos que me envolviam no percurso. Ser guiada pelo pioneiro do parque me devolvia a segurança que o medo me roubava a cada percepção de perigo durante a trilha.

AULA VIVA 7 – A ÁRVORE QUE FALA



Reencontro com a Sumaúma gigante da principal trilha da comunidade Maguari no interior da FLONA TAPAJÓS, conduzida junto a um pequeno grupo pelo guia comunitário coordenador dos condutores ambientais locais. O mateiro, educador, artista e guia, que ajudou a implementar as trilhas na floresta e a desenvolver a interpretação ambiental no percurso de 7 quilômetros que leva até a “vovózona”, como é chamada a árvore milenar. Indaguei-o sobre a arte da imagem de sua camiseta, e ele respondeu com alegria que foi o criador do desenho que contempla os principais atributos do lugar: a ave chamada de Maguari, habitante dos igarapés do rio Tapajós; a ponta do Maguari, uma praia de areia branca que emerge no curso do rio, por dois a três meses ao ano na época de sua vazante; as tendas com telhado de palha, moradia típica da região e em primeiro plano a Sumaúma Gigante (fig. 24).

Conversamos muito ao longo da trilha e ele me falava sobre seus sonhos de implementar o centro de visitantes da comunidade, sua organização e autogestão no ecoturismo da UC. A sua comunidade tem um forte senso de organização e auto-gestão, onde os comunitários se revezam nos papéis de liderança para os diferentes setores: abastecimento de água, guia nas trilhas, produção dos artesanatos como biojóias feitas com sementes, esculturas e outros artefatos feitos em látex, fornecimento de refeições para os turistas, hospedagens (redários e apenas uma pousada com quartos), comercialização de produtos do extrativismo como óleos vegetais de andiroba, copaíba, pequi, entre outros, sendo essas atividades todas planejadas, avaliadas e geridas coletivamente pelos comunitários. Foi uma incrível experiência o reencontro com a *Sumamúma* e toda a magia da trilha com o guia comunitário e artista, que apresenta a natureza em todos seus encantos possíveis no curso de 15km de ida e volta. Numa caminhada de 4 horas, guiada com excelência, o nosso guia faz menções a rica biodiversidade da Floresta Amazônica e demonstra práticas e conhecimentos etnográficos com maestria. Encantados, seguimos caminhando pela floresta e vivenciando as oportunidades de se conectar com a medicina e o alimento bem como com os modos de vida e ancestralidade existentes no bioma amazônico. O óleo de copaíba nos proporcionou uma *aula viva* diretamente da sua fonte primordial, espocando da Copaiabeira. Os macacos bugios nos acompanharam pelas margens da trilha e o Capitão-da-mata vai assobiando para nós em alguns trechos, se comunicando com o mateiro que imita o som desse pássaro. Também encontramos vestígios de fezes de onça pintada e suas ranhuras em troncos de árvores e muitas tocas de aranha-macaco. As resinas, os breus e os corantes eram extraídos ao vivo pelo guia que ia propondo pinturas na nossa pele nos propiciando uma sensação de integração com o meio, desenvolvendo um trabalho extraordinário de interpretação ambiental.



Sumaúma gigante na comunidade Maguari na FLONA Tapajós em Belterra, PA.

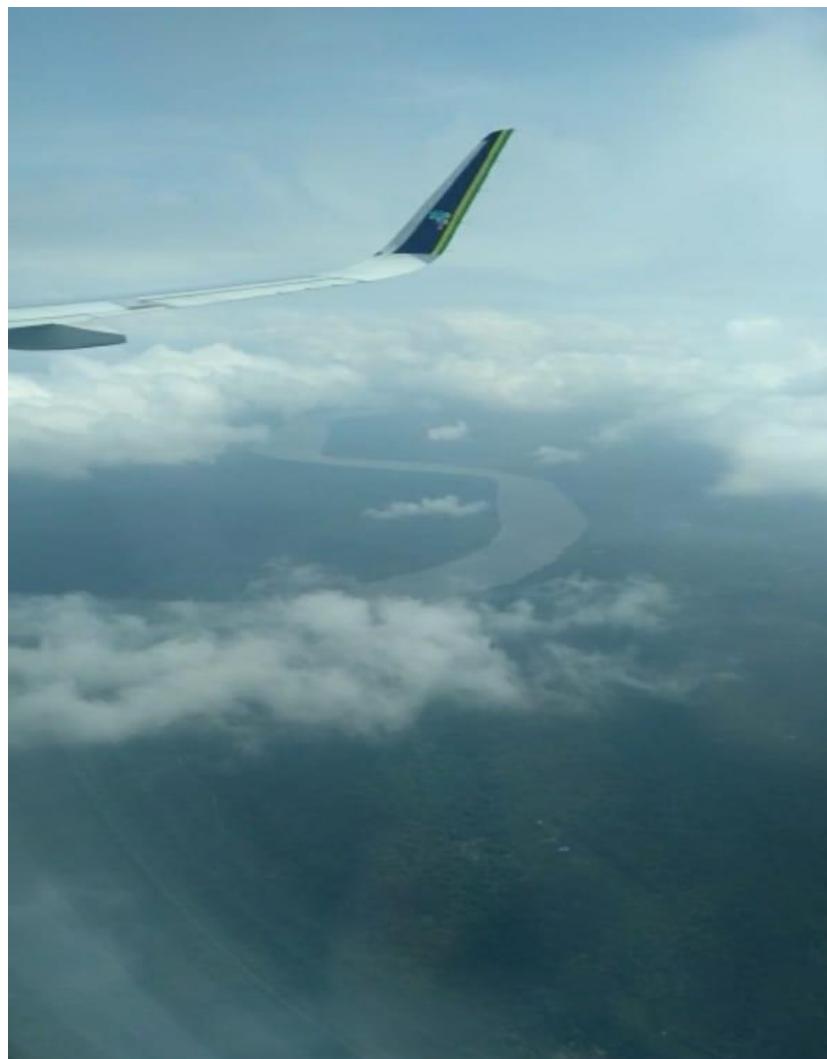
AULA VIVA 8 – UMA REFLEXÃO

Nas próximas linhas apresento uma carta que escrevi enquanto estava nessa imersão, para Juliana, minha amiga e colega, pesquisadora e educadora ambiental do PAEST.

Oi, Ju, como combinamos, te escrevo essa carta contando um pouco das coisas daqui, com a intenção de fazer algumas consolidações entre tantas experiências e aprendizados... O contato com os povos originários e as comunidades ribeirinhas no entorno das UCs do bioma amazônico me ressaltaram coisas importantes do trabalho que estamos realizando aí no PAEST: a aliança com os Guarani, e os vínculos com as comunidades escolares, em processos continuados de educação ambiental unindo parque, pesquisa, e turismo de base comunitária. Existem universos paralelos reais e concretos, numa viagem para outro território, a gente entra em contato com outras realidades, diferentes do nosso mundo cotidiano, do nosso lugar de viver... conhecer o lugar de viver de outras pessoas, comunidades ribeirinas, aldeias de povos originários que resistem em meio a desconfiguração dos ambientes naturais causadas pela configuração globalizada do sistema capitalista. Das pessoas que vivem as margens da cidade, as margens dos rios, e as margens de sua identidade. A ancestralidade foi uma força presente o tempo todo aqui, ainda que muitas conversas com os moradores e trabalhadores do lugar giraram em torno de não saber qual é sua descendência, muitos declararam saber que são de etnia indígena, porém não buscam ou não encontram as pistas de qual família ancestral vieram. Há os que sabem de sua etnia descendente, porém a sociedade não quer reconhecê-los como indígenas porque são ou estão temporariamente (des)aldeados. Esses são os que lutam, resistem, fazem movimentos artísticos culturais e políticos intensos para serem reconhecidos. Há também os que não se reconhecem com descendentes e se autodeclararam “não índio”. Aqui tem os Munduruku que se uniram aos garimpeiros pra terem alguma vantagem... (como me contaram por aqui), tem os Munduruku completamente urbanizados e tem ainda os que vivem em aldeias e querem preservar o modo de vida indígena de sua etnia, estão resistindo nas aldeias, porém muitos que vêm pra cidade passar algum tempo, e não conseguem mais viver isolados porque dizem que é tudo muito sofrido nas aldeias... esse universo aqui, tem muitas situações, condições adversas e histórias de vidas. Um Brasil invisível para quem está longe e vive em outro lugar. A realidade dos estudantes universitários que pelejam para entrar no ritmo acadêmico, sofrem discriminação,

preconceito e até perseguição. Uma aula viva sobre o que é sustentabilidade na prática, ou o que pode ser... quando deflagramos processos de educação ambiental, onde trabalhamos com conceitos dados ou fechados, pensamos numa realidade homogênea, a qual estamos geralmente inseridos em nosso contexto urbanoide. Depois de conversar com a dona Esmeralda, que ela me contou algumas passagens de sua história de vida, eu fiquei por um tempo tentando conceber, como seria para essa moradora de um lugar isolado a 60 km adentro da floresta pelo trecho de estrada de chão da transamazônica, um trajeto que se estende cortando uma parte do território do PARNÁ Amazônia. Dona Esmeralda, vivia com sua família em uma ilha formada por partes de afloramento rochoso do rio Tapajós (uma província geológica que guarda um tesouro adormecido, o maior vulcão já existente no planeta), quando no final da década de 70 teve que sair porque perdeu sua casa devido a uma cheia que extrapolou o padrão de índice de chuvas naquele inverno... Ela saiu com sua família às pressas de barco e viu sua casa saindo rio afora. Se instalaram as margens do rio, no entorno do parque que acabava de ser decretado área de preservação, existe uma parte mal explicada, pois em algum momento tive a informação de que estavam dentro da área do parque... conflitos fundiários típicos das UCs... Essa senhora que já ensinava seus familiares quando viviam na ilhazinha no meio do rio Tapajós, ao chegar em sua nova territorialidade, a contragosto de sua família foi para a cidade em busca de estudo. Assim, fundou uma escolinha e deu aula enquanto sua saúde mental e física permitiu, justifica. Ela era professora, diretora, merendeira, chegou a ter mais de 40 alunos simultaneamente, de forma multisseriada. Em que momento da vida ela estudou? Ela se formou no magistério bravamente, confesso que não sei como ela ia para a cidade que fica 60km de sua vila. Ela conta que sua comunidade é oriunda do ciclo da borracha, plantam, colhem, caçam, pescam e comem “o que tem por perto” ... Os remédios pegam na floresta, no rio, os exames eles padecem para fazer na cidade. Suas casas têm madeira de pau a pique, telhado de palha e aos poucos o concreto foi chegando na vila. Bem, voltando para o trabalho com conceitos formados e aplicados em modos de vida homogeneizados pela globalização, me pergunto, quem sou eu, educadora ambiental que sou, para pensar e falar sobre sustentabilidade no contexto e território de dona Esmeralda. Que sustentabilidade eles têm, conhecem ou almejam? Essa pergunta ficou ressonando como um vazio dentro de mim...

Figura 22 - Rios voadores em Belém do Pará/PA



Fonte: arquivos próprios

Figura 23 - Encontro das águas em Santarém/PA



Fonte: arquivos próprios

Figura 24 - PARNA Amazônia em Itaituba/PA



Fonte: arquivos próprios

Figura 25 - Vila Rayol entorno do PARNA Amazônia em Itaituba/PA



Fonte: arquivos próprios

Figura 26 - FLONA Tapajós, comunidade Maguari em Belterra/PA (conjunto de imagens)



Fonte: arquivos próprios

Figura 27 - Sumaúma



Fonte: arquivo próprio

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cheguei até aqui. Poderia ter ido mais longe, mas posso afirmar que foi o corpo que deu a medida desta caminhada. Respeitei.

E até aqui entrei em contato com os materiais que me deram base para explorar uma ideia de formação, dando pistas sobre noções que vem sendo construídas e regendo uma prática de educação ambiental, que acontece entre espaços formais e não formais de educação, um meio particular que é o PAEST, comunidades escolares do seu entorno e a UDESC, como *lócus* para a reflexão desta travessia.

No trabalho não trato de apresentar uma proposta pedagógica para a Educação Ambiental, para que ela seja executada ou reaplicada em diferentes contextos de unidades de conservação e suas comunidades de entorno. Nem se pretende com essa prática em educação ambiental, ou com essa pesquisa de mestrado, que seja resolvida alguma questão crucial, como salvar a natureza, o ser humano ou a própria educação como área do conhecimento.

Dessa forma, não cartografei essa experiência apenas para contar tudo que aprendi nesse campo de trabalho e de pesquisa, ou propor um método replicável em outros espaços educativos. Tentei trazer à tona um modo de fazer e de aprender, que se trama com o meio, e que, ao mesmo tempo que vai se tramando uma educadora, professora e pesquisadora, vai se tramando também esse meio onde ela está inserida. Um processo singularizado, de mão dupla, e configurado nessa cartografia que explora o intensivo e o extensivo que abre um espaço de oportunidade para se refletir, analisar, fazer sentir e dar sentido a outros processos formativos, que podem ser entendidos, a partir desse dispositivo de ser visto e compreendido como uma trama.

As pistas que surgiram nessa cartografia apresentam a importância de se considerar o quanto se aprende com o meio e formamo-nos nesses emaranhados de experiências de vida. Pistas que dão a ver também, o quanto um percurso formativo nos diz sobre essa indiferenciação entre ser humano e natureza, o quanto somos um, ou somos o que somos, com o meio, e que esse meio nos trama o tempo todo, e ao mesmo tempo, intervimos nesse meio e que, no mesmo ímpeto, tramamos o meio. Somos junto! Noções que levam a perceber, que não nos separamos em nem um momento do meio onde interagimos, em um processo que se retroalimenta, constituindo os fios que sustentam uma trama formativa.

Quando Krenak (CONVERSA... 2023) nos diz, na série Conversa na Rede, do Ciclo de Estudos Selvagem, que: “A vida é selvagem e está em tudo, ela não se separa de nada”, e “os elementos estão falando” o tempo todo, da mesma forma que nós podemos falar com os

elementos. Encontrei aqui uma ressonância com essa noção, de que somos tramados pelo meio e ao mesmo tempo tramamos esse mesmo meio e assim intervimos no mundo. Não há lá está a natureza e aqui estamos nós. É junto. Nesse sentido, a intenção que atravessa essa prática educativa, e se revela nessa cartografia como sendo a questão de pesquisa, aproxima-se à visão dos povos originários, que concebem o meio como parte de um todo que é vivo, e onde tudo e todos fazem parte dessa teia da vida, mesmo o que, em nossa maneira de entender, não é vivo. Essa teia, que se trama com o que resiste, com o que tensiona, e que por se tratar de coisas vivas, elas brotam nesses meios e abrem espaços como brechas para nascer a vida. Quase como uma imagem que se assemelha a uma planta ruderal, que cresce em meios hostis furando estruturas duras, de forma sutil, porém resistentes e belos. Um gesto destas plantas no meio-concreto. Assim, as plantas ruderais também se tramam com o concreto, dessa mesma maneira, se dão processos formativos que experimentam a ruptura com modelos institucionalizados, de como deve ser a educação ambiental em uma UC, ou de como deve ser um educador que atua nesse meio. Uma prática educativa de formação que acontece e se transforma pela insistência de nossas atuações. Assim ela resiste e se torna resistência frente aos modelos que nos chegam.

A concepção de que fazemos parte do meio, que somos um com a natureza, permeia a prática educativa que está implícita nas atividades desenvolvidas no Programa de Educação Ambiental do Centro de Visitantes do PAEST. Na interpretação ambiental das trilhas, oficinas e ações de extensão dos projetos Tabuleiro em Cena, Bichos do Tabuleiro e Ateliê Tabuleiro, realizadas no Parque, onde convidam-se o público a participar de vivências e experimentações que promovem o contato direto com a natureza. Entretanto, nessas atividades, existe uma força presença (intencionalidade pedagógica), que visa romper com modelos pré-estabelecidos de educação ambiental, que se reproduz em unidades de conservação e mesmo em escolas, que estejam prontos em currículos genéricos. Uma ideia de construção coletiva de planejamentos e metodologias participativas, a partir de insurgências de narrativas, e propriedades emergentes que afloram nos encontros e trocas de rodas de conversa. E um grupo (somos uma espécie de coletivo a tramar junto as propostas) que estuda e estudo, o meio no meio dele.

Nesse mapeamento de experiências, apresentei apontamentos sobre um território de aprendizagem, que é o meio onde se trama essa formação e essa pesquisa em educação. A partir dos relatos reflexivos foram levantadas questões que nortearam essa pesquisa, e que revelaram um fractal do potencial formativo do trabalho desenvolvido pela equipe de educadores do Centro de Visitantes do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. O caminhar da pesquisa teve seu andar lentificado por ter sido iniciada em uma realidade pandêmica, e por questões de saúde

que afetaram também o processo que se desenvolveu em uma sobreposição de demandas do curso de mestrado, do trabalho docente, do atendimento às necessidades especiais da educação escolar de meu filho, no modo remoto imposto pela pandemia, e concomitante, ao trabalho como educadora ambiental no Centro de Visitantes do PAEST. Todavia o processo foi ainda dinamizado pela imersão feita no intercâmbio entre a Floresta Nacional do Tapajós e o Parque Nacional da Amazônia, nas trocas de experiências com comunitários, guias condutores ambientais e brigadistas do ICMBIO. Dessa viagem voltei para meu campo de pesquisa e território de origem, impregnada das *aulas vivas* que tive por lá, que tramaram a última parte do processo acompanhado por essa pesquisa.

A busca pelos referenciais teóricos que contribuíram nessa formação, teve apenas um início com esse trabalho de mestrado, pois, o campo a ser explorado apresenta inúmeras possibilidades de investigação e de modos de se fazer. Assim, esse trabalho pode vir a despertar interesse por outras pesquisas em outros pesquisadores nesse campo de ressonâncias do Parque, da educação ambiental, das comunidades escolares e da extensão universitária.

A noção “trabalho de ver” que peguei emprestado do livro “Uma estranha realidade” de Carlos Castanheda (1971) me ajudou a encontrar os fios que sustentam essa trama de aprendizados, através das experiências, e de um modo de fazer pesquisa que também se constituiu nessa trajetória. Um processo intrínseco de formação e pesquisa, que ocorre em um campo multidimensional, e um espaço temporal estendido, onde o conhecimento se constrói principalmente pelas experiências empíricas. Dentro dessa referência do “trabalho de ver” encontrei uma espécie de fio condutor para cartografar meus processos e com isso também os processos de uma unidade de conservação. Como pesquisadora, me aproximei de uma ‘aprendiz de feiticeira’, ao ser acompanhada pela minha orientadora que, assim como o Dom Juan guiou Castanheda para que ampliasse sua visão e alcançasse um conhecimento a partir de suas experiências. Aliás, para que eu tivesse a chance de ver o que até então não tinha visto, e de poder pensar com o que se passa a ver. Afirmo que é muito importante que alguém nos conduza a um ver que extrapole o que todo mundo vê, pois que já constitui a imagem do pensamento. Que nos conduza a um ver que nos libere do ver que só apresenta o já dado. Posso afirmar que dei um passo nessa direção.

Das noções que permeiam essa formação e essa pesquisa sobre uma prática de educação ambiental, surge uma proposta de educação inspirada na *junção de experiência e aprendizagem*, visando o aprendizado pela experiência, através do contato direto com o que está no meio e com os diferentes saberes, fazeres e sentidos que envolvem esse território de aprendizagem, que o

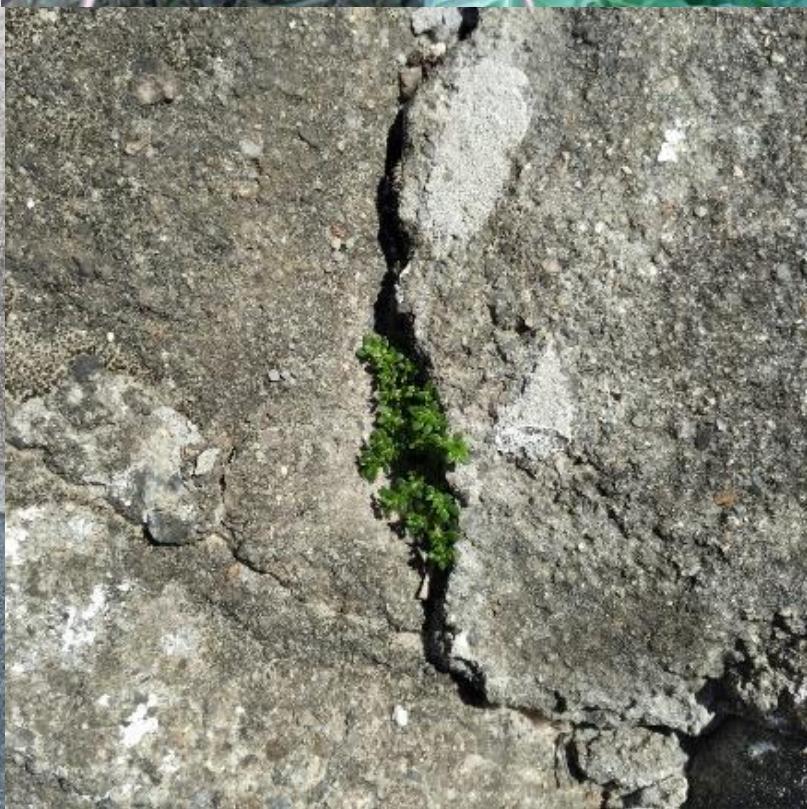
Parque representa para a sociedade. Uma proposta de reflexão sobre diferentes formas de se relacionar e se tramar com o meio, de uma prática pedagógica que procura por significâncias e vínculos afetivos, através de metodologias participativas e a produção de *aulas vivas*.

Estou diante de uma jornada de 22 anos no PAEST, percorrendo caminhos que foram se transformando em aulas de geografia, roteiros educativos com temas transversais, planos de ensino e projetos transdisciplinares. Através das *aulas vivas*, inspiradas no legado deixado pelo botânico Padre Raulino Reitz (SANTA CATARINA, 1975), pude acessar diversas possibilidades do potencial educativo deste território de aprendizagem.

Esse trabalho também ressalta a importância dos projetos de extensão universitária, que coloca o educando em contato com o campo docente e de pesquisa de forma que, o aprendizado dinamiza-se pela experiência prática, amplificando-se o processo formativo. A integração das ações de extensão do Parque, articuladas em planos de ensino, enriqueceram o currículo escolar de geografia, produzindo um repertório de conhecimentos e conteúdos com mais significados e conectadas com o território. Como por exemplo, preparar uma aula de campo sobre estudos da paisagem, e sair para ver o *gigante adormecido*, nas proximidades da escola. Experiências que são dispositivos potentes para deflagrar processos de aprendizagem que abarque múltiplas dimensões da educação. Compondo modos de fazer coletivos, que se interrelacionam em um mesmo território, um meio, onde educadores atuam, pesquisam e refletem sobre as práticas realizadas. Esse trabalho e experimentação coletiva, busca sempre indicadores, pistas e evidências, que sinalizem maneiras de realizar e dar continuidade nas práticas de educação ambiental no Parque e suas comunidades de entorno.

Por fim, entrego esse trabalho com uma “intenção ruderal” de colaborar com formações docentes, e contribuir com a implementação da educação básica, bem como a implementação da UC através de experiências singulares e do acompanhamento de processos diferenciados e singularizados pelas especificidades dos meios em que se tramam os fazeres, os saberes e nós.

Inspiremo-nos na força das ruderais. Prestemos antes atenção ao modo como elas se tramam com seus meios para furar estruturas rígidas como o concreto. Muitas vezes nossas práticas singulares têm essa força. O trabalho que se trama no parque é essa força de reexistir. Elas resistem ao concreto. Nós resistimos às políticas de formação, ao mundo determinista. Existir é resistir, e com isso reexistir. Essa dissertação, ao meu modo, é um ato de criação que inventa uma resistência.





REFERÊNCIAS

BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 4. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015. p. 52-76.

BICHO de Sete Cabeças. Direção de Laís Bodanzky. Brasil: Buriti Filmes, 2001. P&B.

BOAL, Augusto. **200 Exercícios e jogos para o ator.** 13 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1997. 123p.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores.** 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2004.

BOND, Rosana. **A Saga de Aleixo Garcia:** o descobridor do império Inca. Florianópolis: Insular. 1999. 86p.

BUENO, Austregésilo Carrano. **Cantos dos malditos.** São Paulo: Rocco, 2004.

CASTANEDA, Carlos. **Uma estranha realidade.** São Paulo: Nova Era, 2009.

CASTANEDA, Carlos. **Erva do Diabo:** os ensinamentos de Dom Juan. São Paulo: Best Seller, 2013.

CORNELL, Joseph. **Brincar E Aprender Com A Natureza.** São Paulo: Melhoramentos, 1996.

CONVERSA NA REDE. Rio de Janeiro: Selvagem Ciclo de Estudos Sobre A Vida, 2023. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ChUjJiLCDxs>. Acesso em: 07 fev. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** 67 ed. São Paulo: Paz e Terra. 2021.

LEMOS, Frederico Pacheco. **A vertigem da imanência:** Deleuze e Guattari diante dos riscos da experimentação. 2017. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

MASSEY, Doreen. **A mente geográfica.** Geographia. Niterói, Universidade Federal Fluminense. Vol.19, nº40, 2017.

O CAPITÃO Imaginário. Direção de Chico Faganello. Produção de Luiza Luz Lins. Música: Diogo de Haro. Santa Catarina: Filmes Que Voam, 2000. (52 min.), son., color.

PACHECO, José. **Aprender em comunidade.** São Paulo: Edições SM, 2014.

PIMENTA, Luiz Henrique Fragoas. **Estudo da geodiversidade e do geopatrimônio da Mata Atlântica do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e do mosaico das Terras do Massiambú com base em Sistema de Informação Geográfica (SIG).** 2016. 333 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, UFSC, Florianópolis, 2016.

PREVE, Ana Maria Hoepers. **Mapas, prisão e fugas:** cartografias intensivas em educação. 2010. 347 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas.** São Paulo: Edunisc, 2003.

REITZ, Raulino. **Flora Ilustrada Catarinense.** Itajaí: Edição de Raulino Reiz. 1965.

REVERBEL, Olga. **Jogos teatrais na escola:** atividades globais de expressão. São Paulo: Scipione. Coleção Pensamento e Ação no Magistério. 1993.

SANTA CATARINA. **Decreto n. SETMA nº 1.260,** de 01 de novembro de 1975. Cria o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, 1975.